

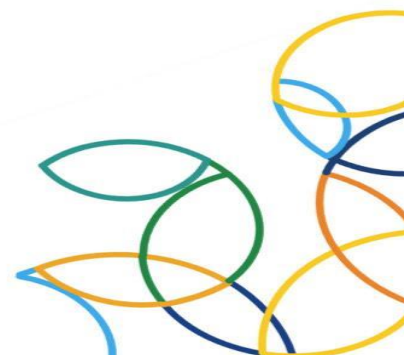


UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

MATHEUS FORTUNATO DA SILVA

G.R.E.S.
ESTAÇÃO PRIMEIRA DA EDUCAÇÃO:
SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA DE 2019 PARA CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, TRANSGRESSORA E CONTRACOLONIAL

Nova Iguaçu
2026





MATHEUS FORTUNATO DA SILVA

G.R.E.S.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DA EDUCAÇÃO:
SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA DE 2019 PARA CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, TRANSGRESSORA E CONTRACOLONIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Área de concentração: Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Orientadora: Profa. Dra. Adilbênia Freire Machado.

Seropédica/Nova Iguaçu
2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586g Silva, Matheus Fortunato da, 1997-
G.R.E.S estação primeira da educação: samba-enredo da Mangueira de 2019 para construção de uma educação antirracista, transgressora e contracolonial / Matheus Fortunato da Silva. - Nova Iguaçu, 2025.
96 f.: il.

Orientadora: Adilbênia Freire Machado.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2025.

1. Lei 10.639/03. 2. Samba enredo. 3. Estação Primeira de Mangueira. 4. Educação antirracista, transgressora e contracolonial. 5. Sala de aula. I. Machado, Adilbênia Freire, 1982-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta Dissertação, desde que seja citada a fonte

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

MATHEUS FORTUNATO DA SILVA

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DA EDUCAÇÃO: SAMBA-ENREDO
DA MANGUEIRA DE 2019 PARA CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, TRANSGRESSORA E
CONTRACOLONIAL

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Dissertação aprovada em 22 de AGOSTO de 2025.

BANCA EXAMINADORA:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

ATA Nº 639/2025 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)
(Nº do Documento: 4396)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 03/09/2025 13:58)
ADILBENIA FREIRE MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: ##30788

(Assinado digitalmente em 02/09/2025 19:50)
FERNANDA FELISBERTO DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
LEAFRO (11.39.00.09)
Matrícula: ##01487

(Assinado digitalmente em 02/09/2025 15:55)
RENATO NOGUEIRA DOS SANTOS JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: ##06589

(Assinado digitalmente em 23/02/2026 11:42)
HELENA THEODORO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.007-##

(Assinado digitalmente em 04/09/2025 16:57)
MATHEUS FORTUNATO DA SILVA
DESCENTE
Matrícula: 2023#####9

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **4396**, ano: **2025**,
tipo: **ATA**, data de emissão: **02/09/2025** e o código de verificação: **78495a34d5**

Dedico este desfile (dissertação), à minha avó, Regina Fortunato dos Reis, e ao meu pai, Floriano Montenegro da Silva. Duas pessoas que não estão mais presentes nesse mundo físico, mas que seguem vivas no meu pensamento e coração. Sem a interferência de vocês, não seria possível ter chegado aqui! Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Começo esse diálogo com os agradecimentos porque sei que nada seria possível sem a ajuda de muitas pessoas. Digo diálogo, ou conversa, pois a todo momento tentarei manter uma linha de compreensão acessível para todas as pessoas que possam ler esse trabalho. Portanto, não teria sentido elaborar uma escrita que não pudesse ser entendida por todos/as que tiverem vontade de conversar comigo nesta pesquisa.

Sem dúvidas, essa é uma parte que me toca muito porque me faz lembrar de pessoas que foram e são importantes em minha trajetória.

Primeiramente, agradeço a Deus e a toda espiritualidade que me rege.

Agradeço a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, Tonia Caetano Fortunato dos Reis. Obrigado por todo seu amor e compreensão comigo. Obrigado por toda sua força. Com certeza se cheguei até aqui foi porque você sustentou o meu mundo em suas mãos. Eu não sei o que seria de mim sem você na minha vida, mãe! Custei a entender que a senhora é a minha melhor amiga. Felizmente pude aprender com o tempo. Eu te amo, mãe! Poderia escrever linhas e mais linhas sobre o quanto sou grato por te ter na minha vida. Você é uma mãe perfeita!

Ao meu irmão, Felipe Manoel Fortunato da Silva, por ser meu amigo, parceiro e fechamento. Obrigado por me amar do jeito que eu sou. Obrigado por acreditar em mim. Eu te amo, irmão!

Ao meu grande amigo e irmão de coração, Luiz Fernando Reis Sales, uma pessoa que me acompanha muito antes de seguir carreira acadêmica e me inspira demais nesse caminho. Costumo dizer que nós somos amigos nessa vida e em todas as outras que iremos ter! Uma das grandes inspirações que me fizeram seguir o rumo acadêmico e me motivou a ingressar na universidade pública. Eu te amo, Luiz!

Ao meu amigo, Maurício Dias, um ser humano tão bondoso que me abraçou e me faz sentir parte de sua família. Uma pessoa única em minha vida. Você me motiva e me anima. A todas as rodas de samba que frequentamos e nos divertimos bastante. Obrigado por me deixar fazer parte da sua vida e por me influenciar positivamente.

À Thayná Soares, minha amiga que me acompanha em praticamente todas as minhas saídas para o samba. Uma pessoa que me escuta, me ama e fecha comigo. Obrigado pelo carinho e pela troca verdadeira. Sem dúvidas, a nossa paixão pela mangueira nos une cada vez mais. Obrigado por colorir minha vida! Te amo, minha marida.

Ao Marco Antônio, mais conhecido como “menino da mangueira”, por me aproximar cada vez mais da Estação Primeira de Mangueira e me fazer acreditar que possa ser possível unir o samba à educação. Obrigado por me dar as mãos.

À Layllah Dominick por me ajudar com as entrevistas e estar fazendo parte dessa jornada do samba. A Estação Primeira de Mangueira me deu a sua amizade de presente! Te amo, Luluzinha!

À Nátaia Stoco, minha madrinha e amiga, a primeira pessoa que conheci ao ingressar na UFRJ. Indubitavelmente, sem a sua ajuda, cuidado e carinho essa trajetória não teria sido fácil. Obrigado por tornar o ambiente universitário mais afetivo e amoroso. Eu te amo, Madrinha!

Agradeço a Luciano Marks que me ajudou a pensar o título desse desfile e me encorajou a tentar o mestrado. Obrigado por todas as conversas, afeto e conselhos. Você, sim, é uma pessoa especial em minha vida.

Ao meu amigo Bira, por ter sido uma das pessoas chave para que meu amor pelo samba fosse acordado. Obrigado por ter feito parte desse reencontro com minha identidade. Obrigado por esse afeto! Eu te amo!

A minha ORientadora, Adilbênia Freire Machado, por ter me aceitado enquanto seu orientando e me mostrar que podemos estar na sala de aula sendo do jeito que somos. Obrigado por corroborar na contracolonização do meu pensamento e por ter aceitado fazer parte desse desfile. Obrigado por acreditar na minha ideia, por mais doida que ela possa ter sido. Obrigado por acreditar mais em mim do que eu mesmo. Sem dúvidas, você ajudou a “acordar” a ancestralidade presente em mim. Afinal, vou com meu medo, mas vou assim mesmo!

Agradeço às minhas companheiras e aos meus companheiros de mestrado por terem feito parte dessa travessia. As pessoas que fazem parte do grupo de pesquisa Odus do Ser-Tão, eu sou grato infinitamente por estarem comigo nessa trajetória. Obrigado pelas leituras e pelas trocas.

Ao grupo que foi divisor de águas em minha vida: PET Conexões Baixada. Em especial, agradeço à Fernanda Felisberto, tutora do grupo que virou minha amiga e pessoa extremamente importante para que alcançasse o pensamento crítico racial. Sem seus ensinamentos e compartilhamentos essa dissertação jamais teria nascido.

À professora Helena Theodoro por fazer parte da minha banca. É muito gratificante ter referências vivas e que acreditam no meu potencial. Obrigado, professora!

Ao professor e amigo Renato Noguera por fazer parte desse desfile e por ter me ajudado sempre que precisei. Obrigado, professor!

E, especialmente, agradeço a todas as rodas de sambas, ensaios de rua, ensaios técnicos, ou seja, a todas as experiências que o samba pôde me proporcionar. Que sorte poder viver em uma era em que o samba exista! Obrigado, ancestralidade!

RESUMO

FORTUNATO, Matheus. **G.R.E.S. Estação Primeira da Educação: Samba-Enredo da Mangueira de 2019 para Construção de uma Educação Antirracista, Transgressora e Contracolonial.** 2025. 96.p Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2025.

No ano de 2003 foi sancionada a lei Nº 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação do ano de 1996 e tornou obrigatório o Ensino de Cultura e História Afro-brasileira dentro das instituições de ensino durante todo o segmento escolar. Tendo como base a referida legislação, percebe-se a necessidade de colocar em prática possíveis ações pedagógicas que se baseiem em métodos antirracistas e que corroborem para uma educação transgressora e contracolonial. Portanto, trago para a questão o uso do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira do ano de 2019 como aliado pedagógico para a construção dessa educação libertadora. Além de ter sido o samba campeão do referido ano, possui mais de três milhões de visualizações somente na plataforma do Youtube, isto é, um quantitativo bastante expressivo, o que faz com que o samba enredo tenha alcançado muitas pessoas. Por meio de toda sua contribuição histórica, social, cultural e política, o samba enredo conta a história que a história dos livros escolares não conta e mostra diferentes, além de positivas, narrativas sobre a população negra. Essa pesquisa tem como metodologia a pesquisa qualitativa, pois contribui para uma educação multicultural e que pense além da sala de aula, utilizando pesquisas bibliográficas e experiências docentes como instrumentos metodológicos. Dessa maneira, a fim de subverter a lógica racista, a presente dissertação se propõe a discutir de que forma a composição supracitada pode atuar enquanto aliada objetivando mostrar formas inovadoras, antirracistas e transgressoras para aplicação da Lei 10.639/2003. Assim, o samba e a Estação Primeira de Mangueira deram luz e coloriram de verde e rosa este pensamento corroborando fielmente com o objetivo principal da pesquisa.

Palavras-chave: lei 10.639/03; sala de aula; samba enredo; Estação Primeira de Mangueira; educação antirracista, transgressora e contracolonial.

RESUMEN

FORTUNATO, Matheus. **G.R.E.S. Estação Primeira da Educação: Samba-Enredo da Mangueira de 2019 para Construção de uma Educação Antirracista, Transgressora e Contracolonial.** 2025. 96.p Tesis (Maestría en Educación) - Programa de Postgrado en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares, Instituto de Educación e Instituto Multidisciplinario, Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, Nova Iguaçu, 2025.

En 2003, se promulgó la Ley n.º 10.639/03, que modificó la Ley de Directrices y Bases de la Educación de 1996 y estableció la obligatoriedad de la enseñanza de la cultura e historia afrobrasileñas en las instituciones educativas durante todo el año escolar. Con base en esta legislación, es evidente la necesidad de implementar acciones pedagógicas basadas en métodos antirracistas y que apoyen una educación transgresora y contracolonial. Por lo tanto, planteo el uso del samba-enredo de la Estación Primeira de Mangueira de 2019 como aliado pedagógico para la construcción de esta educación liberadora. Además de ser la samba campeona de ese año, cuenta con más de tres millones de visualizaciones solo en YouTube, una cifra muy significativa, lo que significa que el samba-enredo ha llegado a mucha gente. A través de todas sus contribuciones históricas, sociales, culturales y políticas, el enredo de samba narra la historia que los libros escolares no cuentan y presenta narrativas diferentes, así como positivas, sobre la población negra. Esta investigación utiliza la investigación cualitativa como metodología, ya que contribuye a una educación multicultural que piensa más allá del aula, utilizando la investigación bibliográfica y las experiencias docentes como instrumentos metodológicos. Así pues, para subvertir la lógica racista, esta tesis pretende discutir cómo la composición mencionada puede actuar como aliada, buscando mostrar formas innovadoras, antirracistas y transgresoras de aplicar la Ley 10.639/2003. Así, la samba y la Estación Primeira de Mangueira iluminaron y tiñeron de verde y rosa esta idea, corroborando fielmente el objetivo principal de la investigación.

Palabras-clave: ley 10.639/03; aula; samba enredo; Estação Primeira de Mangueira; educación antirracista, transgresora y contracolonial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dia de apuração na quadra da Mangueira.....	14
Figura 2 – Comemoração do meu aniversário de 28 anos	17
Figura 3 – Apresentação de pôster no II Copene Nordeste	18
Figura 4 – Mercedes Baptista	32
Figura 5 – Leci Brandão	44
Figura 6 – Tia Marilene, presidenta da ala das Baianas da Grande Rio	53
Figura 7 – Ludmilla	54
Figura 8 – Evelyn Bastos, atual rainha de bateria da Mangueira	60
Figura 9 – Dona Regina Fortunato dos Reis, minha avó	83
Figura 10 – Ensaio de rua da Mocidade com minha mãe, Tonia Caetano Fortunato dos Reis	85
Figura 11 – Vivendo mais um ensaio técnico ao lado da minha mãe	88
Figura 12 – Meu pai, Floriano Montenegro da Silva, me segurando na palma de sua mão	88
Figura 13 – Ensaio técnico da Mangueira em 2025	90
Figura 14 – Minha mãe e meu irmão comigo em mais um ensaio de rua	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[UFPB] [Universidade Federal da Paraíba]

[TEN] [Teatro Experimental do Negro]

[FNB] [Frente Negra Brasileira]

[MNU] [Movimento Negro Unificado]

[SEPPIR] [Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial]

[LDBN] [Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional]

[PCN] [Parâmetro Curricular Nacional]

[MEC] [Ministério da Educação]

[GRES] [Grêmio Recreativo Escola de Samba]

[R&B] [Rhythm and Blues]

[EP] [Extended Play]

[PET] [Programa de Educação Tutorial]

[LEGESEX] [Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidade]

GLOSSÁRIO

1. **Abre-Alas:** Vem logo depois da comissão de frente. O carro abre-alas é grande e precisa causar impacto às/aos juradas/os. Geralmente contam parte do enredo enquanto desfilam.
2. **Ala:** São formadas por pessoas da comunidade ou não, e tem o intuito de abordar partes da composição e da escrita do enredo. É costume a ala ser formada por cerca de 40 até 80 pessoas.
3. **Alegoria:** São carros menores, também descrevem parte do enredo, mas de forma mais específica.
4. **Arquibancada:** É o lugar de “cima” da Sapucaí. Onde é possível acompanhar a escola desfilando tendo uma visão maior. Nos dias de desfile oficial o acesso para a arquibancada é mais barato. Porém, o conforto é muito menor.
5. **Comissão de Frente:** É o grupo que abre o desfile da escola de samba. Tem como principal função apresentar o enredo de forma impactante para o público. A comissão de frente geralmente é composta por dançarinas/os e bailarinas/as.
6. **Desfile Oficial:** É o dia em que acontece o desfile da escola de samba valendo nota das/dos juradas/os. A entrada não é gratuita.
7. **Ensaio Técnico:** Como o próprio nome diz, são ensaios que ocorrem na Sapucaí e tem como função fazer os testes no carro de som e de luz. A entrada nos ensaios técnicos é gratuita.
8. **Escola de Samba:** É uma agremiação cultural brasileira que se dedica à prática e exibição do samba.
9. **Escola de Samba Mirim:** São escolas de samba feitas para as crianças participarem. Tem enredo, desfile, mas não são pontuadas.
10. **Frisa:** São os assentos que ficam praticamente colados com a escola enquanto desfila. São mais caros e separados por bancos. Cada frisa contém 6 assentos e o preço varia de acordo com a localização.
11. **Pavilhão:** Significa a bandeira da escola de samba. O termo é muito usado por pessoas nas escolas de samba.
12. **Samba Enredo:** É um gênero musical do Carnaval brasileiro, uma canção criada por escolas de samba para contar a história do enredo.
13. **Sapucaí:** Nome completo é Sambódromo da Marquês de Sapucaí, mas é mais conhecido e falado por pessoas do samba apenas de Sapucaí. Entretanto, o nome oficial é Passarela Professor Darcy Ribeiro. É um sambódromo localizado na zona central do Rio de Janeiro onde acontecem os desfiles das escolas de samba.

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO.....	11
SAMBA-ENREDO DA MANGUEIRA DE 2019.....	13
COMISSÃO DE FRENTE: É VERDE-ROSA A COR QUE GUIA MEUS PASSOS.....	14
1º CAPÍTULO – OH, ABRE ALAS: CUIDADO QUE A MANGUEIRA VEM AÍ!.....	24
1.1 – Alegoria: Expertise Negra Educadora	28
1.2 – 1ª Ala – Movimento Negro: Marco na História dos Brasis desse Brasil	30
1.3 – 2ª Ala – Heroínas Negras e Heróis Negros que construíram chaves para educação antirracista nesse Brasil.....	31
1.4 – 3ª Ala – Lei 10.639/03.....	37
2º CAPÍTULO – O MUNDO FOI FEITO DE SAMBA.....	40
2.1 – Alegoria: Pelo Telefone	42
2.2 – 4ª Ala – Semba	43
2.3 – 5ª Ala – Legislação e samba, tudo a ver.....	44
2.4 – 6ª Ala – Tias Baianas: Força aguerrida que abençoou o samba	49
2.5 – 7ª Ala – A Preta Venceu	54
3º CAPÍTULO - MANGUEIRA TEU CENÁRIO É UMA BELEZA	56
3.1 – Alegoria: Verde que te quero rosa	57
3.2 – 8ª Ala – G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira	58
3.3 – 9ª Ala – Atrás da Verde e Rosa só não vai quem já morreu	60
3.4 – 10ª Ala – Mangueira do Amanhã como lugar de ancestralidade.....	62
4º CAPÍTULO - SAMBA E EDUCAÇÃO: ALIADOS CONTRACOLONIZADORES E TRANSGRESSORES	64
4.1 – Alegoria: Sambando e Transgredindo	69
4.2 – 11ª Ala – O Samba Educador	70
DISPERSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

SAMBA ENREDO DA MANGUEIRA 2019

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões

(DOMÊNICO et.al, 2019)

COMISSÃO DE FRENTE: É VERDE-ROSA A COR QUE GUIA MEUS PASSOS

FIGURA 1:



Foto retirada na quadra da Estação Primeira de Mangueira. Fonte: o autor.

Na minha escrita de monografia, lembro-me que ainda não sabia ao certo quais seriam as cores que iriam colorir minha travessia durante o mestrado. No fundo, imaginava que seriam as cores que abrilhantam o pavilhão da Estação Primeira de Mangueira, ou seja, as cores verde e rosa. Porém, gostaria de exemplificar que essas duas cores, para mim, se misturam e acabam se transformando numa só: Verde-Rosa.

Vejo Verde-Rosa já associado à Mangueira, é difícil não assimilar qualquer objeto que possua esta cor à escola do meu coração. É Verde-Rosa a cor que guia meus passos e me faz abrir portas que, até então, estavam fechadas. E, sem dúvidas, é Verde-Rosa a cor do meu coração. Portanto, entendo essa cor como um signo, pois ela é repleta de significados subjetivos.

Esse desfile que se iniciou há pouco tempo, quando escrevia e dialogava sobre possibilidades que o samba pode trazer para a sala de aula, felizmente gabaritou nos quesitos e tem continuidade no mestrado. Se na escrita monográfica debatia sobre a importância da aplicabilidade da lei 10.639/2003 atrelada ao samba

de uma forma geral, pensando no ensino de africanidades para a sala de aula; na escrita da dissertação centralizo essa questão para o samba da mangueira e suas possibilidades de se obter uma educação que, de fato, seja antirracista, transgressora e contracolonial. Entretanto, pontuo que o samba proposto para ser pesquisado é o de 2019: “*Histórias Para Ninar Gente Grande*”. Escrito por Danilo Firmino, Deivid Domênico, Mamá, Márcio Bola, Ronie Oliveira, Tomaz Miranda.

Gostaria de dizer que existem outros sambas enredo que podem ser trabalhados e pesquisados com o objetivo de corroborar para a referida legislação. Sobretudo, especialmente o de 2019 possui um “charme” a mais por ter sido popularizado entre diversas pessoas não ouvintes de samba. Afirmando isto, por ter sido um dos sambas enredo que teve uma grande repercussão e, além disso, conta com mais de três milhões de visualizações somente no Youtube.

Entretanto, tenho total consciência de que quanto mais material para avançar por uma educação antirracista será melhor. Então, esse desfile atua de forma amigável se entrelaçando com o afeto, compartilhamento e muito samba! Entendo que por ser o brasão oral da população os sambas enredo têm o poder de aglutinar e agregar por diversos meios. Essa junção pode ser vista enquanto força pulsante para poder contar histórias para a comunidade. No caso do samba enredo escolhido, ele carrega a essência de fazer com que o povo tenha uma voz por meio da história da escola de samba.

Dando continuidade a explicação desta comissão de frente, destaco que por ter gabaritado em meu desfile monográfico, irei manter essa ideia, mas de forma mais concentrada no universo mangueirense, isto é, trabalhar o samba supracitado. Assim, cada capítulo será interpretado como uma ala de uma escola de samba. É importante dizer que tanto o samba quanto o samba enredo possuem o poder de aglutinar as comunidades. As propostas são muitas e diversas, mas colidem e se entrelaçam numa só: o samba enredo e a educação.

Prosseguindo com nosso diálogo, acredito que seja importante dizer sobre a clareza em continuar minhas pesquisas sobre samba e educação no decorrer da minha vida acadêmica, o encantamento que ocorreu no ano de 2018, se estende até hoje e me faz querer atrelar a pesquisa minhas vivências e experiências. Não tenho dúvidas de que quero pesquisar mais sobre a história do samba/samba enredo e seu processo de desenvolvimento dentro da sala de aula. Aliás, é importante destacar que samba se torna algo além de um simples ritmo, entendesse enquanto forma de pensar o mundo para debater questões sociais. Já o samba enredo também pode ser entendido enquanto ritmo e forma de reivindicar direitos, mas como um subgênero do samba.

Por ser um homem negro e gay acreditava que precisasse abordar sobre assuntos que fossem oriundos do meu subjetivo, me via pesquisando sobre masculinidades negras e sexualidades. Porém, hoje em

dia, posso afirmar que pesquiso sobre samba e samba enredo porque gosto e me encanto diariamente com esse ritmos. Compreendo que esse encantamento é a minha implicação política, ética e estética no mundo (Machado, 2019). Entendo que esse encantamento me traz bons sentimentos, mas também vem carregado de desafios que acredito serem difíceis de alcançar de forma fácil. Contudo, essas adversidades podem ser ultrapassadas se nos propormos a fazer e abraçar a diferença dentro da sala de aula.

Afirmo aqui que esse encantamento com o samba e o samba enredo acontece muito antes de ingressar nos muros da universidade, ele nasce dentro da minha casa. Ao ouvir todo dia minha mãe escutando as músicas *mais românticas da face da terra*. Sempre participando e acompanhando ela em eventos sobre samba, escola de samba e em rodas de samba. Morar em uma casa em que você tem a oportunidade de ouvir samba enredo em praticamente todas as comemorações faz parte do histórico-cultural de muitas pessoas que residem na Baixada Fluminense e na Zona Norte do Rio de Janeiro. Acredito que em outras regiões essa cultura também possa estar presente, mas friso as localidades supracitadas por já ter morado nelas e continuar morando. Ou seja, a produção de cultura está fortemente inserida no subúrbio. Gostaria de acrescentar que não precisava ter festa ou alguma comemoração, bastava arrumar a casa que isso já era motivo de colocar samba e samba enredo para ouvir. Ser um morador do subúrbio me deixa muito mais próximo desse tipo de cultura. Acredito que residir na zona norte do Rio de Janeiro me fez estar mais perto desse ritmo. Afinal, muitas das rodas de samba que frequento estão localizadas na minha região. Por ser uma região majoritariamente formada por pessoas negras. Ser vizinho desse estilo musical criado por pessoas pretas acaba por aglutinar diversos tipos de experiências. Sejam elas físicas, pois a gente samba e tem a possibilidade de trocar a energia com as pessoas por meio dessa prática ou por entender partes de algumas composições de antigos bambas.

De fato, por morar nessa região acaba por somar no meu pensamento e possibilita o meu crescimento e o meu conhecimento. É muito agregador quando você vive diretamente a sua pesquisa no dia a dia. Sempre que ando pelas ruas da zona norte, tenho a oportunidade de passar por bares ou casas de festas que estão tocando algum samba. Não muito longe da minha residência no bairro da Penha existe a Casa Batuq do Samba, uma casa de samba feita especialmente para reunir pessoas apaixonadas por esse ritmo.

Nesse lugar já vivi muitas experiências com minhas amigas. Além de ser um local totalmente temático, também reúne grandes sambistas da atualidade. Ainda na Penha, todo segundo domingo do mês, o grupo de samba chamado Quintal da Magia se encontra na rua para fazer uma roda de samba de graça. A rua fica lotada de pessoas. É uma festa sem igual. Na central do Brasil, existe um prédio chamado Balança, Mas Não Cai, nesse lugar há muitos bares e todos sempre estão tocando samba enredo. As pessoas vão para lá apenas para se reunir e beber, sempre escutando sambas. Indo para a Carioca no Bafo da Prainha, temos um ambiente que é frequentado por muitas pessoas que tem simpatia com o ritmo. Geralmente, esses encontros

acontecem na segunda-feira e sexta-feira. Bem perto do meu bairro está Madureira, é nesse bairro que chego de noite e vou embora de manhã. As rodas de samba costumam durar muito tempo. Entretanto, o ritmo predominante é o pagode que pode ser entendido como subgênero do samba. A região conhecida como Pequena África, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, reúne muitas rodas de samba. Precisamente na Gamboa acontece o Samba do Malungo, essa roda de samba é mais voltada para as mais velhas e os mais velhos e muitos sambas enredo são escutados por lá. Voltando para a Zona Norte, no bairro da Tijuca/Maracanã, existe um local chamado Baródromo, um ambiente totalmente voltado para a cultura das escolas de samba. Já comemorei muitos aniversários nesse bar. Vale lembrar que meus bolos de aniversário sempre são do tema de mangueira. É importante dizer o quanto estou impregnado por essa cultura oriunda da população negra. Ela faz parte de mim e do que tenho construído enquanto sujeito.

FIGURA 2



Foto retirada na comemoração de meu aniversário de 2025.
Fonte: o autor.

Enquanto intelectual negro sou fruto das apresentações que fiz durante a graduação e das apresentações que estou fazendo durante minha travessia no mestrado. Todas elas envolvendo o samba. Uma hora discuto sobre as vozes-mulheres no samba, uma referência ao poema de Conceição Evaristo que tem o

mesmo título e está presente no seu livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, pois entendo que seja importante ouvir essas vozes que ecoam dentro do universo das escolas de samba e entendo que ele trata sobre a questão da ancestralidade e do pertencimento; noutra abordo sobre algum samba em específico que possa contribuir para a educação libertadora; já em ocasiões especiais, consigo misturar samba e brincadeira em sala de aula. Todas essas experiências, as leio como “ensaios técnicos” para que, de fato, pudesse chegar no desfile oficial. Acrescento que parte desses “ensaios técnicos” estarão na dissertação divididos em suas respectivas alas.

FIGURA 3

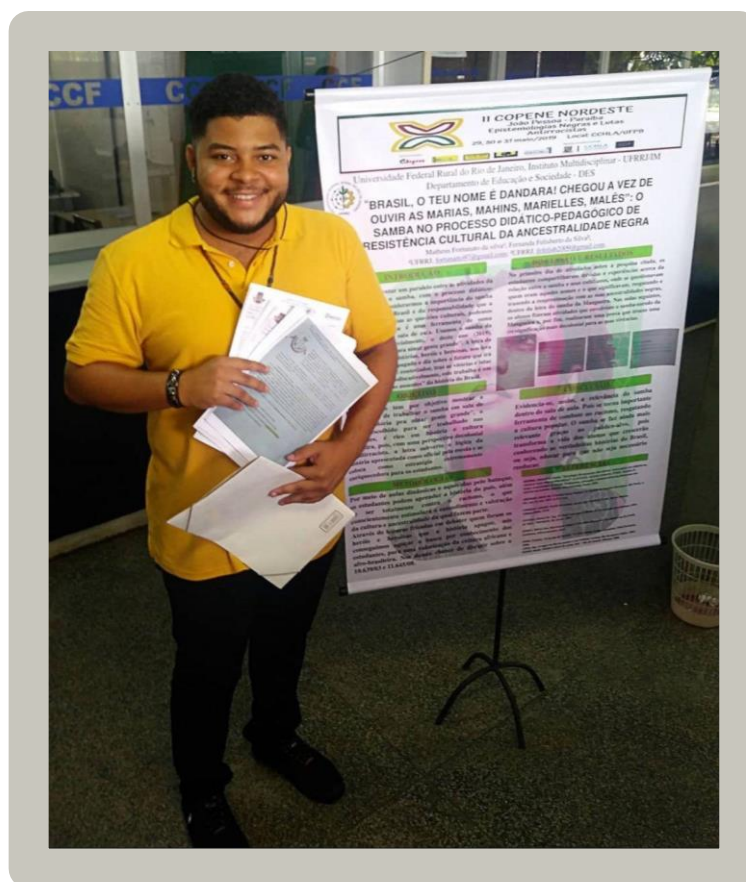


Foto retirada no II Copene Nordeste na UFPB em 2019. Fonte: o autor.

Minha apresentação intitulada *“Brasil, o teu nome é Dandara! Chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Malês: O samba no processo didático-pedagógico de resistência cultural da ancestralidade negra”* que abordou sobre o samba-enredo da mangueira de 2019, apresentado no II Copene Nordeste sediado na UFPB em maio de 2019, me deu luz para pesquisar sobre samba e, indubitavelmente, ilumina essa pesquisa, mas de uma forma mais detalhada e intrínseca.

Mais uma vez debruço-me na cultura das escolas de samba e tenho minha identidade atravessada por pessoas que são fundamentais nessa jornada. Acrescento que a formação dessa identidade somente acontece

pelo envolvimento e fortalecimentos de novos e antigos laços que nascem dentro do samba. Uma cultura do subúrbio que opera fortemente em mim. Uma identidade que é reforçada e centralizada ainda mais por poder compartilhar experiências semelhantes com pessoas que fazem parte desse meio. Dessa vez, sou fortemente atravessado pela comunidade mangueirense e pelas amizades criadas com pessoas torcedoras e devotas do samba. Essa identidade é múltipla, pois Hall (Stuart Hall, p. 13, 2014):

[...]O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Dessa forma, essa identificação que acredito ser ancestral continua sendo atravessada por inúmeros sujeitos que vivem a cultura do samba. É de suma importância dizer que por conta desses atravessamentos, é possível dar continuidade à minha pesquisa e escrita.

Para fazer essa defesa se consolidar irei me referenciar e tecer sobre algumas leis que julgo serem importantes para fortalecer o debate que será trazido aqui e fazer com que as pessoas possam enxergar o samba e o samba enredo não somente enquanto estilo musical, mas como lugar de expressividade política, de pertencimento, de resistência, de transgressão e contracolônização. Algumas leis abordadas serão: Lei 10.639/03; Lei 15.690/15; Lei 17.363/21; Lei 12.139/05; Lei 16.913/18; Lei 15.148/13; Lei 14.567/23; Lei 9.988/23. As referidas legislações irão fazer parte de uma ala para que possamos entender um pouco melhor sobre cada uma. Acredito ser importante conversar sobre tais leis porque sei que muitas pessoas não conhecem sobre as mesmas e jamais iriam saber que existem tantas legislações que regem o samba e sua multiplicidade de ser e fazer. Vale ressaltar que, tais legislações se tornam importantes, pois acabam por agregar mais valor ao samba e ao samba enredo. Rompendo com a ideia de que seja simplesmente um ritmo musical como muitas pessoas pensam.

Contudo, mais uma vez, gostaria de alicerçar meus pensamentos sobre a decolonização curricular nos ideais de Nilma Lino Gomes (2012) e nos estudos sobre racismo institucional do professor Muniz Sodré (2023). Também, convido para esse desfile o pensamento contracolônial de Antônio Bispo dos Santos (2023), pois, pesquisar samba enredo dentro da sala de aula acaba por subverter a lógica tradicional. Não intento dialogar com esse conceito de forma rasa e genérica. Tenho como objetivo amadurecer esse pensamento, pois para Nêgo Bispo ambos os conceitos, decolonialidade e contracolônialidade possuem funções importantes. Reforçando a ideia de ser contracolônial combatendo o colonialismo. Parafraseando o

mesmo, “se a gente tem a história tradicional na sala de aula, precisamos ter a história contra tradicional também” (Santos, p. 03, 2023).

Se os pensamentos de Chimamanda Ngozi Adchie (2019) foram alicerces na minha graduação, também irão dialogar com minha pesquisa atual. Afinal, como é dito na letra do samba enredo de 2019 “*Brasil, meu nego deixa eu te contar, a história que a história não conta... Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento*”, acredito que há cumplicidade com os pensamentos da autora supracitada. Portanto, trago para a questão O Perigo de Uma História Única, entrelaçando-o com o samba enredo da Estação Primeira de Mangueira de 2019, porque na letra da música, nós temos diversos nomes que foram importantes dentro da construção da sociedade brasileira e que são “esquecidos” nos livros de história “*Brasil, o teu nome é Dandara e a tua voz é de cariri... Salve os caboclos de julho, quem foi de aço nos anos de chumbo... Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês*”. Quando Chimamanda diz que é importante ouvirmos o outro lado da história, ela conversa totalmente com a letra da composição, pois logo em seguida na segunda parte do samba enredo, nós conseguimos evidenciar tal entrelaçamento “*Brasil, meu dengo, a Mangueira chegou com versos que o livro apagou... Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado, mulheres, tamoios, mulatos. Eu quero um país que não está no retrato*”. É hora de contar a história que a história não conta e ouvir outros saberes! É hora de contracolonizar e contar histórias diversas, saindo do perigo de uma história única.

Gostaria de dar destaque em algumas alas do meu desfile às mulheres desse universo do samba que são mais conhecidas como Tias Baianas. Por acreditar ser de suma relevância mencionar a importância dessas personalidades que fazem parte do legado do samba, do samba enredo e das escolas de samba.

É impossível falar da força feminina no samba sem citar a mulher que considero ser uma das maiores vozes da atualidade, minha diva Ludmilla, a preta venceu ao mergulhar no universo do samba/pagode. Não posso deixar de mencionar a enorme relevância de Elza Soares, a voz-mulher que foi precursora para que outras mulheres, como Ludmilla, pudessem ter valor dentro desse ritmo. As vozes-mulheres estarão presentes nessa dissertação, pois são referências no/para o samba e para o samba enredo. Gosto de me alicerçar nesse poema criado por Conceição Evaristo (2017), por acreditar que essas vozes ecoam dentro do universo do samba, do samba enredo e das escolas de samba mesmo existindo poucas referências se compararmos com a quantidade de homens presentes no ritmo. Entretanto, a voz de Elza Soares ecoou em alto e bom tom para que Ludmilla ecoasse e abrisse espaço para mais vozes mulheres existirem nesse ritmo musical.

Para falar sobre samba, debruço-me em pesquisas e escritos de Muniz Sodré, que me acompanham por um grande tempo nessa travessia, Helena Theodoro que chega nesse desfile permitindo debruçar-me no

universo feminino e dar lugar de destaque para as mulheres do samba. Sabemos da importância de Helena Theodoro para o mundo do samba quando se trata de pesquisas que envolvam a força feminina, ela torna-se uma grande referência para mim e para a produção dessa dissertação. Vale destacar que a diva Helena Theodoro foi a primeira mulher negra a ter o título de doutora em Filosofia no Brasil. Ela que é uma grande sambista raiz e ativista tornou-se um grande alicerce teórico para este trabalho. Friso, que ela foi homenageada com o enredo “Oya Helena” na escola Mocidade Unida da Mooca no ano de 2024. Ou seja, uma divindade dentro do universo do samba.

Muitas pessoas foram supracitadas, mas, com certeza, terão outras para que essa pesquisa se desenvolva e gabarite nos quesitos. Essa dissertação se constrói com base nas leituras de livros e artigos, nas experiências que adquiri durante as apresentações, nas palestras que ministro, especialmente nos componentes curriculares ministrado por minha orientadora: TM169 - Educação, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em 2025.1 e IM188 Cultura Afro-Brasileira e Africana nos semestres de 2024.1 e 2024.2 e nas rodas de samba feitas na Mangueira e fora de lá também.

Essa pesquisa tem como metodologia a pesquisa qualitativa, pois investigo e busco expor formas multiculturais que o samba enredo da Estação Primeira de Mangueira de 2019 pode atuar dentro do ambiente educacional, por meio de análises de artigos, de pesquisas bibliográficas que dialoguem com o objetivo da dissertação. Friso que as pesquisas feitas que envolveram essa temática ou que dialogam de forma indireta ajudaram a formulação desse pensamento.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem fundamental na investigação científica, que se baseia na compreensão aprofundada e na interpretação dos fenômenos estudados. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se concentra na mensuração e na análise estatística dos dados, a pesquisa qualitativa busca explorar a complexidade e a riqueza dos contextos sociais, culturais e individuais. (Guerra; Stroparo; Costa; Castro Júnior; Lacerda Júnior; Brasil; Camba, p. 3, 2024)

A pesquisa qualitativa foi, sem dúvidas, a melhor das vias que esse diálogo poderia seguir porque me comprometo a investigar diferentes significados que o samba enredo de 2019 pode trazer para a sala de aula. Além de ter como referência os pensamentos de diversas/os teóricas/os, me fundamentei em livros e bibliografias que pudessem corroborar para que o desfile ficasse com uma densidade teórica que conseguisse agregar.

Por acreditar na importância das diferentes falas e percepções que fossem surgir durante esta travessia, optei pela pesquisa qualitativa enquanto método motriz para a continuação desse pensamento. Pois, segundo Paulilo (p. 135, 1999), a pesquisa qualitativa

Trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a

indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

Entendo que possa existir diferentes métodos de fazer uma pesquisa qualitativa, mas escolhi esse caminho que, ao meu ponto de vista, parecia corroborar mais com o intuito do desfile. Isto é, uma abordagem em que eu pudesse estar mergulhado dentro do universo da escola de samba e que pudesse apresentar a composição para as alunas e alunos que tive contato, pois queria muito entender e ouvir as diferentes visões que essas pessoas tinham e têm sobre o samba enredo escolhido. Não somente sobre o samba enredo, mas sobre as escolas de samba de uma forma geral. Entender e fazer com que a turma percebesse, mesmo que fosse comum, que há uma escola de samba próxima de sua residência pode dar mais pano para a manga e mostrar que essas instituições possuem um valor social e cultural.

Um dos aspectos mais importantes da pesquisa qualitativa é a utilização de métodos e técnicas específicas para a coleta de dados. Entre os métodos mais comuns estão as entrevistas em profundidade, a observação participante, a análise de documentos e a análise de conteúdo. Esses métodos permitem aos pesquisadores explorar as experiências, as percepções e as significações dos participantes, de forma a construir um conhecimento mais profundo e contextualização sobre os fenômenos estudados. (Guerra; Stroparo; Costa; Castro Júnior; Lacerda Júnior; Brasil; Camba, p. 3, 2024)

Portanto, tendo esses conceitos em mente, priorizei um método que fosse mais participativo e afetivo, pois sei da importância de poder ouvir a perspectiva de outra pessoa e entender o quanto isso pode contribuir para a formulação desse desfile.

Por meio de análises de artigos, pesquisas e bibliografias que dialoguem com o objetivo da dissertação, foi feita uma busca para encontrar outros trabalhos que conversassem com essa escrita. No banco de Dissertações e Teses quando procurado por “Samba Enredo” é apresentado um total de 90 dissertações e 31 teses.

Se inserido a palavra “Educação e Samba Enredo”, há uma redução no número. De forma exata foi possível encontrar cerca de 4 dissertações e 4 teses que abordassem sobre. Ao acrescentar a palavra “Estação Primeira Mangueira” na busca foi possível obter apenas uma dissertação de mestrado profissional. Já quando é pesquisado, até o dado momento, pelas palavras “Samba e Educação”, é obtido o total de 70 dissertações e 31 teses.

De 2023 até o ano de 2025 foram produzidos cerca de 650 artigos segundo dados do Google Acadêmico. Trabalhos acadêmicos, em sua maioria, voltados para a questão do samba enredo pautado em sala de aula e as formas de contribuição dele para a mesma.

Vale destacar que, ao acrescentar o nome da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, obtive aproximadamente 437 artigos que envolvem sobre. Ou seja, samba enredo da Mangueira de 2019 e Educação.

Todos esses resultados obtidos me fazem pensar que, de fato, o samba provoca algo ancestral para que tantas pessoas pesquisem sobre ele vinculado a sala de aula. Uma forma de salvar a sala de aula e resgatar a memória apagada pelas tecnologias do racismo.

Acrescento que as pesquisas feitas que envolvem essa temática ou que dialoguem de forma indireta ajudaram a formulação desse pensamento. Como é de conhecimento por grande parte das pesquisadoras e pesquisadores da área, tanto o samba quanto o samba enredo podem atuar como aliados pedagógicos em sala de aula. Seja pela história assim como pela importância de seus legados. Essa pesquisa eclode no meu pensamento porque compreendo que possamos misturar samba enredo com educação e trazer novos olhares para a sala de aula, uma pedagogia que seja transgressora, antirracista e contracolonial, que possa dialogar com a escola, acreditando no potencial de novas possibilidades do e para o educar. Assim como os desfiles das escolas de samba têm as suas propostas e objetivos, nesse desfile também ocorrerá da mesma forma. Portanto, tenho como principal objetivo analisar como o samba enredo da Mangueira de 2019 pode atuar como aliado transgressor, antirracista e contracolonial para a obtenção de uma educação plural. Paralelo a isto, esse desfile tem como objetivos específicos: subverter a lógica colonizadora presente na sala de aula; corroborar para o alcance de uma educação transgressora, antirracista e contracolonial; sambar com as referências teóricas e comprovar que, de fato, é possível aglutinar os pensamentos delas com o samba enredo da Mangueira de 2019; diminuir a distância entre as escolas de samba e as escolas formais. Desse modo, o pontapé inicial para esse desfile acontece dessa forma. É na comissão de frente que convido todas as pessoas a assistirem esse desfile, seja na arquibancada ou na frisa, que é o local onde podemos acompanhar o desfile mais de perto, mas por um valor mais caro. Um desfile que visa trazer um pouco mais da história da Mangueira e da minha fé a fim de se obter uma educação antirracista, transgressora, contracolonial.

E para fechar essa Comissão de Frente, quero apresentar, de forma breve, os capítulos que farão parte desse diálogo: em primeiro lugar, trago o Abre Alas que fica encarregado de introduzir a vocês algumas ações notórias do movimento negro e de personalidades negras, os marcos da Lei 10.639/03, pois, como intento corroborar para uma educação antirracista, me alicerço nas obrigatoriedades da referida legislação; no segundo capítulo, convido as pessoas a mergulharem na história do samba e discorro sobre a visibilidade que este ritmo carrega tanto dentro quanto fora do nosso país, abordo sobre algumas leis criadas a fim de tornar esse estilo musical um ato político, falo sobre a importância das Tias Baianas que são mulheres donas de um legado ímpar e fecho escrevendo sobre o legado que a cantora Ludmilla está criando dentro do gênero pagode; no terceiro capítulo, trago para os holofotes a história da Estação Primeira de Mangueira, converso sobre a estrutura que uma escola de samba possa ter e disserto sobre a escola de samba mirim; já no quarto capítulo, levanto diálogos com bell hooks sobre educação transgressora e concilio com

as experiências vividas em sala de aula; na Dispersão, dialogo sobre pessoas importantes que estiveram presentes nessa era e que prepararam o terreno para que eu pudesse chegar nesse lugar.

Friso que esse ritmo negro sempre esteve presente no meu círculo familiar, o que me faz pensar que, indiscutivelmente, a ancestralidade é algo que não precisa ser resgatado, mas, sim, acordado dentro de nós, como diz minha professora/orientadora Adilbênia Freire Machado.

Portanto, é na comissão de frente que esse desfile começa e seguirá dessa forma nessa escrita, a comissão de frente que continua guiando meus passos agora tem cor de mangueira, Verde-Rosa. Essa é a cor que guiará esse desfile/diálogo.

1º CAPÍTULO - OH, ABRE ALAS: CUIDADO QUE A MANGUEIRA VEM AÍ!

Primeiramente, gostaria de explicar a inspiração que dá nome a esta dissertação, entendo que possa parecer um tanto óbvio, mas acredito que muitas pessoas possam não conseguir ligar uma ideia a outra. Considero ser importante esclarecer que o título do desfile/dissertação faz uma referência direta ao nome da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Porém, como é possível notar, troco somente a última palavra do título e coloco “educação”, pois acredito ser uma forma de dialogar a escola de samba com as questões da educação. Ou seja, de certa forma pretendo aproximar a escola de samba com as escolas formais. Contudo, entendo as escolas de samba enquanto espaços de educação não formal, pois

A educação não formal ocorre fora dos espaços escolares, sendo, portanto no próprio local de interação do indivíduo, sofre as mesmas influências do mundo contemporâneo como as outras formas de educação, mas, pouco assistida pelo ato pedagógico e desenvolve uma ampla variedade de atividades para atender interesses específicos de determinados grupos. (Almeida, p. 3, 2014)

Por entender que as escolas de samba atuam enquanto espaços de educação não formal, acredito ser válido fazer essa aproximação já no título da dissertação, daí a ideia de trocar a palavra “Mangueira” pela palavra “educação”. Enxergo as escolas de samba enquanto agentes educadores não formais, pois, por exemplo, no ano de 2019 em que a Mangueira trouxe como enredo “Histórias Para Ninar Gente Grande” toda comunidade e as pessoas de fora que torciam por essa agremiação acabaram por serem afetadas pelas questões trazidas no enredo e no desfile. Aprenderam de forma crítica o que pode ser a verdadeira história do Brasil e entenderam o quão importante é conhecer as personalidades negras que fizeram parte da construção da nossa sociedade.

Educação não formal constitui a educação fora dos espaços escolares, e tem por finalidade desenvolver o ensino-aprendizagem de forma pouco explorada pela educação formal. Considerada uma modalidade de ensino, se desenvolve nos espaços não convencionais de educação. É considerada por alguns autores como intencional,

pois sofre as mesmas influências do mundo contemporâneo que as demais formas de educação, mas pouco assistida pelo ato pedagógico. (Almeida, p. 4, 2014)

Não há dúvidas de que as escolas de samba atuam enquanto aliados a fim de se obter uma educação crítica, mesmo sendo entendidas enquanto espaços não formais de educação.

Objetivando diminuir essa distância que há entre as escolas de samba e as escolas formais, trago para o debate essa reflexão de se pensar nesses lugares, as escolas de samba, enquanto espaços regados de conhecimento científico. Ou seja, pensar essa aproximação seria introduzir o conceito das escolas de samba dentro dos espaços formais de educação, como as escolas, por exemplo. Pois, sei que esses espaços formais fazem parte da nossa estrutura social e que são vistos enquanto únicos lugares possuintes de um conhecimento científico.

Entende-se por educação formal escolas institucionalizadas que existem em nossa sociedade, ou seja, escolas que seguem um padrão fundamentado numa diretriz educacional que mantém um currículo que é posto em prática pelas professoras e professores regentes da turma; possui objetivos claros e específicos.

As práticas educativas da educação formal têm como objetivo a aquisição e construção de conhecimentos que atendam as demandas da contemporaneidade. É, portanto, nos espaços educativos ou escolares que se desenvolvem com maior frequência essa modalidade de ensino e coloca em evidência as figuras do professor e do aluno; o professor como sujeito de ensino e o aluno como sujeito de aprendizagem. (Almeida, p. 9, 2014)

É possível entender que grande parte das ações pedagógicas para a educação formal devem ser feitas dentro da sala de aula, pois atendem as expectativas da escola, pois visam formar o ser humano para a sociedade.

A educação formal preocupa-se com o letramento científico de forma que os atores do processo ensino e aprendizagem possam aplicar os conhecimentos científicos, adquiridos nos espaços formais de educação, de maneira coerente na vida social. Nesse sentido, a prática do professor se expressa na reflexão, no modo de ação e na transformação do sujeito nos diferentes espaços educacionais. (Almeida, p. 15-16, 2014)

A educação entendida como não formal é menos centralizada nesse molde padrão que existe e não segue uma hierarquia pré-estabelecida pela instituição. Pode ser aprendida em qualquer âmbito, como por exemplo, as escolas de samba. Consequentemente, este fato acaba por culminar na exposição da produção de conhecimento científico que existe nas escolas de samba. Assim, as escolas de samba têm o papel de atuar na construção desse ser humano, pois fazem parte do dia a dia da comunidade. Pois, elas têm um papel amplo na formação desse indivíduo.

Entretanto, essas escolas de samba não seriam capazes de levar em frente essa aprendizagem, isto é, um modo de ensinar e aprender que fosse carregado de criticidade. Digo isto porque sei que se não fosse

pela força das instituições negras, ou seja, o movimento negro, não teríamos tantos enredos que nos levassem a pensar de forma diferente sobre a sociedade. Entendo que os movimentos negros foram forte influenciadores para que as escolas de samba tivessem essa postura, uma postura mais crítica e consciente.

Entretanto saindo desse âmbito do debate sobre as escolas de samba enquanto espaços de educação não formal e partindo para o âmbito em que falarei sobre o movimento negro e sua expressiva influência para que a Lei 10.639/03 fosse criada, é importante ressaltar a relevância desse movimento social brasileiro para que a referida legislação pudesse ser sancionada, pois ela é reflexo de todo esforço de manifestações da Frente Negra Brasileira (1931), do Teatro Experimental do Negro (TEN – 1944-1968) ou de qualquer outra instituição que carregasse o viés racial. As lideranças desses movimentos já tinham ciência de que o racismo conduziria nossas relações e dificultaria a ascensão de sujeitos negros dentro da sociedade. Assim, os movimentos sociais são considerados educadores porque além de deixar posto para a sociedade a necessidade de se debater os mecanismos de discriminação racial dentro dos eixos social, político e educacional, eles terão a premissa de alcançar a equidade para esses indivíduos. (Gomes, p. 14, 2017)

Ao falar sobre as manifestações negras, ou seja, os movimentos sociais focados em debater as questões raciais dentro da sociedade não podemos deixar de abordar sobre a Lei 10.639/2003 que completa em 2025, 22 anos de existência e que nasce a partir de debates e encontros protagonizados pelos movimentos negros.

A referida legislação tem como objetivo incluir nos currículos escolares a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, isto é, a lei foi criada a fim de incluir dentro da sala de aula temáticas e conteúdos que abordassem sobre a história da população afro-brasileira, pois em muitas unidades escolares e nos livros de ensino, a história da construção da sociedade brasileira parte de um olhar eurocêntrico, em que o protagonismo branco fica em evidência, ou seja, essa reprodução acontece pelas consequências do racismo institucional presente em nossa sociedade. É importante dizer que o racismo institucional atua fortemente dentro do âmbito escolar, pois enquanto instituição será atingida por essa mazela e acabará por reproduzir dentro dos conteúdos didáticos as normatizações impostas por ele. É relevante frisar que o racismo por ser um mal institucional estará impregnado nos muros da escola

Na forma social escravista do tipo brasileiro, o racismo institucional não se legitima por legislação (pelo contrário, existe uma lei penal que tipifica o racismo como crime); no entanto, é exercido na prática por perversões institucionais orientadas por representações derivadas de uma reflexividade social específica. (Sodré, p. 67, 2023)

Em conformidade com Muniz Sodré (Muniz Sodré, p. 67, 2023) a “forma social escravista”, expõe a ótica da sociedade, estruturada e moldada pelas relações interpessoais, que ao corroborar com ações discriminatórias acarreta para a visão de subalternidade dos povos africanos e afrodescendentes do país, isto é, acaba por refletir totalmente nas escolas e salas de aula.

Vivemos em uma sociedade institucionalmente racista e por esse fator, as segregações raciais ganham força pelos resquícios de colonização europeia e, por conta desses acontecimentos, o sujeito branco ocidental torna-se a única referência na criação da sociedade. Dentro da sala de aula e fora também, o senso comum somente lembra da comunidade negra quando a história envolve o processo de escravização da população africana; o conteúdo necessário sobre a história da África e que versem assuntos sobre racialidade nos âmbitos escolares ainda se torna escasso e longe do que precisamos.

Entretanto, seria injusto com anos de luta de negras e negros dizer que não ocorreram avanços significativos na efetivação da lei, mas ainda estamos muito distantes do que objetiva a mesma. É possível notar um resultado dessa execução, mas para que consigamos atingir uma notável evolução há indagações que necessitam ser superadas. Portanto, intento propor que há muitas possibilidades de se trabalhar esta legislação em sala de aula, uma delas é o samba, nesse caso, o samba enredo e toda sua riqueza histórica e cultural. Todas as reflexões que são possíveis de serem feitas e que trazem à tona para papéis de destaque questões importantes. Nesse sentido, como afirma Jorge Luís Rodrigues dos Santos e Maria Helena Viana Souza (2014), no seu texto “De A(bdias) a Z(umbi), lembrando que nossa luta não começou agora, nem termina aqui...”:

A necessidade (e obrigatoriedade) de trabalhar a temática racial em uma sociedade racialmente desigual como a brasileira, acaba por revelar (e desvelar) tensões, conflitos, resistências (de naturezas sociais, políticas e pedagógicas), que dificultam a efetiva implementação do que é determinado nos parâmetros legais (Santos; Souza, p. 174, 2014).

É de conhecimento geral que a lei sozinha não é suficiente para criar modificações, há um desconhecimento da memória e cultura africana e afro-brasileira por ambas as partes, docente e discente. No final das contas a perspectiva e ensinamentos baseados numa visão eurocêntrica foi e é passado em sala de aula, ou seja, por muito tempo somente essa narrativa existiu dentro do ambiente educacional. Chimamanda Ngozi Adichie (2019), em seu livro “O Perigo de Uma História Única” traz à tona a necessidade de nos envolvermos com diferentes olhares sobre as histórias de povos distintos e não visualizar a narrativa como se fosse somente ligada a uma única epistemologia, ela afirma: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, p. 26, 2019).

Por isso, acredito que o samba enredo da mangueira de 2019 se torna um grande aliado para que possamos contar a história da população brasileira a partir de outro viés. O viés em que o povo negro se torna o personagem principal dentro dessa história, pois “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. (Adichie, p. 32, 2019)

Se alicerçar nesse pensamento, faz entender o quão necessário é ter conhecimento sobre os vários outros lados da história de determinada comunidade. Porque dessa forma é possível reaver diferentes olhares sobre qualquer narrativa. Assim, essa idealização resgata o verdadeiro sentido da situação. É possível conciliar o pensamento de Chimamanda Adichie com o objetivo da pesquisa, não só por ter um propósito que subverta a história, mas por corroborar fielmente como uma forma de reeducar racialmente as pessoas a fim de desconstruir seu imaginário sobre a população negra, isto é, um letramento racial. Pois, entendendo que o letramento racial corrobora para a desconstrução do imaginário racista que existe em nossa sociedade, não somente por isso, mas por entender que ele está ligado a conscientização das relações raciais.

A professora Aparecida de Jesus Ferreira (2015) que cunhou o termo letramento racial crítico descreve que a definição é:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como a raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. [...] Como formadora de professoras/es que sou, prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e equidade. (Ferreira, p. 138, 2015)

Não é fácil ser docente antirracista dentro de sala de aula. É desafiador abordar sobre as relações raciais e seus desdobramentos a partir da única história que temos, historicamente construídos, nas quais o ensino se apoia. O olhar amplamente eurocêntrico impossibilita as produções dos conhecimentos afro-brasileiros, precisamos transgredir e, sobretudo, desordenar a lógica tradicional.

A lei 10.639/03 reivindica que se acrescente a valorização e o conhecimento das histórias e culturas afro-brasileiras e africanas, que haja a prioridade cultural e que traga a presença de personalidades negras para a construção da sociedade brasileira.

Em nosso país ainda há uma ideia reproduzida por muitas pessoas de que existe uma democracia racial, em que todas/os convivem em grande harmonia porque somos vistas/os de forma igual. Por mais risível que possa parecer, grande parte da população acredita nesse pensamento. Entretanto, o fato de podermos trabalhar com essa lei, sobretudo utilizando o samba enredo da mangueira de 2019 como ferramenta pedagógica, nos dá auxílio para que possamos desmistificar esse pensamento enraizado.

1.1 – ALEGORIA: EXPERTISE NEGRA EDUCADORA

Podemos dizer que consideramos que a comunidade negra e o Movimento Negro produzem saberes, os quais se diferem do conhecimento científico, mas em hipótese alguma podem ser considerados menos ‘saber’ ou ‘saberes residuais’.

Bom, é chegada a hora de apresentar as alas desse desfile que estamos realizando, assim como no desfile das escolas de samba, aqui não seria diferente. Como falarei sobre a trajetória do movimento negro, escolhi uma frase impactante da pessoa que vai ser o alicerce dessa ala: Nilma Lino Gomes; pedagoga, pesquisadora e ex-ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR/PR) no ano de 2015.

Antes de entrar nas alas desse desfile, teremos a apresentação de cada alegoria, que irá explicar o que acontecerá no decorrer de cada ala dessa dissertação. Pois, assim como nos desfiles das escolas de samba, as alegorias têm como função ilustrar o enredo das mesmas. Aqui elas também terão essa função, isto é, introduzir a leitora ou leitor ao desenvolvimento das alas.

Na primeira ala desse desfile intitulada “Movimento Negro: Marco na História dos Brasis desse Brasil”, conversaremos sobre o movimento negro e a forma de atuação assertiva para que culminasse na Lei 10.639/03. Vale destacar que, as personalidades negras da época já acreditavam que por meio da educação a população negra conseguiria diminuir a segregação racial presente na sociedade.

A segunda ala do desfile que carrega o nome de “Não se esqueça que o negro também construiu chaves para a educação nesse Brasil”, tem como referência uma pequena parte da letra do samba enredo da mangueira de 1988, mas de uma forma diferente, misturo parte da composição com algumas palavras imaginadas por mim. Essa ala se interliga com a terceira ala, uma está relacionada a outra, ou seja, elas precisam estar juntas para que possamos entender essa história contada.

A terceira ala nomeada de “Heroínas Negras e Heróis Negros” vai tratar de abordar sobre algumas personalidades e movimentações negras que acredito serem de suma importância para a efetivação da lei, diferente do desfile tradicional, nessa ala não traremos efeitos especiais ou coreografias mirabolantes, traremos apenas a realidade da representatividade negra em nosso território e, também, fora dele.

Finalmente, chegamos no final da primeira parte desse diálogo ou como tenho preferido dizer: desfile. Nesta quarta ala, conversaremos sobre toda a importância da lei 10.639/03, uma das maiores alas que teremos nessa Sapucaí acadêmica. A legislação que é reflexo de toda a luta do movimento negro traz em si a idealização de diminuir a triste herança deixada pelo racismo institucional.

1.2 – 1ª ALA – MOVIMENTO NEGRO: MARCO NA HISTÓRIA DOS BRASIS DESSE BRASIL

Antes de nos aprofundarmos na conversa sobre a Lei 10.639, é importante mencionar como conseguimos chegar nela e, sem dúvidas, as movimentações sociais negras foram a força motriz para que a mesma fosse criada. Acredito ser de grande importância citar o papel do movimento negro dentro dessa conversa para que as/os leitoras/os entendam um pouco mais sobre essa expressão social.

Ele é essencial para a criação de leis elaboradas a fim de obtermos uma sociedade menos desigual em questões ligadas ao debate étnico-racial. Assim, como na comissão de frente essa etapa será apresentada com intuito de saudar e apresentar ao público a relevância do movimento negro.

O movimento negro se faz educador porque além de atuar como movimento de construção crítica do saber, faz parte da esfera que integra os movimentos sociais. A lei 10.639 que debutou em 2003 foi criada a partir de enfrentamentos e discussões a fim de diminuir as diferenças sociais presentes na sociedade brasileira, pois as desigualdades raciais imperam nas lacunas da pirâmide social. Ou seja, a referida legislação não é uma dádiva do estado, é resultado de um extenso processo de luta do movimento negro. Como afirma Nilma Lino Gomes

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do movimento negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os desafios e os limites – muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (Gomes, p. 18, 2017)

A lei supracitada não foi aprovada da noite para o dia. É reflexo de lutas e manifestações protagonizadas por entidades de grande importância que tinham como prioridade distanciar as segregações criadas por conta do racismo. Porém, antes de ser aprovada, caminhou por inúmeras adversidades, resultando nas organizações negras da década de 1970 e do empenho de apoiadores da questão negra na década de 1980. Nessa época diversos cientistas já apontavam sobre a falta de conteúdos da cultura africana e temas que valorizassem os estudos da diáspora africana dentro de sala de aula e no âmbito escolar como um todo. Na década de 1990, acontecem muitos movimentos em todo o país a fim de afirmar a identidade negra, destaco a Marcha Zumbi dos Palmares. Segundo Lucimar Dias a Marcha Zumbi dos Palmares agrupou mais de 10 mil negras/os que entregaram um documento que reivindicava os direitos, esse registro foi entregue para o presidente Fernando Henrique Cardoso (Dias, 2005). Como consequência dessas lutas e de alguns ganhos adquiridos, a questão negra se tornou mais pertinente e adquiriu mais força com a chegada dos anos 2000, conseguindo alcançar a promulgação da lei 10.639/03.

Vale destacar que a educação sempre foi uma ferramenta de luta para a população negra, a resistência aconteceu durante o período escravocrata de diversas formas, como por meio dos aquilombamentos e por meio dos movimentos sociais organizados. Sempre existiram indagações que incomodavam pela falta de políticas públicas educacionais para a comunidade afro-brasileira.

Tais lideranças entendiam que a ausência de “instrução” era um dos fatores fundamentais que levava o negro a viver alienado culturalmente, desqualificado profissionalmente, manipulado politicamente, sem perspectiva de progredir socialmente, em síntese, a viver em condições precárias; por isso elas julgavam que o acesso a “instrução” era condição sine que non para que essa situação fosse revertida. (Domingues, p. 532, 2008)

Como afirma Petrônio Domingues (Domingues p. 532, 2008), a falta de uma educação que fosse de qualidade para a comunidade negra implicava diretamente na segregação e alijamento dessa população. Isto é, a escassez de instituições que atendessem à população corroborava para a discriminação racial. Esse fato acontece por puro interesse político em reforçar o racismo já presente na sociedade. Portanto, muitas entidades negras oriundas dos movimentos negros acabaram cumprindo o dever do estado em relação a assuntos sobre educação.

1.3 – 2ª ALA – HEROÍNAS NEGRAS E HERÓIS NEGROS QUE CONSTRUÍRAM CHAVES PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NESSE BRASIL

*Pergunte ao criador
Quem pintou esta aquarela
Livre do açoite da senzala
Preso na miséria da favela
Moço, não se esqueça
Que o negro também construiu
As riquezas do nosso Brasil*

Samba Enredo da Mangueira de 1988

Fazendo jus ao tema chave desta dissertação, optei por iniciar esta parte ou como tenho preferido dizer; ala, citando um verso de um dos sambas enredo mais icônicos que a escola de samba Estação Primeira de Mangueira possui em seu repertório “100 Anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?” (Alvinho, 1988). Misturo parte da letra com parte do texto pensado por mim. Como foi dito anteriormente, cada ala se conecta com a outra. Assim, na segunda ala, trago um verso do samba enredo que representa o que será proposto aqui.

Como foi mencionado acima, a lei não nasceu de um dia para o outro, mas emergiu por necessidades primordiais que se materializaram na promulgação da mesma. Muitas entidades negras foram importantes para que tal ato fosse conquistado, pois se acreditava que a escola possuía um papel essencial que, de fato, conseguisse diminuir as desigualdades raciais. Isto é, a educação sempre foi vista enquanto bandeira de luta para a população negra.

Com a explícita subalternização racial em relação à população negra e superioridade de pessoas brancas fica nítido fortemente “uma ideologia na qual está afirmada a superioridade cultural indiscutível da raça branca, já que a civilização está associada aos brancos e a seus atributos físicos, enquanto a barbárie ou a selvageria é associada a outras raças”. (Wiewiorka, p. 24, 2007).

FIGURA 4:



Mercedes Baptista

Foto retirada do site Primeiros Negros. Fonte: primeirosnegros.com

Mercedes Baptista era de origem pobre e nasceu no município de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense e mudou-se para o Rio de Janeiro muito nova, pois sua mãe queria que a filha tivesse mais oportunidades morando na Capital do estado. Trabalhou em muitos empregos, mas foi trabalhando em uma bilheteria de cinema que criou gosto pela arte. Tendo como sua primeira professora de balé Eros Volússia que a instigou a traçar seu rumo na dança e mais tarde conseguiu se formar na Escola de Danças do Theatro

Municipal. Teve como mentora a professora Maria Olenewa. Em 1948, em difícil concurso público, passou a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal. Vale destacar que ela foi a única mulher negra integrante.

Mercedes Baptista foi uma mulher à frente do seu tempo não só por ter sido uma bailarina e coreógrafa considerada pioneira no balé e na Dança afro dentro do nosso país, mas por ter fundado o Ballet Folclórico Mercedes Baptista que tinha como intuito incluir pessoas negras no universo do ballet, mas que corrobora para que as/os integrantes pudessem pesquisar sobre a cultura africana e afro-brasileira para poderem incorporar esse conhecimento em seus passos. Nesse passo, Mercedes incorporou o hábito em sua vida de conhecer mais a dança do candomblé brasileiro, frequentando casas de axé de grandes personalidades da religião, como por exemplo, João da Gomeia.

Nossa ilustre bailarina, se alia a Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona para a realização do desfile na década de 1960 sendo convidada para criar uma ala que tivesse o passo marcado, característica não muito formal nos desfiles das escolas de samba. Tendo o “pé quente”, ela ajuda na vitória da escola e traz o título de campeã.

No ano de 1963, Mercedes Baptista criou a coreografia para a escola de samba do Salgueiro, e pode ser dito que foi a primeira ou uma das primeiras a introduzir passos da cultura clássica em uma comissão de frente. Causando controvérsia, trazendo críticas negativas, as alas futuras iriam se basear nessa coreografia que Mercedes criou para o desfile.

Não posso deixar de falar sobre Mercedes Baptista e não mencionar o quão forte e importante foi a sua militância na temporada em que passou fazendo apresentações no TEN (Teatro Experimental do Negro), ela engajou a participação de negras e negros no universo do teatro brasileiro.

Passando para as primeiras escolas primárias e escolas de alfabetização para jovens e adultos que foram fundadas pela Frente Negra Brasileira durante o ano de 1931-1937; passando para a década de 1940, é elaborado o Movimento Social de Negritude que foi imaginado pela intelectualidade africana, esse movimento que ao mesmo tempo tinha como premissa favorecer toda a contribuição da população negra tencionava a população a repensar os padrões de estética da época.

Já em 1970, temos o aparecimento de uma grande personalidade negra que se tornou ícone para toda a comunidade afrodescendente, Abdias do Nascimento. Ele que era um dramaturgo e político atrelou ao seu trabalho demandas da população afro-brasileira. Sua contribuição foi uma das chaves para a criação da lei 10.639/2003, Abdias corroborou de forma expressiva com o movimento negro, pois idealizou e fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), que atendia à população e ofertava palestras, cursos de alfabetização para moradores das favelas e pessoas das classes operárias. Vale ressaltar que no 1º Congresso do Teatro

Negro Brasileiro sediado na Associação Brasileira de Imprensa, ABI, no Rio de Janeiro, entre 26 de agosto e 4 de setembro de 1950, já era reivindicado o estudo da história de todo o continente africano.

Um feito fundamental de Abdias do Nascimento foi a publicação do Jornal O Quilombo criado em 1948 que tinha como foco gerar um espaço em que se pudesse debater e pautar sobre as questões raciais no Brasil e dialogar sobre as realizações do Teatro Experimental do Negro. O objetivo desse jornal como consta em sua edição debutada era de “Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico” (O QUILOMBO, 1º edição, 1948, pag. 3). Nesta mesma publicação o jornal dialogava com seus ideais e estratégias para atingir suas metas. O programa tinha como foco os cinco tópicos a seguir:

1. Colaborar na formação da consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;
2. Esclarecer ao negro de que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo por isso, constituir motivo para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso;
3. Lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;
4. Combater os preconceitos de cor e raça e as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização cristã, as leis e a nossa constituição;
5. Pleitear para que seja previsto e definido o crime de discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados Norte-América e na constituição Cubana de 1910. (O QUILOMBO 1º edição, p. 3, 1948)

Portanto, com base no trecho supracitado fica nítido o anseio do jornal em direcionar a população para um rumo em que alertava a preocupação em relação a uma sociedade mais crítica. Sem dúvidas, o trabalho de Abdias do Nascimento foi uma das chaves que abriu as portas para a lei 10.639/03.

Já que estamos dialogando sobre a importância dos movimentos sociais negros e traçando uma linha do tempo. Agora, iremos nos debruçar sobre o Movimento Negro Unificado, pois entendo o quanto ele influenciou os movimentos sociais do nosso país.

Assim, muitos movimentos sociais ganharam força na década de 70, sobretudo, o Movimento Negro Unificado (MNU), que tinha como princípio desvendar os olhos da população para que enxergassem o valor da história e cultura africana e afro-brasileira buscando dessa forma afirmar a identidade negra, isto é, forçava o reconhecimento de na sociedade, e por consequência, sua inclusão social, de forma mais justa e igualitária (Pereira, 2010).

O MNU é oficializado em 1978 e teve forte influência dos negros dos Estados Unidos, assume um papel veemente contra o racismo, atinge grande parte do país e propaga sua luta contra a discriminação

racial. A fim de reunir pequenos grupos que lutavam em prol dos direitos da população negra, fortalecendo o viés político.

Nas demandas de ação do MNU de 1982, paralela a luta de combate ao racismo é pautada a importância de se introduzir conteúdos que abordassem sobre a História da África e relevância do sujeito negro da sociedade. O movimento social acreditava que tais questões necessitavam entrar nos currículos escolares.

Por ter essa idealização e saber que o racismo influenciaria na forma como negras e negros eram vistas/os na sociedade era necessário fortificar as alianças e fazer com que o movimento negro se transformasse num movimento social de massas. E, também, fazer com que o viés político abraçasse as necessidades da população negra.

Desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização dos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (Domingues, p. 103, 2007).

É notória a relevância desta Carta de Princípios do MNU de 1978, já ficavam nítidas as demandas que o movimento acreditava serem pertinentes a serem abordadas. Outro fato importante que acredito ser essencial destacar aqui seria de que o MNU levantou uma bandeira que lutava contra a falácia da democracia racial, ideia de que vivemos em harmonia independente dos marcadores sociais que carregamos, ou seja, de que as relações entre negros e brancos aconteciam de forma equilibrada. Seguindo esse pensamento, as Diretrizes (BRASIL, 2004) trazem um papel relevante para o Movimento Negro para que houvesse uma positividade em afirmar a identidade negra, desse modo, compartilhando esse ideal político social para o pensar de docente.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor de raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe sua cor passar em branco! Este último utilizado na campanha do censo de 1990 (BRASIL, p. 15, 2004).

As diretrizes (BRASIL, 2004) foram e são precisas porque enfatizam sobre a importância da construção da identidade negra dentro do âmbito escolar, de forma positiva e crítica, deixando posto princípios que reafirmam essas questões:

FORTALECIMENTO DE IDENTIDADE E DE DIREITOS

O princípio deve orientar para:

- O desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada e distorcida;
- O rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;
- O esclarecimento a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;
- O combate à privação e violação de direitos;
- A ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais;
- As excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais. (BRASIL, p. 19, 2004)

Sem dúvidas, o Movimento Negro possui um caráter educador e formador de uma consciência racialmente crítica, características que corroboram para a construção de uma identidade político-social. Como expõe Nilma Lino Gomes (2012), o Movimento Negro irá se apropriar do conceito de raça e irá subvertê-lo de modo à ressignificar o mesmo de forma política e positiva como uma potência de luta atuando na formação da identificação negra. Ao construir esse pensamento automaticamente é lançado o questionamento que instiga a sociedade a repensar a sua própria história, erguendo argumentos pertinentes, políticos e críticos a fim de desmistificar a gnose da democracia racial.

Durante a década de 1980, os movimentos a favor do debate negro atuaram de forma expressiva, mas é na década posterior que ele se orchestra de modo a ganhar prestígio e alcança temáticas ligadas às questões raciais dentro do âmbito político. Justamente nessa década, que os programas midiáticos, a sociedade, o governo da União e as instituições escolares tomam frente, de fato, para esse debate e passou a pautá-lo de forma mais densa. O Movimento Negro, então, seguia acompanhando e lutando pela causa dos afrodescendentes há quase um século, razão pela qual, segundo Alexandre Nascimento (2007)

Passaram a exigir do Estado políticas de democratização da educação, de melhoria social, de meio ambiente (...) O movimento social negro não atuou de forma diferente. Na constituinte conseguiu fazer aprovar artigos que abriram espaços para a elaboração da lei 7.716, a chamada Lei Caó, em 1989, e para medidas de ação afirmativa, que, atualmente, começam a ser implantadas (Nascimento, p. 66, 2007).

A Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995, corroborou para que o Estado voltasse à atenção a luta antirracista instigando o reconhecimento das desigualdades raciais e a existência do racismo na sociedade. Desse modo, os debates ficam cada vez mais em foco a fim de expor os problemas e propor estratégias para enfrentá-los. Em 1996, o Governo da União lança o Programa Nacional de Direitos Humanos, um

documento que tem como objetivo pautar os Direitos Humanos de modo mais amplo e as lutas em prol do antirracismo. Mais uma vez cito Alexandre Nascimento (2007), pois segundo ele essas propostas de políticas públicas, direcionadas para a subversão do cotidiano racista e exclusão social, foram importantes pontos que trouxeram questões que causavam a segregação e impediam esses sujeitos de alcançarem ascensão social.

Muitas pesquisas que divulgavam as desigualdades sociais foram expostas durante a época, ao mesmo tempo em que muitos acontecimentos vinham ganhando densidade no início da década de 90, essas demonstrações deixavam postas a subalternidade social da população negra em relação à comunidade branca. Essas pesquisas também serviram de exemplo para poder demonstrar a presente segregação que assombrava a vida dessas pessoas. Friso aqui a promulgação da Constituição Federal, parecer que visa combater a discriminação racial em nossa sociedade.

Outra questão pertinente que irá servir de alicerce para a lei 10.639, é a aprovação da renomada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN, 1996), também, no ano seguinte, ocorreu à criação do Parâmetro Curricular Nacional (PCN, 1997), cujo objetivo era ser afirmado enquanto referência para o Ensino Fundamental e Médio de todo o país. O PCN possuía eixos transversais que se dividiam em: Ética, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural, pois tinha como premissa promover um pensar que fosse regido pelo respeito à diversidade.

Nesse sentido, é relevante pontuar a pluralidade cultural, pois trata de forma mais aprofundada as relações sociais e raciais dando brechas para que se pudesse defender a diversidade e combater o preconceito racial (Freitas & Vargens, 2009). Dessa forma, com apoio nas diretrizes supracitadas, a sociedade nacional é formada por uma pluralidade étnica, devendo-se respeitar todas as diferenças dos grupos discriminados.

O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõe a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, p. 32, 2000).

1.4 – 3ª Ala – LEI 10.639/03

Como já foram abordadas algumas entidades negras relevantes para que a lei atingisse sua promulgação, nesta ala será explicado sobre a mesma e seus desdobramentos. A referida legislação que tem como objetivo trazer a obrigatoriedade do estudo de cultura e história da comunidade africana e afrodescendente foi institucionalizada em 2003, pelo governo do presidente Lula. Nessa mesma época, o então presidente havia prometido assumir compromissos públicos que apoiassem a causa negra, um fato que

corroborou para que a mesma debutasse. Vale mencionar que do dia 31 de agosto até 7 de setembro no ano de 2001 aconteceu a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas em Durban, África do Sul, que teve a África como palco para promover os principais debates sobre desigualdade racial no mundo.

A conferência resultou na Declaração de Durban e no Plano de Ação, que expressam o compromisso dos Estados na luta contra o racismo. Friso que foi nessa conferência que ocorreu a denúncia do Racismo no Brasil, o que consequentemente acabou impulsionando a promulgação da Lei 10.639/03. Seguindo essa linha, a lei que tem como escopo atuar dentro da educação básica, ou seja, ensino fundamental e médio compreende a importância da contribuição da população negra escravizada. Segue texto da lei

LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Mensagem de veto

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e da outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira (BRASIL, 2003).

Como foi dito anteriormente, a lei emerge a partir de diversos embates travados pelos movimentos sociais, sobretudo, o movimento negro que é diverso e plural. Entretanto, mesmo tendo sido sancionada a legislação sofreu dois vetos antes da sua aprovação.

Em primeiro lugar, temos o veto dado à lei referente à proposta de que as disciplinas de História do Brasil e Educação Artística, no ensino médio, dedicassem, no mínimo, dez por cento do seu conteúdo anual às questões que versassem sobre a cultura e história africana e afro-brasileira. Além de ter sido rejeitada nos despachos da Presidência, ela foi considerada fora dos valores inconstitucionais. Para exemplificar de forma mais nítida:

o referido parágrafo [relativo à dedicação de dez por cento de seu conteúdo programático a temática mencionada] não atende ao interesse público consubstanciado na exigência de se observar, na fixação dos currículos mínimos de base nacional, os valores sociais e culturais das diversas regiões e localidades de nosso país. (BRASIL, p. 01, 2003b)

Em uma próxima análise, o segundo veto era relacionado à proposta que se referia a inclusão de entidades do movimento negro para atuar na capacitação em cursos para docentes. A seguir, temos as razões que culminaram na não aceitação dessa proposta:

Verifica-se que a lei nº 9394, de 1996, não disciplina e nem tampouco faz menção, em nenhum de seus artigos, a cursos de capacitação para professores. O art. 79-A, portanto, estaria a romper a unidade de conteúdo da citada lei e, conseqüentemente, estaria contrariando norma de interesse público da Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1988, segundo a qual a lei não conterá matéria estranha a seu objeto. (BRASIL, p. 01, 2003b)

Portanto, a lei foi promulgada tendo como exigência a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, e, também, trazendo a inserção do dia 20 de novembro no calendário escolar. Ao mesmo tempo em que a legislação era sancionada, foi criada uma secretaria que abordava as questões étnico-raciais, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), tendo como foco diminuir os resquícios deixados pelo período escravocrata. A fim de promover um debate que fosse discutido de forma horizontal, a SEPPIR tinha como premissa obter uma sociedade mais igualitária, conforme está posto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, veiculado em 2004:

O governo federal, por meio da SEPPIR, assume o compromisso histórico de romper com os entraves que impedem o desenvolvimento pleno da população negra brasileira. O principal instrumento para isso, é o encaminhamento de diretrizes que nortearão a implementação de ações afirmativas no âmbito da administração pública federal. Além disso, busca a articulação necessária com os estados, os municípios as ONGs e iniciativa privada para efetivar os pressupostos constitucionais e os tratados internacionais assinados pelo Estado brasileiro. Para exemplificar esta intenção, cabe ressaltar a parceria da SEPPIR com o MEC por meio das suas secretarias e órgãos que estão imbuídos do mesmo espírito, ou seja, construir as condições reais para as mudanças necessárias. (Ministério Da Educação, p. 08 2004)

A SEPPIR teve uma grande importância nesse assunto, pois foi por ela que as diretrizes foram publicadas. Tendo como objetivo dar às educadoras da sociedade um parâmetro para poder explicitar os eixos que regem a aprovação da lei 10.639/03 e dar prioridade ao reconhecimento que pessoas negras deram para o país. Retornando ao contexto escolar, as diretrizes ainda preveem que as:

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para a continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão. (Ministério da Educação, p. 11, 2004)

Há de se considerar que a promulgação da lei trouxe ganhos um tanto significativos para a sociedade que visa conquistar um molde social mais horizontal. Entretanto, há uma grande montanha que precisa ser

escalada, até que consigamos enxergar que nunca houve uma democracia racial presente em nosso histórico. Em soma disso, é necessário se atentar a tais indagações por diferentes óticas: apesar da lei dar reconhecimento para a luta do movimento negro; trazer em tom de obrigatoriedade o ensino de cultura africana e afro-brasileira a fim de subverter a lógica eurocêntrica presente em sala de aula; acusar o racismo como principal fator para as desigualdades sociais. Portanto, cabe indagar: É possível que educadoras e educadores da educação básica estejam aptas/os para trabalhar tal lei e encarar essa realidade? Kabengele Munanga explicita que:

Os educadores e as educadoras brasileiros/as não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores/as o necessário preparo para lidar com o desafio da problemática da convivência com a diversidade. Os resultados e as manifestações de discriminação resultantes dessa situação colocam nosso discurso em prol de uma escola democrática quotidianamente em xeque e indagam a nossa postura profissional. (Munanga, apud Gomes, Oliveira & Souza, p. 54, 2010).

Depois de a lei ter sido promulgada, muitas instituições criaram e começaram a ofertar cursos e especializações que abordassem sobre a temática racial, além da contribuição de políticas públicas direcionada a essas questões.

Contudo, precisamos de um corpo docente que abrace essas ideias e coloquem em prática de forma crítica esses saberes. Assim, o empenho de todas as partes é fundamental para que não continuemos a reforçar estereótipos racistas e privilegiando somente uma única história. Por meio da educação, nós conseguimos atingir os sujeitos, trocar saberes e dialogar de forma crítica com o outro.

A educação é um processo de socialização e criação de saberes, crenças, valores, como finalidade de ir construindo e reconstruindo as sociedades, os indivíduos e grupos que a constituem. É um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros. (Rios, p. 3, 2012)

Enfatizo, mais uma vez, a importância do movimento negro para que todas essas conquistas fossem alcançadas. Muitas lutas, muitos embates e enfrentamentos precisaram ser encarados para que tal lei tivesse nascido e, sem dúvidas, corroborasse para uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, por não querer que a lei fique somente no mundo das ideias, trago possíveis formas de colocá-la em prática, uso a possibilidade de dialogar com o samba e, especialmente, o samba enredo de 2019 da Mangueira e toda sua história. Em nossa próxima ala, iremos conversar sobre esse ritmo que é transgressor e serve como alavanca para que as engrenagens da educação funcionem.

2º CAPÍTULO – O MUNDO FOI FEITO DE SAMBA

Esse ritmo negro apaixonante nasce a partir da união de diferentes instrumentos, tem a essência de agregar lares e fazer moradia em corações distintos. Possui o poder de unir diferentes grupos, é ovacionado e carrega consigo um legado ímpar. Já foi extremamente perseguido pela Lei da Vadiagem que está inserida no Decreto-Lei nº 3.688 de 3 de outubro de 1941. A lei tinha como objetivo prender pessoas negras que estivessem em situação de ociosidade na cidade. Mesmo esse ritmo sendo gigante atualmente, ele já foi subalternizado e apreendido. Estamos falando do samba, ritmo que gera encantamentos por onde é escutado e “como em toda história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de frequente perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis”. (Sodré, p. 14, 1998)

Um som que sempre foi destacado por ser coisa de “gente preta”. Este ilustre e prestigiado ritmo é o samba. Ao contrário do que se pensa o termo samba não fazia referência ao estilo musical que conhecemos hoje, mas ao ambiente em que simplesmente as pessoas se reuniam para “fazer samba”, como aponta Helena Theodoro:

Num passo rápido, chamado miudinho, os pés, juntinhos, acentuam o vaivém e o requebro dos quadris das sambadeiras. Segundo os sambadeiros, não há regra para o desenho das linhas de dança, mas geralmente ela é circular, sendo que o dançarino gira sobre o eixo de seu próprio corpo. Já o samba corrido é mais flexível, ficando a coluna vertebral também ereta, mas os cotovelos são semiflexionados, dando aos braços uma movimentação de ir e vir e havendo uma movimentação mais rápida dos pés no miudinho e um movimento e um movimento de ombros e quadris. (Theodoro, p. 234, 2009)

O samba ganha forma através da união de diversas heranças musicais que foram trazidas para o Brasil. Esse legado veio acompanhado de pessoas negras escravizadas das regiões de Angola e Congo, por meados do século XVI, ele surge por uma expressiva influência da cultura africana. Muniz Sodré (p. 12, 1998) afirma que

nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano.

Com os batuques e dança, a comunidade negra realizava em seus raros momentos de lazer as rodas de dança ou como conhecemos hoje em dia “rodas de samba”.

Conforme Nei Lopes (p. 47-48, 2005), em uma de suas pesquisas, “existiam festas que tiveram início no processo de colonização, essas comemorações aconteciam nas ruas e festejavam as coroações dos “reis do Congo”. Esses personagens representavam de forma simbólica a autoridade dos reis e rainhas do continente Africano, esses mesmos personagens tiveram contato com os exploradores portugueses na África Subsaariana.

Esses festejos, realçados por muita música e dança, seriam não só uma recriação das celebrações que marcavam a entronização dos reis na África como uma sobrevivência do costume dos potentados bantos de animarem suas excursões e visitas diplomáticas com danças e cânticos festivos, em séquito aparatoso. E os nomes dos personagens, bem como os textos das cantigas entoadas nos autos dramáticos em que esses cortejos culminavam, eram permeados de termos e expressões originadas nos idiomas quicongo e quimbundo. (Nei Lopes, p. 47- 48, 2005)

2.1 – ALEGORIA: PELO TELEFONE

*O chefe da polícia pelo telefone manda avisar
Que na carioca tem uma roleta para se jogar
Ai ai, ai, fica triste se és capaz, e verás
Tomara que tu apanhes
Pra nunca mais fazer isso
Roubar amores dos outros
E depois fazer feitiço
Ai, a rolinha / Sinhô, Sinhô
Do nosso amor / Sinhô, Sinhô
Porque esse samba / Sinhô Sinhô*

Pelo Telefone, Donga e Mauro de Almeida

Como foi explicado anteriormente, as alegorias estarão encarregadas de “ligar” uma ala com a outra e explicar o decorrer das alas seguintes. Essa alegoria que carrega o nome do primeiro samba gravado no Brasil não poderia levar outra nomeação, pois estamos na parte do desfile em que falaremos sobre a história do samba e toda a sua trajetória.

Gostaria de dizer que antes desse primeiro samba gravado, houve outras composições já feitas, mas como esse foi o primeiro registrado em estúdio, ele ficou encarregado desse legado. A informação mais recorrente que temos é de que a melodia ganhou vida por volta de 1916-17, composta por Donga e Mauro de Almeida, na casa de Tia Ciata. O que nos leva a questionar a participação de Hilária Batista de Almeida, a famosa Tia Ciata, na composição da mesma. Esse ponto importante da participação feminina no samba estará presente na ala intitulada “Tias Baianas, força aguerrida que abençoou o samba”.

Na ala que carrega o nome de semba será feito um traçado sobre a origem do termo e sua forma de ser feita em território angolano. Sem dúvidas, uma herança deixada pela população africana e herdada pela população afro-brasileira.

Na sexta ala desse desfile, teremos as leis que fortalecem o samba e fazem ele ganhar respeito e grandiosidade a nível nacional e internacional. Pois, para fortalecer essa ala, acredito ser de enorme

importância citar as leis que corroboram para reconhecimento e para as leitoras e leitores dessa conversa, desse samba, possam conhecer mais sobre as legislaturas presentes. Vale destacar que muitas leis foram criadas por Leci Brandão; mulher negra, bissexual, mangueirense e apaixonada pelo samba. Mais uma vez as mulheres abençoam esse desfile!

Na ala que carrega o nome de A Preta Venceu! Teremos um pouco da história da cantora Ludmilla. Nos debruçamos no seu legado dentro do universo do samba/pagode e alguns feitos que ela conseguiu. Pois, é notória a voz mulher que dela enquanto lugar de potência e quebra de paradigmas.

2.2 – 4ª ALA – SEMBA

Antes de falar sobre semba, preciso dizer que o atlântico negro está ligado por meio da diáspora africana e contém influência na cultura afro-brasileira. Por ser um espaço cultural e social, que vai da África até as Américas, onde a diáspora africana, resultado da escravização, criou formas de expressão e resistência. O semba sendo oriundo da Angola e de outras localidades da África, é uma afirmação dessa ligação, dessa travessia do atlântico.

Ao falar sobre a origem do samba e conversar sobre sua história, é essencial abordar sobre o termo que dá significado ao mesmo. Estamos falando do semba, um ritmo que tem origem no continente Africano e que influenciou densamente a popularização do ritmo que temos hoje. Porém, antes de semba ser reconhecido como estilo musical, ele era conhecido simplesmente como gesto da umbigada, uma ação que fazia parte do reino do Kongo.

É de conhecimento por ampla parte dos pesquisadores que se debruçam sobre esta temática que o termo samba traz origens de terras africanas. Nei Lopes (1997) diz que a palavra samba, entre os quiocos da Angola, é um verbo que tem como significado “brincar ou divertir-se como um cabrito”. Segundo Nei Lopes

Samba, entre os quiocos (chokwe) de Angola, é verbo que significa “cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito”. Entre os bacongos, angolanos e congueses o vocábulo designa “uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro”. E essas duas formas se originam da raiz multilinguística semba, rejeitar, separar, que deu origem ao quimbundo di-semba, umbigada – elemento coreográfico fundamental do samba rural, em seu amplo leque de variantes, que inclui, entre outras formas, batuque, baiano, coco, calango, lundu, jongo e etc. (Lopes, p. 46, 2005)

A partir do citado acima é possível notar que o nosso ritmo carioca teve grande influência das tradições musicais da população africana e chega ao Brasil por meio dos povos negros escravizados durante o período colonial.

O semba começa a criar raízes em terras angolanas por volta dos anos 60 e traz com ele um grito de expressão que se eterniza até os dias atuais. Segundo Mateus Berger Kuschick (p. 894, 2015) em sua pesquisa de doutorado:

O semba se consolidou como música emblemática da população angolana a partir dos anos 60 do século XX e até os dias atuais ocupa um lugar de destaque entre as manifestações musicais associadas a Angola. “O semba é nossa bandeira” é uma expressão recorrente nas canções e nas vozes da população de Angola, país africano de língua oficial portuguesa, separado do Brasil pelo continente atlântico, mas tão próximo em outros aspectos. Os músicos, cantores, compositores da Angola colonial que se valeram da música para posicionarem-se contra a ocupação portuguesa foram parte importante do processo

A documentarista e pesquisadora Ariel de Bigault fez contato por e-mail com Mateus Berger Kuschick e exemplificou através de um depoimento cedido via e-mail e disponibilizado em 15-12-2012 que:

a palavra semba se refere, primeiro, a uma definição mais popular, que indexa, agrega, uma gama mais ampla de significados sociais. Reitero, semba inclui outros gêneros de música popular urbana (rumba, kabetula, kazukuta e rebita, entre outros) que foram tocados e aperfeiçoados a partir dos 60s e 70s. O Semba simboliza um momento crucial da história de Angola, no fim do período colonial, quando uma nova concepção de angolanidade emergiu e engajou uma nação (Kuschick, p. 893, 2015)

Outra característica marcante de ambos os ritmos, semba e samba, servem como fonte para expressar seus sentimentos e afirmar sua identidade cultural na sociedade. Ao encerrar esta ala, gostaria de enfatizar que o semba não pode ser visto somente como o “pai do samba” porque o ritmo encontrou sua variação em terras brasileiras, mas continua tendo grande relevância e reconhecimento no continente africano.

2.3 – 5ª ALA – LEGISLAÇÃO E SAMBA, TUDO A VER...

FIGURA 5:



LECI BRANDÃO

Fonte: noticiapreta.com.br

Chegamos na ala em que abordaremos sobre as leis que regem o samba e, indubitavelmente, fazem transgredir o conceito do ritmo em nosso país. Devo admitir que, até a realização dessa pesquisa, não tinha conhecimento sobre essas leis e não tinha ideia da importância de Leci Brandão para criá-las. Mais uma vez, a presença das mulheres no samba se torna algo imensurável e me faz pensar que sem elas o samba não seria samba. Uma ideia de imaginar essa ala, penso que seja formada somente por mulheres em que cada uma estaria trajada de uma lei específica. De diversas cores. Leci Brandão caminhando pela Sapucaí acadêmica ou em algum tripé que a transporta durante o desfile.

Existem muitas fotos de Leci Brandão na internet que poderiam ser usadas para colocar nesse desfile, mas acredito que a imagem que melhor pode ser usada, com base na minha perspectiva, pode ser essa, porque no fundo da foto, temos a bandeira da Estação Primeira de Mangueira, a escola de samba pela qual Leci é apaixonada. Ou seja, mais uma vez a Verde-Rosa iluminará esse desfile.

Leci Brandão da Silva é uma atriz, cantora e mulher atuante na política, nascida em terras cariocas no dia 12 de setembro de 1944, foi a primeira mulher a participar da ala de compositores da Mangueira. Já atuou como comentarista dos desfiles das escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro. Uma das minhas músicas preferidas de Leci Brandão chama-se “só quero te namorar” e está disponível pelo link: https://youtu.be/7Wz0Rux_P7U?si=2Vyn0hoy8KssJQSe

A música foi escrita inteiramente por ela. Ou seja, além de ter todas essas qualidades, ela ainda é compositora.

Adentrando nas leis que regem o samba, podemos começar pela Lei 15.690/2015, a referida legislação reconhece o samba enquanto patrimônio cultural imaterial do Estado, reconhecendo o ritmo enquanto um bem valoroso que atravessa gerações e agrega valores. Segue texto da lei:

O GOVERNADOR DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica declarado o samba patrimônio cultural imaterial do Estado.

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, Palácio dos Bandeirantes, 4 de fevereiro de 2015 (São Paulo, 2023)

O projeto de lei foi criado pela, então, Deputada Leci Brandão, pois ela entendia que o samba é um legado que merece proteção e preservação da sociedade.

Continuando com a ala, temos a Lei 17.363/2021, que desfila de forma triunfal no universo do samba e reconhece o dia 2 de dezembro como o Dia Estadual do Samba. A legislação também foi criada por Leci Brandão. Segue o texto da lei:

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica instituído o “Dia Estadual do Samba”, a ser comemorado, anualmente, em 2 de dezembro.

Artigo 2º - A data instituída no artigo 1º desta lei passa integrar o Calendário Oficial de Eventos do Estado.

Artigo 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, Palácio dos Bandeirantes, 13 de abril de 2021 (São Paulo, 2023)

A Lei 12.129/05 que dá norma e reconhece o dia 2 de dezembro enquanto o “Dia Nacional do Samba”. A data é marcada por muitas festividades em diversos locais que cultivam o samba em sua maior essência. A criação de leis acaba por conscientizar a população e os Poderes Públicos sobre a importância do ritmo para a construção da cultura brasileira. Destaco que, diferente das leis mencionadas até agora nesta ala, ela foi de autoria do deputado Nivaldo Santana do PC do B e da ex-deputada Ana Martins. Segue texto informativo da lei:

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica instituído o "Dia do Samba" a ser celebrado anualmente no mês de dezembro, com o objetivo de mobilizar a sociedade e os poderes públicos para a celebração do dia do samba e a reflexão da importância deste dia na formação cultural da nacionalidade.

Artigo 2º - vetado.

Artigo 3º - vetado.

Artigo 4º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta de verbas próprias, consignadas no orçamento e suplementadas se necessário.

Artigo 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, Palácio dos Bandeirantes, 24 de outubro de 2005 (São Paulo, 2005)

Prosseguindo com a temática sobre as leis dentro dessa ala, chegamos na hora de introduzir as leitoras e leitores a Lei 16.913/18, uma proposta de Leci Brandão que declara os desfiles das escolas de samba de São Paulo enquanto patrimônio cultural imaterial do Estado. Segue texto da referida legislação:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - São declarados Patrimônio Cultural Imaterial do Estado os Desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval.

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, Palácio dos Bandeirantes, 28 de dezembro de 2018 (São Paulo, 2018)

A Lei 15.148 de autoria de Leci Brandão que tem como proposta instituir o “Dia Estadual das Tias Baianas das Escolas de Samba de São Paulo”. Celebra-se a data no dia 25 de novembro. Segue texto da lei para mais informações:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica instituído o “Dia Estadual das Tias Baianas das Escolas de Samba de São Paulo”, a ser comemorado, anualmente, em 25 de novembro, passando essa data a integrar o Calendário Oficial do Estado.

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, Palácio dos Bandeirantes, 02 de outubro de 2013 (São Paulo, 2013)

Temos a Lei 14.567/2023 que reconhece, oficialmente, as escolas de samba como manifestação da cultura nacional. Promulgada no terceiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segue texto da referida legislação:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º São reconhecidas as escolas de samba – seus desfiles, sua música, suas práticas, suas tradições – como manifestação da cultura nacional.

Art. 2º Compete ao poder público garantir a livre atividade das escolas de samba e a realização de seus desfiles carnavalescos.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 04 de maio de 2023; 202º da Independência e 135º da República. (Brasil, 2023)

Pensando na lei supracitada, podemos idealizar que as escolas de samba enquanto marco na cultura nacional podem ser vistas enquanto produtoras de conhecimento científico; como movimentos sociais de suma importância para a sociedade. Não somente por serem movimentos sociais “vivos”; digo que são movimentos sociais vivos, porque, podemos imaginar, por exemplo, a Portela, uma escola de samba centenária e que atua no bairro de Madureira/Oswaldo Cruz, elabora diversas ações sociais para a comunidade que reside próxima a ela; na Mangueira, também temos aplicação de aulas para as pessoas que moram na comunidade, oficinas pedagógicas, cursos que preparam pessoas para o mercado de trabalho. Ou seja, um movimento social que atua veementemente ajudando as pessoas, a comunidade. Acrescento, também, que a comunidade vive o enredo da escola durante todo o ano, o que implica diretamente na troca

de diálogo entre escola de samba e moradoras/es. Portanto, a promulgação da lei somente corrobora para tal reconhecimento.

Para fechar a ala das leis vamos expor uma lei que foi promulgada em 2023 e teve como proposta incluir o samba enredo da Estação Primeira de Mangueira de 1988 como hino oficial das comemorações do dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Estamos falando da Lei 9.988/2023; de autoria de Chiquinho da Mangueira, ex-deputado, e foi sancionada pelo governador Cláudio Castro. Segue texto da lei:

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Torna a música “100 anos de liberdade, realidade ou ilusão” o hino oficial das comemorações do dia 20 de novembro, data de aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e Dia Nacional da Consciência Negra.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor em 2023, após prévia consulta pública junto às entidades registradas que atuam movimento negro no Estado do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 05 de abril de 2023. (Brasil, 2023)

Daí conseguimos entender a importância dos sambas enredo dentro da nossa sociedade, saber que há leis que circulam este ritmo musical acaba por fortalecer o pensamento de que ele não seja somente um ritmo, mas um ato de reivindicação de direitos. Um aliado poderoso para a população negra.

No samba enredo da Estação Primeira de Mangueira de 1988, a escola de samba verde e rosa faz com que as pessoas se questionem se realmente a abolição da escravização existe ou se somente é uma ilusão “Será, que já raiou a liberdade ou se foi tudo ilusão? Será que a Lei Áurea tão sonhada, há tanto tempo assinada não foi o fim da escravidão?” (Alvinho, et. al, 1988). Contudo, mostrar a letra da música completa ajuda a entender o tamanho da magnitude da composição:

O negro samba, negro joga a capoeira, ô
Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira
O negro samba, negro joga a capoeira, ô
Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira

Será, será
Que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão?
Será, ô, será
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão?

Hoje
Dentro da realidade
Onde está a liberdade?

Onde está, que ninguém viu?
 Livre do açoite da senzala
 Preso na miséria da favela
 Pergunte, pergunte ao Criador
 Pergunte ao Criador

Quem pintou esta aquarela
 Livre do açoite da senzala
 Preso na miséria da favela

Sonhei, sonhei
 Que Zumbi dos Palmares voltou
 A tristeza do negro acabou
 Foi uma nova redenção

Senhor, ai, Senhor
 Eis a luta do bem contra o mal

Que tanto sangue derramou
 Contra o preconceito racial
 Senhor, ai, Senhor
 Eis a luta do bem contra o mal
 Que tanto sangue derramou
 Contra o preconceito racial

(ALVINHO et.al, 1988)

2.4 – 6ª ALA – TIAS BAIANAS, FORÇA AGUERRIDA QUE ABENÇOOU O SAMBA

Antes de começar a conversar sobre essa ala, gostaria de mencionar o carinho e respeito que tenho por todas as mulheres que fazem parte do universo do samba. Costumo dizer que minha vida é rodeada de mulheres que me abençoam no decorrer da minha caminhada e trajetória. Tenho muita afeição por essas senhoras por saber que suas energias atravessam gerações. Portanto, assim como é obrigatório ter durante os desfiles das escolas de samba as alas das baianas aqui também abordar-se-á sobre essas mulheres presentes no samba, é uma ala que não pode faltar durante o show na Sapucaí. Nesse desfile não seria diferente e irei comentar sobre mulheres que carregam todo um legado ancestral do samba.

Nesse sentido, é impossível falar de samba e escolas de samba sem citar a imensa relevância que as tias baianas tiveram para que ele fosse aceito e ganhasse o reconhecimento que tem hoje. Muitos são os nomes de mulheres negras que ganharam o título de “matriarcas do samba”, porém poucos são os registros que encontramos sobre a grande importância dessas personalidades femininas para que a cultura do samba virou símbolo nacional. Geralmente, são encontradas pequenas informações ou aparecem ao lado dos

grandes sambistas como esposas ou mães. Em suma a esses fatos, podemos afirmar que o universo do samba também não estaria isento de sofrer com as vicissitudes das opressões de gênero.

As mulheres negras são fundamentais para a existência do samba, pois logo depois da Lei da Vadiagem de número 3.688 do ano de 1941, que trata das condutas que eram consideradas como crime na época, isto é, tinha como objetivo único e exclusivo perseguir pessoas negras que não tinham recursos, moradia e empregos

As Tias Baianas abriram as portas de suas casas para receber essas pessoas. Ou seja, muitos sujeitos negros não podiam transitar pela cidade e praticar sua cultura. Assim, eram recebidos pelas matriarcas do samba em suas residências.

As vozes dessas Tias Baianas mostram o quão guerreiras e a frente do seu tempo elas são, pois foram pessoas extremamente importantes para a existência de tal legado do samba. Em diálogo com a reflexão da maravilhosa filósofa Adilbênia Freire Machado, nós podemos constatar esse pensamento quando ela afirma que:

Contudo, nós mulheres negras somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes, de cultura, da história... Somos fundantes na construção de tudo o que existe. Sem mulher não há vida! Nesse sentido, não apenas a estrutura do conhecimento deve ser mudada, mas também o modo como tal estrutura é escrita. (Machado, p. 26, 2020)

Assim como Adilbênia diz que sem mulher não há vida, nós podemos pensar que sem as Tias Baianas não há samba! Sem as vozes dessas mulheres não existiriam escolas de samba. Ou seja, as festas que aconteciam nas suas respectivas casas possuíam um grande valor simbólico para este ritmo. Em concordância com a professora Helena Theodoro afirmamos que:

As festas na casa de Tia Ciata ficaram famosas na Praça Onze. No fundo do quintal reinava o samba, com mote e partido alto, riscado nos pés, e que era constantemente perseguido pela polícia. Na sala da frente, o baile, o chá dançante, permitido pelas autoridades. Nossas baianas de hoje usam a mesma indumentaria das baianas tradicionais dos terreiros, de tempos idos e vividos. São elas que cuidam do universo do samba. Limpam a quadra, fazem as comidas, preparam toda celebração do samba. São mães e avós dos sambistas. Sem elas as escolas não conseguem funcionar. Elas formam o coral feminino nos ensaios, sendo o termômetro para os compositores dos sambas que vão “pegar” junto da comunidade. Responsáveis pela cozinha, local sagrado, onde se dá vida ao que está morto, são verdadeiras alquimistas que transformam e movimentam a natureza. Elas criam vida e propiciam a continuidade da vida nas quadras, sendo segmento fundamental para a vida da comunidade. São parteiras, bordadeiras, tecelãs, artesãs, mães, educadoras e líderes comunitárias. Aglutinam as alas, apaziguam as confusões e organizam o samba na quadra e na avenida (Theodoro, p. 224, 2009).

Assim como Tia Ciata havia muitas outras baianas/musicistas que foram fundamentais para que o samba nascesse e ganhasse notoriedade: Perciliana, Carmem do Ximbuca, Maria Adamastor, Mariquita,

entre outras (Gomes, 2010) foram algumas dessas vozes mulheres presentes e importantes para o samba. Pontuo a importância dessas mulheres que vai além do lugar que as colocava na cozinha e enquanto simples anfitriãs que acolhiam esses sambistas em sua casa,

As “baianas quituteiras” têm um fundamento religioso muito forte, seja da umbanda ou do candomblé, sendo seus quitutes muito apreciados na cidade e sua presença fator obrigatório nas escolas de samba, onde se constituem em quesito indispensável aos desfiles, além de atuarem como elementos fundamentais nas quadras e barracões durante todo o ano. (Theodoro, 2009, p. 229)

As Tias Baianas não apenas abençoavam o samba antes de começar, mas também tiveram um papel de suma importância para o surgimento do ritmo e expansão no cenário musical. Além de serem as pioneiras por trazerem os ritos e cultos pertencentes às religiões de matrizes africanas, elas eram grandes quituteiras e festeiras. Essas informações são de conhecimento por certa parte da população, entretanto, gostaria de trazer nesta ala algumas informações relevantes que dão a essas personalidades um olhar atribuído a elas enquanto cantoras, compositoras e instrumentistas, isto é, conceder um lugar de importância.

Apenas uma dessas baianas ganhou lugar de destaque quando os assuntos partiam desse viés, Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata ou Aceata. Por esse motivo há mais informações sobre ela. A seguir um pouco da história de tia Ciata pela voz da mulher Helena Theodoro (p. 227, 2009):

No Rio de Janeiro, a baiana Tia Ciata de Oxum (Hilária Batista de Almeida), conhecida no início do século por suas ligações diretas com o samba de morro carioca, gerador das conhecidas “escolas de samba”, provou todo o poder das Ayabá ou mães-de-santo por realizar em sua casa, na Praça Onze, festas processionais negras, que proibidas pela igreja no Dia de Reis, foram deslocadas para o período de carnaval.

O primeiro samba a ser registrado ganhou o nome de “Pelo Telefone”, mas muitas outras composições que seguiam esse ritmo foram compostas e escritas antes do mesmo. Porém, mesmo sendo considerado o primeiro a ser gravado por ter feito sucesso no Carnaval carioca, é preciso deixar evidente que o mesmo não pode ser visto como “ponto inicial” na cadência do samba.

Há uma polêmica que circula em torno dessa gravação de que a composição também foi feita por tia Ciata, mesmo o samba dando créditos a Donga e Mauro de Almeida como únicos compositores. É estranho pensar que a Tia Baiana de Oxum não contribuiu para a elaboração do samba. Muniz Sodré (p. 16, 1998), afirma:

Na casa da Tia Ciata, surgiu Pelo Telefone, o samba que lançaria no mercado fonográfico um novo gênero musical. E os músicos do primeiro samba gravado foram recrutados entre os seus frequentadores: Donga, João da Baiana, Pixinguinha, Sinhô, Caninha, Heitor dos Prazeres e outros. A partir daquela casa – centro de continuidade da Bahia negra, logo de parte da diáspora africana, no Rio – e de outras do mesmo estilo, o samba ganhou as ruas, as

avenidas. Até 1926, segundo Heitor dos Prazeres, a Praça Onze era uma “África em miniatura”.

Em 1917, o Jornal do Brasil divulgou no canto da página uma nota em que deixava posto o descontentamento de tia Ciata e de alguns amigos por não levarem os créditos da música enquanto compositores dela. Segue as informações da nota:

Do Grêmio Fala Gente recebemos a seguinte nota: Será cantado domingo, na Avenida Rio Branco, o verdadeiro tango Pelo Telefone, dos inspiradores carnavalescos, o imortal João da Mata, o maestro Germano, a nossa velha amiguinha Ciata e o inesquecível e bom Hilário; arranjado exclusivamente pelo bom e querido pianista J. Silva (Sinhô), dedicado ao bom e lembrado amigo Mauro, repórter de Rua (falecido) em 6 de agosto de 1916, dando ele o nome de Roceiro. (Jornal do Brasil apud Moura, p. 124, 1995)

Essa polêmica tem sido aprofundada em assuntos que abordam o apagamento de mulheres dentro do universo do samba, entretanto, a figura de uma voz mulher expondo seu descontentamento foi pouco explorada.

Carmem do Ximbuca, irmã de santo de Hilária Batista de Almeida, nossa Tia Ciata, e que tinha convívio com ela, em um depoimento para Roberto Moura diz sobre a participação de Hilária nas rodas de samba onde improvisava e cantava também:

[...] levava meia hora fazendo miudinho na roda. Partideira, cantava com autoridade, respondendo os refrões nas festas que se desdobravam por dias, alguns participantes saindo para o trabalho e voltando, Ciata cuidando para que as panelas fossem sempre requentadas, para que o samba nunca morresse. (Carmem apud Moura, p. 100, 1995)

Nei Lopes em uma entrevista com Marinho da Costa Jumbema (neto de tia Ciata) pergunta sobre a presença das mulheres nas rodas de samba, fazendo-lhe o seguinte questionamento: “E as mulheres faziam partido alto?”. Marinho da Costa Jumbema responde:

Fazia! Era a Mariquita, Sinhá Velha... Maria Adamastor era uma grande sambista, que fazia grandes sambas, compreendeu? A minha tia, por exemplo, a Mariquita, tocava muito pandeiro, compreendeu? Elas às vezes em casa, só brincando, fazia um grande partido-alto. Só com um pandeiro e os cantos. Mas tinha muita senhora que naquele tempo... Por exemplo, a minha tia pequena, por exemplo, era grande. Sinhá Velha, que era minha tia também. E tinha as moças, em casa, inclusive a minha irmã Lili. Tinha a afilhada da minha tia, a Cicinha; tinha a Ziza, que era filha da... era minha prima; e era essa gente toda, minha família era muito grande. Ah, o prato era o ritmo do samba! Todo samba tinha o prato, o principal do samba era o prato. Com uma faca. (Jumbema apud Lopes, p. 105, 1992).

O neto de Hilária Batista de Almeida não mostra hesitação em colocar a relevância de figuras femininas dentro das rodas de samba. Além disso, ele destaca habilidades como o canto e menciona o fato de Mariquita atuar como pandeirista, ou seja, um lugar na percussão.

Com essas informações cedidas é fácil notar o valor enorme que as tias baianas tiveram dentro do universo do samba, uma relevância que dá a elas um lugar de destaque e de precursoras desse movimento. A ala das baianas que existe até os dias de hoje, sem dúvidas, é uma parte totalmente importante. Falar sobre as Tias Baianas acrescenta mais pano para a manga e reforça que o samba e as escolas de samba enquanto agentes educadores, pois trazer essas questões e esse conhecimento para a sala de aula faz com que, definitivamente, esse ritmo sirva enquanto aliado pedagógico a fim de corroborar para uma educação antirracista.

Acredito ser importante falar de uma Tia Baiana que é especial para mim, ela se chama Marilene dos Anjos, moradora no Parque Araruama, um bairro em São João de Meriti, Rio de Janeiro. Foi por intermédio dela que pude ter a chance de desfilar por uma escola de samba e tive a oportunidade de estar mais presente no universo das escolas de samba. Tia Marilene é uma mulher negra que sempre arruma blusas para que eu possa desfilar pela escola de samba Grande Rio. Essa mulher me deu a oportunidade de sentir a emoção que é desfilar por uma escola de samba. Ela é presidenta da ala das baianas da Grande Rio, uma mulher apaixonada por sua respectiva escola, e que tenho muito respeito. Aliás, esse respeito da juventude com as mais velhas e mais velhos dentro das escolas de samba é algo a ser frisado aqui porque acontece de forma natural e genuína. É entender o lugar importante ocupado por essas mulheres.

FIGURA 6:



Foto da Tia Marilene retirada do Facebook na página Escola de Música da Rocinha. Fonte: Facebook

2.5 – 7ª ALA – A PRETA VENCEU!

FIGURA 7: Ludmilla

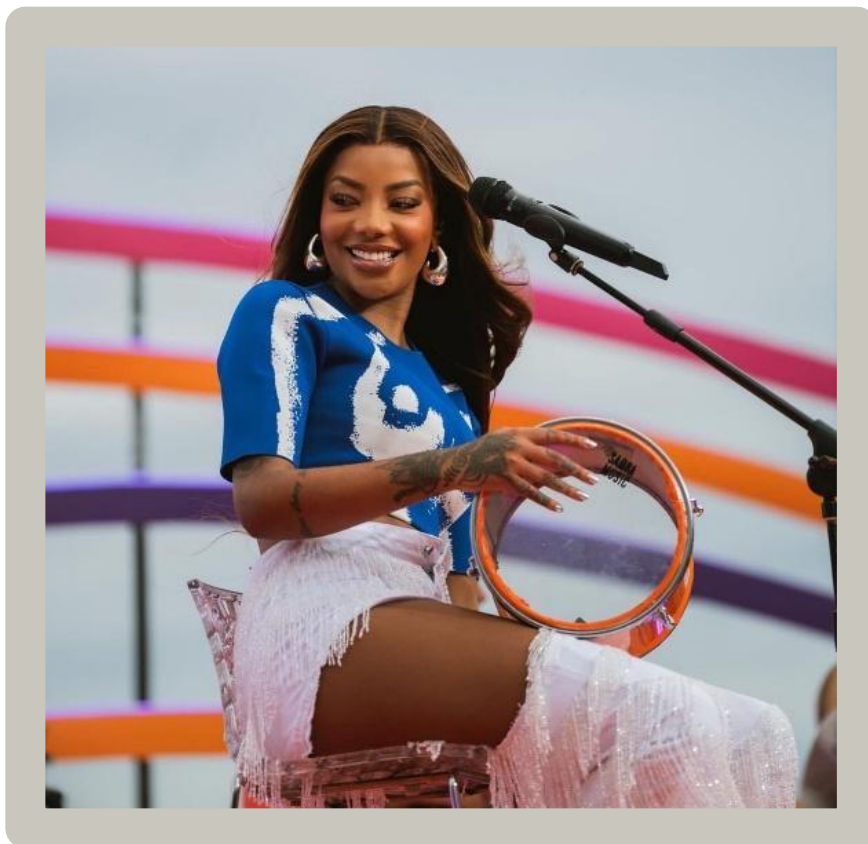


Foto retirada do Instagram da cantora Ludmilla. Fonte: Instagram

Chegamos na última ala dessa parte do desfile, um bloco que passou pelo samba e semba. Na ala supracitada, conversamos sobre a importância das Tias Baianas para o reconhecimento do samba e expansão nacional dele. Agora, para finalizar essa parte da travessia, iremos dialogar sobre uma personalidade que tenho um enorme carinho e é uma honra poder escrever sobre essa pessoa. Falar sobre essa voz mulher presente no samba/pagode me emociona demais! Enfim, chegamos na ala A Preta Venceu!

Entretanto, antes de conversarmos sobre o impacto de Ludmilla na indústria musical é de grande relevância abordar sobre o quão hercúlea foi a força de Elza Soares para este ritmo musical. Ela que, sem dúvidas, antecedeu Ludmilla foi a grande responsável por colocar o samba dentro das escolas de samba. Ela que sendo a primeira mulher a cantar um samba enredo em 1969 foi a pioneira ao interpretar a composição intitulada “O mundo Encantado de Monteiro Lobato”. Vale destacar que Elza Soares foi enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel no ano de 2020 com o título de “Elza Deusa Soares”, um ano depois ela nos deixou desse plano.

Peguem suas cores quentes e mergulhem no universo do pagode. Pois, convido para meu desfile a cantora Ludmilla, também conhecida como Rainha da Favela. Ludmilla começou como Mc Beyoncé cantando somente o gênero do funk, mais tarde com o grande sucesso e por assuntos empresariais optou por abandonar o nome dito anteriormente, e passou a utilizar seu nome de registro enquanto nome artístico.

Dona de álbuns do gênero pop, R&B e funk de muito sucesso, a rainha da favela carrega um legado ímpar tendo somente 30 anos de idade. Se tornou a primeira cantora negra da América Latina a ultrapassar mais de 2 bilhões de streams no Spotify. É considerada a maior cantora negra da América Latina segundo as informações disponibilizadas na página dela do Spotify. Está ao lado de grandes artistas negras ouvidas globalmente como Beyoncé, Rihanna etc.

Como podemos ver, Ludmilla é um sucesso estratosférico. Porém, gostaria de mencionar sua importância dentro do pagode. É importante entender que o pagode é um subgênero oriundo do samba, assim ela consegue adentrar no universo do samba por meio de músicas que simpatizam mais com o gênero citado. O projeto chamado Numanice começou com o lançamento de um EP (Extended Play), apenas como uma pequena aposta acabou debutando todas as músicas nas 200 mais ouvidas do Spotify do Brasil, que é um gênero ou subgênero como algumas pessoas entendem que está presente dentro do estilo samba.

No início de 2021, Ludmilla lançou uma versão ao vivo do seu projeto de pagode intitulado “Numanice: Ao Vivo”, contando com algumas participações especiais que cantam samba/pagode também. O projeto rendeu um certificado como platina.

Com o sucesso obtido no primeiro Numanice, ela lança em 2022 o segundo álbum dando continuidade ao projeto de samba/pagode, o Numanice 2 e Numanice 2: Ao Vivo. O segundo projeto da cantora conquistou o tão sonhado Grammy, uma premiação muito ovacionada dentro do universo musical.

O ano de 2023 foi difícil para os fãs da Ludmilla que simpatizam com o ritmo, pois a cantora focou em outros ritmos e projetos. No ano de 2024, ela nos presenteia com o Numanice 3: Ao Vivo, o maior de todos tendo 18 músicas lançadas. Sendo o seu maior feito na carreira e contando com muitos recordes. Porém, o maior recorde que acredito ser importante mencionar nesse desfile é o sucesso do primeiro single lançado para promover o álbum, a música intitulada “Maliciosa”. O sucesso da canção foi tanto que Ludmilla conseguiu emplacar uma música do gênero no top10 do spotify brasileiro. Vale dizer que é uma música solo interpretada por uma mulher negra. Ludmilla se tornou a primeira artista a colocar uma música solo do gênero em tal posição. A música alcançou o nono lugar nas mais ouvidas do Brasil inteiro.

Não poderia deixar de dizer que em 2023 Ludmilla tornou-se intérprete do samba-enredo da escola de samba Beija Flor de Nilópolis. É muito importante mencionar estes feitos da cantora dentro de um ritmo

que é marcado fortemente pela presença masculina. Ludmilla conseguiu quebrar barreiras ao se permitir cantar samba/pagode. Resgata músicas antigas e faz com que muitas pessoas possam conhecer. Mais uma vez, temos uma mulher que corrobora para o reconhecimento a nível nacional e internacional do samba/pagode. Ou seja, a preta venceu! Trago Ludmilla também para afirmar como o samba é vivo no Brasil, ultrapassando barreiras e o próprio tempo. O samba é ancestral e educa de diversas formas, contribuindo para formação da nossa consciência de forma positiva, nos trazendo orgulho, pertencimento e resistência. O samba é antirracista, transgressor e contracolonial!

3º CAPÍTULO - MANGUEIRA TEU CENÁRIO É UMA BELEZA

Agora que já conversamos um pouco sobre a história do samba, do semba e sobre a importância das Tias Baianas, iremos nos aprofundar um pouco mais na história das escolas de samba, mas, nesse caso, a história do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Antes de abordar sobre, gostaria de explicar que o termo “escola de samba” nasce a partir de reuniões que as/os sambistas da época faziam atrás de uma escola de ensino normal, uma das informações mais recorrentes que temos é: “a designação escola de samba está associada à Escola Normal, que funcionava no Estácio, sendo os sambistas de fama então chamados de mestres ou professores. Surgiram depois as Escolas de Samba da Portela, Mangueira e Unidos da Tijuca”. (Sodré, p. 89, 1998)

Ou seja, se nas escolas de ensino professoras e professores ensinavam a matéria, as/os sambistas também poderiam ser chamados de mestras/es ou professoras/es, pois também ensinavam como fazer samba.

As escolas de samba são lugares potencialmente afetivos porque reúnem muitos sujeitos de diferentes lugares, mas que possuem em comum o amor pelo samba. Um espaço de confraternização, de trocas e onde todas as pessoas podem se expressar livremente.

Durante os encontros nas escolas de samba, a bateria sempre se agrupa no centro do local e dá ritmo e tom para o lugar, ela funciona como se fosse o coração da escola. As/os passistas do dia também se juntam ao local e sambam de forma descontraída. Essas pessoas muitas vezes são enxergadas enquanto os batimentos desse coração. Temos também, como de costume, a apresentação do primeiro casal de mestre sala e porta bandeira em que gentilmente dançam de forma sincronizada entoando o pavilhão da escola. É uma dança formosa e tocante. As baianas marcam presença e giram ao redor da quadra, pois as sambistas sabem da importância dessas mulheres. A ala da comunidade também aparece e entra para a roda somando

ainda mais energias para o momento. Cada pessoa é vista como parte de um todo e que se forma em um só lugar.

Vale lembrar que as escolas de samba incorporam diversas características presentes nos ranchos-escola, que eram semelhantes aos blocos carnavalescos que se encontravam a fim de realizar os desfiles. No Rio de Janeiro ficaram famosos os desfiles feitos por ranchos que aconteciam na Avenida Rio Branco. Muniz Sodré em diálogo com Heitor dos Prazeres fornece a informação de que as escolas de samba vieram para substituir os ranchos

Elas substituíram os ranchos, que já não eram mais frequentados pelos grandes artistas. A ideia de formação das escolas de samba nasceu aos poucos, na década de 1920, durante os carnavais... Passamos a nos organizar no Estácio, esquina da Rua Pereira Franco, ponto de reunião de Ismael Silva, Rubens Barcelos e outros sambistas, onde Francisco Alves nos procurava para comprar sambas... Mais tarde, sambistas da Mangueira e outros bairros começaram a se juntar ao nosso grupo. Finalmente, em 1927, com Nascimento, Saturnino, Ismael Silva e muitos outros, fundamos a Escola de Samba Deixa Eu Falar, a primeira do Brasil. (Sodré, p. 88-89, 1998)

3.1 – ALEGORIA: VERDE QUE TE QUERO ROSA

*Verde como céu azul a esperança
Branco como a cor da Paz ao se encontrar
Rubro como o rosto fica junto a rosa mais querida
É negra toda tristeza se há despedida na Avenida
É negra toda tristeza desta vida
É branco o sorriso das crianças
São verdes, os campos, as matas
E o corpo das mulatas quando vestem Verde e rosa, é
Mangueira
É verde o mar que me banha a vida inteira*

Cartola, Verde Que Te Quero Rosa

Chegamos na terceira alegoria desse diálogo. Como de costume, ficará encarregada de explicar de forma breve o que acontecerá nesta parte do desfile. Porém, é importante dizer o porquê esse foi o nome escolhido para esta alegoria. Sem dúvidas, a razão que cerca essa escolha está em aproximar as leitoras e leitores de uma das pessoas que fundou a Estação Primeira de Mangueira.

“Verde Que Te Quero Rosa” é um samba escrito inteiramente por Angenor de Oliveira, mais conhecido pelo nome de Cartola. Portanto, como chegamos na parte da travessia em que conversaremos

sobre a história da Mangueira, se torna importante referenciar um dos grandes baluartes da escola de samba que corroborou na criação dela. Seja bem-vindo, mestre Cartola.

Em nossa nona ala, iremos falar sobre a história da Mangueira e explicar como ela chegou nesse palácio que é hoje. Essa escola de samba pode ser vista como território histórico porque concentra grande parte das pessoas que foram fundamentais para o crescimento da própria escola de samba em si. Particularmente, é um momento chave para essa dissertação, pois como foi dito, a Estação Primeira de Mangueira e seu samba enredo deram luz e guiaram a elaboração desse trabalho.

Na décima ala de nosso desfile, irei contar um pouco sobre minhas experiências nos ensaios de rua que aconteceram na mangueira. Minha professora e orientadora Adilbênia Freire Machado me deu essa sugestão, achei muito valiosa, pois me faz relembrar diversas situações que aconteceram durante os ensaios, mas havia esquecido. É de emocionar a sensação de voltar nas experiências que tive durante os ensaios de rua e ensaios técnicos.

Na ala sobre a Mangueira do Amanhã, iremos conhecer um pouco sobre a escola de samba mirim da Mangueira. Entender como esse legado é passado entre gerações devotas do samba. É importante fazer com que mais pessoas conheçam sobre o universo da escola de samba mirim. Será pautado o conceito de ancestralidade tendo como convidado o professor Eduardo Oliveira.

3.2 – 8ª ALA – G.R.E.S ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

Chegou o momento de mergulhar no universo verde e rosa desse desfile e descobrir mais um pouco sobre a história da maior escola de samba do planeta. A presente ala ficará encarregada de contar brevemente sobre a fundação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Fernando Antônio Guerra Peixe, Rubens de Sant'anna e Heloisa Alves (2017) dizem que a comunidade presente no morro gostava das folias e já nesse momento, o samba já se misturava, a Mangueira sendo um conhecido reduto na cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente, por questões de segregação social, as/os habitantes não podiam participar dos desfiles ofertados pela classe burguesa branca e, em consequência desse fato, a comunidade organizava de forma humilde e simples os seus blocos para pular carnaval. O que acarretava a exclusão de grandes sambistas por terem atitudes vistas como arruaceiras. Entretanto, essa exclusão era nitidamente uma forma racista de agir.

Por conta dessa exclusão foi que em 1923, os sambistas que sofriam essa exclusão fundaram um bloco somente formado por homens chamado de Bloco dos Arengueiros; nesse bloco, eles saíam pelas ruas arrumando e criando conflitos com diversos blocos ou qualquer outra pessoa que seja.

Com base nos autores citados acima, em 1928, eles tiveram a decisão e ideia de unir todos os blocos que desfilavam pela Mangueira e fazer com que se tornasse somente um bloco, isto é, essa união de todos os blocos culminou na criação da Estação Primeira de Mangueira. O nome “Estação Primeira” faz referência às paradas que o trem fazia quando saía da central em direção ao subúrbio, sendo a estação da Mangueira a primeira “onde existia samba”. Segundo o estatuto da Estação Primeira de Mangueira a definição dos seus objetivos enquanto escola de samba fica exposto no texto:

O Grêmio tem por objetivo a pesquisa e o enriquecimento do folclore nacional, através do desenvolvimento cultural e artístico do “SAMBA”, assim como a prestação de serviços beneficentes de natureza filantrópica; projetos sociais, promoções de recreativismo, festas, reuniões educativas de modo a incentivar o aperfeiçoamento moral e intelectual de seus associados, por meios próprios e/ou convênios com repartições federais, estaduais e municipais, e com entidades não governamentais. (G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira, p. 1, 2006, art. 2º)

Nos parágrafos seguintes do estatuto, a Mangueira ainda incentiva que haja práticas esportivas, veta a distinção de raça, classe, religião ou qualquer tipo de discriminação.

A Mangueira conquistou em 2019 o seu décimo nono título de campeã do carnaval carioca, possuindo também o título especial de supercampeã, conquistado no ano de 1984. É a segunda escola com o maior número de títulos ficando atrás somente da azul e branco de Madureira/Oswaldo Cruz, a Portela, que possui 22 vitórias no campeonato.

A comunidade é fortemente identificada pelas cores verde e rosa escolhidas por Cartola, um dos grandes baluartes da escola de samba e do mundo do samba. Se misturaram com a essência da escola e acabaram se tornando praticamente uma só. Essa ideia da associação do Verde-Rosa, também é um pensamento que outras pessoas automaticamente têm. E, também, se torna um importante fato corroborante para o desenvolvimento da comunidade que reside no morro (Peixe; Sant’anna; Alves, 2017).

Saliento nessa ala, o cuidado que a escola de samba tem em trazer frequentemente enredos que são críticos e fazem as/os ouvintes do ritmo a terem indagações sobre as causas sociais e discriminações ocorridas na história da sociedade. Não que a Estação Primeira de Mangueira seja uma escola de samba perfeita e que sempre é assertiva nas escolhas dos enredos que irão reger o ano, mas na maioria das vezes a escola se preocupa em educar ou reeducar a consciência da população. Uma escola de samba quase centenária e que atua enquanto movimento social vivo! Viva a Estação Primeira de Mangueira, viva o samba, viva as/os sambistas brasileiras/os.

Vale destacar que a Mangueira tem o maior programa social segundo a UNESCO; o Programa Social da Mangueira, a escola se compromete em combater e diminuir as diferenças sociais e intolerância sobre qualquer tipo de pessoa. O programa teve início com a criação da Vila Olímpica da Mangueira e que somente focava em atividades voltadas para o esporte, hoje possui distintos projetos voltados à educação, conhecimento da cultura, valorização da história e cuidado com a saúde, e teve desenvolvimento no Instituto Mangueira do Futuro (Instituto Mangueira do Futuro, 2015).

Parafraseando Nelson Sargento na sua música em que diz que o samba agoniza mas não morre, podemos dizer que as escolas de samba agonizam, mas não morrem também. Agonizam porque muitas das escolas de samba tanto do grupo especial como dos grupos ouro, prata e bronze muitas das vezes não recebem a verba necessária para colocar seu desfile na rua. O que acaba por impossibilitar que essas instituições ganhem a notoriedade que merecem.

Desse modo, a Estação Primeira de Mangueira, expõe a existência e resistência de um legado deixado por muitas/os, suas raízes são protegidas e guardadas com zelo. Prospera sonhos vindouros dos seus ancestrais ao desenvolver coletivamente a memória e manter a preservação da mesma. A Mangueira tem axé! O povo mangueirense é símbolo de resistência e amor!

3.3 – 9ª ALA – ATRÁS DA VERDE E ROSA SÓ NÃO VAI QUEM JÁ MORREU

FIGURA 8:

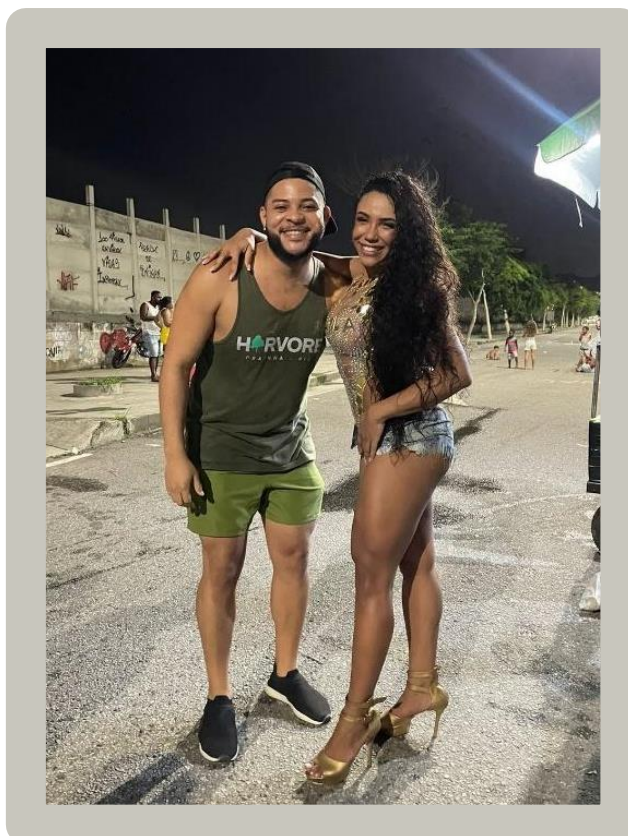


Foto retirada durante o ensaio de rua da Estação Primeira de Mangueira. Fonte: o autor

Na foto que abre esta ala, estou ao lado de Evelyn Bastos, a rainha de bateria da Estação Primeira de Mangueira. Esta ala ganhou o nome de um dos sambas mais emblemáticos da Mangueira mesmo não sendo campeão no ano desse desfile, a ala *Atrás da Verde e Rosa Só Não Vai Quem Já Morreu*, tratará de expor uma das experiências durante os ensaios de rua que aconteceram, e abordará sobre a emoção sentida no ensaio técnico: *"O primeiro ensaio de rua aconteceu no dia 07 de dezembro de 2023. Previsto para começar às 19 horas, somente começou por volta das 20:40 da noite, ou seja, atrasou. Mas, é normal ocorrer esses atrasos. Como o ensaio é composto por muitas alas, as pessoas demoram para se agruparem em seus respectivos lugares. Como de costume, estou sempre acompanhado da minha mãe, Dona Tonia, ela ama os ensaios de rua da Mangueira. Apesar de torcer pela Mocidade Independente de Padre Miguel, me acompanha sempre que pode. É emocionante demais ouvir e sentir o esquentar da bateria e ao mesmo tempo poder olhar o morro da mangueira, uma pintura! A gente canta todos os maiores sambas da escola e, em seguida, os intérpretes dão início ao samba que irá reger à escola no ano seguinte (2024). Ah, por motivos de curiosidade, o samba enredo de 2024 falará sobre a nossa tão querida Alcione, umas das vozes mais importantes do mundo do samba, "A Negra Voz do Amanhã". A energia durante o primeiro ensaio é forte demais. Fogos de artifício assim que o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira chegam, a porta-bandeira entoando seu amor pela escola acompanhado do seu parceiro mestre-sala com passos elegantes e carregados de amor pelo seu pavilhão verde e rosa. A comunidade segue cantando e gritando o hino da*

comunidade no maior tom de voz possível. Eu sigo cantando junto e mergulhado numa animação que faz arrepiar todos os pelos do meu corpo. Caminhamos por cerca de uma hora na Avenida Estação Primeira, cantando e acompanhando o desfile da escola. Percebendo cada componente da ala. Particularmente, a ala que mais me chama atenção é a das baianas e dos passistas! Não sei o motivo, mas acredito que seja porque desfilo na ala das baianas da escola Grande Rio, como apoio; já na ala dos passista, acredito que seja por ter esse sonho de desfilar como passista algum dia. Voltando para o desfile preciso falar sobre a rainha de Bateria, Evelyn Bastos, uma voz mulher negra que comanda a bateria da Mangueira. Evelyn é um exemplo de mulher a ser seguido; posicionada, inteligente, linda e do bem. Para mim, é a maior rainha de bateria da atualidade. Não por ter samba no pé, mas por ser o “pacote completo”. Ainda irei tirar uma foto com aquela diva (No ensaio seguinte, consegui tirar uma foto com ela)! As crianças ovacionam a rainha de bateria, em sua maioria são crianças negras e que, sem dúvidas, se sentem representadas vendo aquela mulher negra à frente da bateria. Não somente os pequenos, mas toda comunidade ama a rainha de bateria, é nítido o carinho que nutrem por ela. Eu me emociono e fico perplexo assistindo-a! O ensaio terminou por volta das 21:30 da noite. A comunidade efervescida com o primeiro ensaio de rua, o ensaio que abriria a temporada de 2024 da Mangueira. Ah, Mangueira, como eu te amo!!!”

3.4 – 10ª ALA – MANGUEIRA DO AMANHÃ COMO LUGAR DE ANCESTRALIDADE

As Escolas de Samba Mirim são agremiações que se assemelham às escolas de samba tradicionais, mas são voltadas para as crianças. São ligadas a determinada escola de samba e possuem ações sociais.

É importante mencionar que as escolas de samba mirim também podem atuar enquanto espaços de educação não formal. Partindo desse pensamento, as escolas de samba mirim oferecem cursos, aulas de dança, assistência e brincadeiras para as crianças pertencentes das respectivas escolas. Daí já podemos perceber a importância do brincar durante a infância e ainda mais estando dentro de um espaço totalmente politizado. Benjamin traz uma importante reflexão da brincadeira na educação da criança

Pois é uma brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser articulados no pequeno através de brincadeiras, acompanhadas pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira. Os hábitos são formas petrificadas, irreconhecíveis, de nossa primeira felicidade e de nosso primeiro terror. (Benjamin, p. 253, 1994)

Entender que para essas crianças o fato de estarem dentro de uma escola de samba mirim além de ser importante também se torna uma brincadeira para elas, porque esse brincar se constrói em um caminho através das experiências que elas têm dentro das escolas de samba mirim.

Tendo noção desse fato, essas escolas mirins funcionam como lugar de preservação das escolas de samba e pensam no futuro da comunidade. As alas que existem na escola de samba tradicional também existem nas escolas mirim. Ou seja, a única diferença é que não existe competição e nem cabine de jurados para dar pontuações para as escolas mirim, pois a principal ideia é passar a tradição que há nas escolas de samba tradicionais.

O legado do samba não nasceu de um dia para outro, mas se mantém vivo pelo poder da oralidade, da escrita, da tradição e da ancestralidade. As/os mais velhas/os ensinam as crianças como se comportar durante o desfile e trocam as experiências com elas. Faz parte da tradição das escolas de samba. De acordo com Vanda Machado

O pensamento africano não se separa, não hierarquiza. Corpo, mente, memória, tradição, sentidos, imaginários, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade, que não se presta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos. A preocupação pela legitimidade da tradição é, de fato, uma preocupação notória com a preservação da identidade. Sem tradição, não haveria identidade. É a tradição que conta a história do pensamento africano, expondo a ancestralidade negra na sua integralidade. (Machado, p. 8, 2010)

Muitas crianças que fazem parte das escolas mirim quando crescem acabam fazendo parte da escola de samba tradicional. Faz parte da tradição, da continuidade. É dessa parte que existe o alimentar a ancestralidade dentro da comunidade. Se mantém viva a tradição, o respeito e os costumes.

Menciono que a criadora da escola de samba mirim da Mangueira foi a grande artista e sambista Alcione, mais conhecida pelo nome de “Dama do Samba”, pois é uma cantora com uma das vozes mais notórias do país. Alcione já vendeu mais de 8 milhões de discos ao longo de sua carreira e acumula indicações e prêmios relevantes no mundo da música. Ela que deu o nome de Mangueira do Amanhã porque na época, ela já acreditava que o samba não poderia morrer e teria seu legado ancestral continuado. Ou seja, como legado de resistência. Em concordância com Eduardo Oliveira compreendo que:

a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retro-alimentada pela

tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo. (Oliveira, p. 3-4, 2009)

Assim, as escolas de samba são uma cultura diretamente ligada as pessoas negras tornando-se um símbolo negro de resistência. Não seria errado ter esse mesmo pensamento em relação às escolas de samba mirim, pois atuam enquanto continuação de um legado herdado em sua maioria por pessoas negras.

4º CAPÍTULO – SAMBA E EDUCAÇÃO: ALIADOS CONTRACOLONIZADORES E TRANSGRESSORES

Nosso desfile teve início com a comissão de frente mostrando os motivos da minha identificação com a temática discutida; em seguida com o abre alas onde desbravo o motivo da inspiração para essa dissertação onde desfilo e abordo sobre o movimento negro e sua importância para que houvesse a promulgação da lei 10.639/03; continuamente com alas que mostram uma parte da história do samba e, sucessivamente, exibem alguns pontos valorosos para que tal ritmo ganhasse notoriedade a nível nacional. Finalmente, chegamos à finalização deste percurso, essa parte será a etapa final de nossa conversa e trará como objetivo alguns pontos importantes sobre possibilidades que o samba nos dá a fim de obtermos uma prática pedagógica engajada, antirracista e contracolonizadora.

Falar sobre samba atrelado a educação sem mencionar o enredo da Portela de 1939 “Teste ao Samba” em que a escola de samba colocou na avenida uma alegoria que representava um quadro-negro ensinando a história do samba e o papel do povo brasileiro acaba por influenciar os futuros desfiles onde se abordariam temas semelhantes. Se dermos ao samba um caráter pedagógico e que introduza novos olhares para o currículo engessado que temos no âmbito escolar, automaticamente estamos erguendo estruturas que defendem os ideais da comunidade negra. A contar do momento em que olhamos para a produção de conhecimento que há nas escolas de samba e, conseqüentemente, aproximando ambos os espaços, conseguimos tirar as viseiras do senso comum e abrir os olhos para os pensamentos que atrelam um viés intelectual a esse ritmo negro de resistência. Porque entendo que é primordial ir contra o perigo da história única presente no ambiente escolar,

Era preciso buscar a nossa própria história de negros e índios, além de conhecer outros lugares e nunca pensar que já se chegou ao limite do saber. Sempre existe algo novo a ser percebido e aprendido... Se faz mister usar uma nova ideologia que promova a libertação das pessoas e que permita ao livro e à mídia evidenciar valores pluriculturais que coexistam, juntando as diversidades sem atritos e sem ódios, num aprendizado que produza o viver com

harmonia. A esta maneira de ver a realidade chamei ideologia do axé. (Theodoro, p. 18-19, 1996)

Para grande parte da população que está mergulhada no senso que reproduz um pensamento comum, o samba está ligado somente à ideia de festividade e folclorização de uma cultura nacional. Não que essa idealização seja errônea, mas precisamos olhar para este ritmo com uma perspectiva que irá germinar saberes críticos passados de geração em geração.

Para mesclar a educação ao samba, decido me alicerçar nos pensamentos e contribuições pedagógicas que bell hooks traz em suas pesquisas e escritas. Pois, para hooks (p. 56, 2017) “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora”. Portanto, entendo que assumir esse compromisso de estar aliado a uma pedagogia que transforma as pessoas em sala de aula, é contribuir para uma educação transgressora.

Ela que foi e sempre será uma grande referência nos estudos sobre educação transgressora ficará encarregada de sambar essa parte do desfile conosco. Inclusive, deu luz para que colocasse a palavra “transgressora” no título da dissertação. Porque acredito que ao referenciar nos títulos grandes personalidades que me acompanham desde a graduação torna-se uma forma de não deixar o passado se apagar, além de misturar passado com o presente criando outros futuros. Obrigado, bell hooks, por toda contribuição. Gostaria de dizer que haverá a participação de outras fontes teóricas para a confecção dessa parte. Dando continuidade a esta escrita ou como tenho falado: conversa. Acredito que, enquanto professor/pedagogo comprometido com a educação transgressora, tenho a responsabilidade de trazer para a sala de aula uma pedagogia engajada e que abrace a mudança. E, assim, acorde a criticidade nas alunas e alunos presentes na sala de aula. Concordo com bell hooks (p. 51, 2017) quando ela afirma que:

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar.

Acredito que nosso estilo de ensino precisa urgentemente mudar a fim de se alcançar uma sala de aula mais inclusiva e consciente de sua história. Não somente por isso, mas por crer que por meio da educação é possível obter um futuro harmônico, num processo de desconstrução do racismo e de diversos preconceitos que atravessa nossa sociedade. Por isso, precisamos transgredir para que nossa educação seja antirracista e contracolônia.

hooks expressa que precisamos tirar o foco na educação ocidentalizada para que consigamos romper com as normas dominantes presente no contexto escolar e que acaba por negar outras fontes de saber, ou seja, enquanto educador, sei que preciso estar atento para as mudanças e estar disposto a abraçá-las, pois, segundo hooks (p. 59. 2017), “os professores e alunos no contexto multicultural têm de aprender e aceitar diferentes maneiras de conhecer, novas epistemologias”.

O samba, um ritmo totalmente cultural e popular que é sempre escutado e cresce ao mesmo tempo na casa das pessoas, nos possibilita entrelaçar vivências e experiências em sala de aula. Partindo do ponto de que temos o samba enredo enquanto aliado transgressor automaticamente desamarra as cordas hegemônicas da educação que nos prendem nas práticas colonizadoras, mas ao desatar esses nós, é possível resgatar e priorizar os conhecimentos que foram esquecidos e marginalizados “o multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula” (hooks, p. 63, 2017)

Porém, sei da dificuldade em ir contra essa corrente colonial presente nos livros didáticos. Helena Theodoro já afirmava isso em seu livro *Mito e Espiritualidade*:

Em função de minha história, ao pensar no discurso da sociedade brasileira usado para definir, orientar, informar e caracterizar as mulheres negras, comecei a pesquisar o nível de desfavorecimento que ele oportuniza e de como a linguagem utilizada nos meios de comunicação de massa, nos livros didáticos e no dia-a-dia reflete a estrutura de organização da informação de uma cultura proveniente da Europa, que tem seus padrões e conceitos próprios que priorizam a razão em detrimento do imaginário social do povo, que despreza emoções, fantasias, mitos e sonhos, que constituem o universo simbólico da realidade brasileira. (Theodoro, p. 18, 1996)

Em concordância com a citação supracitada é nítido que há um reforço da história já contada nos livros em sala de aula. É de conhecimento geral que isso sempre foi um interesse político e racista com o único intuito de fazer um povo sem conhecimento de sua história.

Entretanto, me entendo como professor/pesquisador sambista e sei da necessidade de pontuar a educação como prática libertadora que consiga desmistificar as histórias já contadas em sala de aula. Trazemos, mais uma vez, o samba enredo da Mangueira de 2019 como aliado transgressor, pois ele atua na valorização e reconhecimento de outros saberes.

Dessa forma, se torna um cúmplice que combate a reprodução do pensamento branco e colonizador presente nos contextos escolares e que é entendido como única norma. Para bell hooks (p. 244, 2017), “o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas nos põe numa solidariedade e comunidade maiores”. Introduzir este samba enredo na sala de aula abriria portas que poderiam transgredir a educação.

O samba enredo consegue se manter vivo com maestria e faz com que seu legado siga vivo e atravessando períodos distintos, em outras palavras, esse ritmo tem sua herança enraizada em solo brasileiro que floresce até os dias atuais justamente pelo poder possante de se manter vivo por sua oralidade. Por esse motivo é imprescindível exaltar o poder da oralidade que a população negra carrega para que conseguisse sobreviver e, destarte, fincar sua ancestralidade africana em terras nacionais. Esse acontecimento corrobora diretamente se aplicado de forma correta em sala de aula porque coloca em protagonismo a expertise da população negra e toda relevância que a ação da oralidade traz com ela. Conceição Evaristo pontua sobre a magnitude do poder da palavra e frisa a importância da herança deixada:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo”. (Evaristo, p. 19, 2009)

Ou seja, esse ritmo negro se tornou uma herança deixada pelos nossos ancestrais que por meio de sua oralidade consegue se manter presente nos lares e corações das pessoas. O samba e a educação simpatizam entre si e podem andar de mãos dadas, não somente pelo seu legado histórico, mas por ser uma prática ancestral e cultural, uma forma de viver no mundo.

Além de servir como ato de reivindicação por direitos. Segundo Muniz Sodré

Nos versos das composições de Sinhô, já estava fixada uma das principais características do samba carioca: a letra como crônica do Rio de Janeiro e da vida nacional. As mudanças no modo de vida urbano, acentuadas a partir dos anos 1920, encontrariam na letra do samba um modo de expressão adequada. Sátiras, comentários políticos, exaltações de feitos gloriosos ou de valentias, incidentes do cotidiano, notícias de grande repercussão. (Sodré, p. 43, 1998)

O fato de termos uma lei que reconhece, oficialmente, as escolas de samba como manifestações da cultura nacional acrescentam pano para a manga e aumenta os pontos a favor da temática. Vale destacar que a lei 14.567 foi promulgada no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segue texto da referida legislação:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º São reconhecidas as escolas de samba – seus desfiles, sua música, suas práticas, suas tradições – como manifestação da cultura nacional.

Art. 2º Compete ao poder público garantir a livre atividade das escolas de samba e a realização de seus desfiles carnavalescos.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 04 de maio de 2023; 202º da Independência e 135º da República. (Brasil, 2023)

A sala de aula existindo como um local feito para se pensar em atividades que impactem os/as estudantes, somente reforça o pensamento de que, de fato, as escolas de samba, o samba e toda a sua cultura podem desfilarem de mãos dadas com a educação escolar e gabaritar no quesito aplicabilidade de um currículo e prática contracolonizadora dentro do núcleo estudantil. Nas palavras de Nêgo Bispo, “O contracolonialismo [...] é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. Entende-se o contracolonialismo como um modo de vida que difere o colonialismo.” (Santos, p. 58, 2023)

Percebo a importância de dialogar com o samba enredo de 2019 da Estação Primeira de Mangueira me baseando no conceito de contracolonialidade de Nêgo Bispo (2023), pois entendo o samba enredo enquanto ritmo oriundo da população negra. Assim, como Nêgo Bispo invoca na vida um estilo de pensar e agir que subverta as estruturas coloniais, invoco na sala de aula um ritmo negro que faz com que as pessoas pensem sobre outras possibilidades para história da nossa sociedade. Pois, a contracolonização representa a recusa de um povo a colonização.

Os diferentes modos de saber, a contracolonização, as confluências que Nêgo Bispo pauta em seus pensamentos e fala, me fazem pensar em diferentes caminhos para a contribuição de uma educação que, de fato, seja antirracista, transgressora e contracolonial.

Assim, podemos enxergar esse compartilhamento, como Nêgo Bispo (2023) diz, como uma forma de refletir e tensionar o ambiente da sala de aula.

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. (Santos, p. 26, 2023)

Por acreditar numa educação que seja pautada no diálogo e no afeto, priorizo os pensamentos e contribuições que Nêgo Bispo nos dá em seus ensinamentos. Tenho ciência de que essa também possa ser uma forma de contracolonizar o âmbito escolar, através do compartilhamento de experiências e das vivências que adquirimos.

Ele que reflete a oralidade e a cultura de forma horizontal acaba por fortalecer a relevância de levarmos para a sala de aula diferentes modos de ensinar e aprender. O samba enredo é uma tradição viva presente em nosso mundo. Historicamente, ele atua enquanto método educativo e ajuda, por meio de sua oralidade, as pessoas a conhecerem mais de sua própria história

Quando provoço um debate sobre a colonização, os quilombos, os seus modos e as suas significações, não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, estou

me posicionando como um tradutor. Minhas mais velhas e meus mais velhos me formaram pela oralidade. (Santos, p. 1-2, 2018)

Colocar o samba enredo da Mangueira de 2019 não seria uma forma de aplicar somente o ritmo dentro de sala aula, mas poder enxergar outras possibilidades para se obter uma educação antirracista. Seria olhar para esse aliado enquanto ato de confluência (Santos, 2023) para que as pessoas se sentissem tocadas por essa herança negra valiosa. “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que amplia” (Santos, p. 4-5, 2023).

Sinto o samba enquanto força que amplia e rende não somente por ser um ritmo que sou apaixonado, mas por entender que ele pode aproximar os pensamentos e trilhar uma travessia que fortifique e construa um novo caminhar.

4.1 – ALEGORIA: SAMBANDO E TRANSGREDINDO

“A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade.”

bell hooks, Ensinando a transgredir, p. 273, 2017.

Chegamos na última alegoria desse desfile, uma mistura de felicidade e emoção por entender que todas as apostas que fiz nessa pesquisa deram certo. Como de costume, este subcapítulo alegórico ficará encarregado de explicar o que a ala seguinte trará para esta conversa que estamos tendo.

Na seguinte ala, teremos as experiências em sala de aula que tive com alunas e alunos nas turmas em que minha professora Adilbênia Freire Machado ministra. – Muita sorte carregada de afeto por ela ter me dado essa oportunidade de poder levar para as aulas de Cultura Afro-Brasileira e Africana; Educação, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o samba enredo da Mangueira de 2019 – decido referenciar bell hooks no início do capítulo, pois como já citei ela em diversos momentos dessa ala, entendo que corrobora para a construção da pesquisa. Acredito ser importante dizer que foi possível abraçar uma dinâmica que fosse diferente em sala de aula e poder conhecer mais um pouco sobre diferentes tipos de

histórias em sala de aula. Entender que, em cada coração habita um conhecimento inimaginável, sem dúvidas, foi uma experiência valorosa.

Como já sabemos, as funções das alegorias são de explicar de forma sucinta o que virá a seguir na ala a ser apresentada. Esta alegoria se liga direto a próxima ala e se conectará com a dispersão desse desfile ou como falamos nos moldes acadêmicos, ela estará ligada a conclusão dessa dissertação.

Portanto, para poder falar sobre questões educacionais, sala de aula e educação transgressora, me alicerço nos ensinamentos de bell hooks. Ela que se tornou uma grande pensadora para mim será de grande ajuda nesse processo do desfile. Devo dizer que mais uma vez minha vida é abençoada por mulheres negras. Por priorizar um ensinamento em que todas as pessoas em sala de aula consigam absorver o conteúdo de forma crítica, acredito na educação como prática de liberdade, pois:

A educação com prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, p. 25, 2017)

Por acreditar em uma educação carregada de afeto que seja vista e sentida como a prática da liberdade. Sempre pensei em poder misturar questões afetuosas em sala de aula, mas não querendo romantizar toda problemática. O samba traz o afeto em seus versos além de dar pano pra manga para trabalharmos questões sociais, pois ele traz a luta da população negra, apresenta potencialidades, faz denúncia, revolta e encanto. O samba enredo trabalhado nessa pesquisa cria possibilidades, pois temos a história do nosso país contada do avesso. Assim, traremos experiências sentidas em sala de aula no decorrer das próximas linhas usando o samba proposto como aliado pedagógico.

4.2 – 11ª ALA - O SAMBA EDUCADOR

A ala intitulada “O Samba Educador” veio das orientações que tive na qualificação da minha banca. A professora Fernanda Felisberto ao falar sobre Movimento Negro Educador apontou que o samba também é educador, inspirando-me a nomear a ala assim, porque acredito que se encaixa perfeitamente nela. Entendo o samba como potente agente educador e brilhante aliado antirracista e contracolonial. Além de ser um lugar de afeto e acolhimento também. Tanto o samba quanto as escolas de samba.

Pontuar o impacto que uma escola de samba pode ter dentro da educação é uma vertente interessante a ser dita por que é chegado a hora de subverter a ótica tradicional e enxergar com outros olhares essas histórias. Ou seja, uma expressão musical que permite o indivíduo se sentir bem recebido.

Por saber que precisamos ser docentes sempre atentos e atentas em assuntos atuais, é possível conversar com o pensamento de bell hooks onde ela diz que “os professores que abraçam o desafio da auto realização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (hooks, p. 36, 2017).

Não viso e muito menos pretendo ser um professor que não troque experiências com as/os discentes em sala de aula. Quero poder aprender muito mais do que “ensinar”. Mesmo tendo ciência de que a educação antirracista possa estar em foco atualmente, sei que a prática de ensinar de muitas/os docentes precisa transgredir:

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modelo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupo não brancos possa se refletir um processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. (hooks, p. 68, 2017)

Admito que estava com medo ao entrar na sala de aula para poder compartilhar meus conhecimentos sobre samba, escola de samba e samba enredo da Mangueira, mas como minha orientadora sempre diz, nós precisamos ir com medo mesmo, pois se sentimos medo ou nervoso de fazer algo, é porque ainda temos amor por aquilo. Sempre coloco esse ensinamento em questão quando é minha hora de apresentar um pouco dos meus conhecimentos e pesquisas.

Admito que soava e ainda soa diferente, para mim, ser chamado de professor por algumas pessoas. Porém, entendo que esse sentimento de insegurança é causado pelo racismo presente em nossa sociedade, ou seja, o racismo que se manifesta de forma internalizada em nós. Tenho consciência de que o samba é um lugar de animação, festividade e alegria, por mais crítico que ele possa ser, ele ainda pode, também, ser um local de entusiasmo, como sinaliza bell hooks (2017), permitindo que o educar com o samba seja entusiasmante. Sabendo que a sala de aula pode se tornar um lugar de tédio muitas vezes é monótono, por influência das aulas que assisti de minha orientadora Adilbênia Freire Machado, coloquei a turma em um círculo para que todos pudéssemos nos ver e para “quebrar” essa visão de que apenas a pessoa na condição de docente possa deter o conhecimento.

Eu tinha o desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve um lugar de entusiasmo, nunca de tédio. E, caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e alterassem a atmosfera, até mesmo a perturbassem. (hooks, p. 16, 2017)

Com certeza, um professor, ou professora, que trabalhe o samba em sala de aula como uma ferramenta pedagógica gera um sentimento de transgressão por unir cultura negra e educação, mas também por aplicar essa estratégia de forma distinta e eufórica. Um sentimento que pude viver.

Entrar numa sala de aula de faculdade munida de vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão. Não exigia somente que se cruzassem as fronteiras estabelecidas; não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. (hooks, 2017, p. 17)

As dinâmicas aconteceram de forma horizontal e respeitando todos/as. Espalhei pelas cadeiras partes da letra do samba enredo da Mangueira de 2019 para já conseguir causar um questionamento nas pessoas. Coloquei os nomes presentes nos versos da composição e ao final da aula, perguntei se conheciam algumas daquelas pessoas. O que me causou estranhamento foi porque a maioria não fazia ideia de quem seriam aquelas pessoas. Conversei sobre a importância de cada personalidade trazida na letra do samba enredo da Mangueira do ano de 2019.

Contei um pouco sobre a história do samba e a importância da Lei 10.639/03 em ser trabalhada em sala de aula. É importante sempre que possível dizer a total relevância da legislação e pontuar que ela nasceu a partir de lutas enfrentadas pelos movimentos negros. Disse que a Lei 10.639/03 foi a ideia primária para que colocasse o samba enredo em questão. Segundo a filósofa e minha querida orientadora Adilbênia Freire Machado

A Lei 10.639 deu origem ao Parecer CNE/CP nº. 003/2004, em que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva atuou como relatora por indicação dos Movimentos Negros. O Parecer regulamenta a referida Lei e indica os marcos legais e os caminhos das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*, obrigando a inclusão no currículo escolar oficial dos estabelecimentos oficiais e particulares, no Ensino Fundamental e Médio, demandando sua inclusão na Educação Infantil e no Ensino Superior do estudo da História da África, dos povos africanos e seus descendentes, da luta dos povos negros no Brasil e o papel preponderante de suas culturas na formação da nossa sociedade, ou seja, busca conhecer e ensinar sobre as brasilidades africanas, as africanidades brasileiras e a diáspora africana nas Américas. (Machado, p. 60, 2019)

Em seguida, perguntei onde moravam e se havia alguma escola de samba próxima. Depois, questionei se torciam para alguma escola de samba e qual relação tinham com elas. Quis saber da história de cada um e a aproximação que tinham com as questões que envolvessem o universo do samba.

Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usados de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. (hooks, p. 18, 2017)

Por saber que essas interações são como recursos para a produção da minha dissertação e atuariam de forma construtiva, priorizei a fala de cada pessoa de modo que pudesse colocá-las nessa conversa. Muitos foram os retornos que tive durante e após a aula.

A seguir, vou expor alguns desses relatos que as pessoas me devolveram em forma de texto:

“Samba: ritmo negro para uma educação antirracista: O samba está presente no cotidiano brasileiro e traz toda uma ancestralidade através de algumas canções, na aula com Matheus Fortunato tivemos oportunidade de analisar uma letra de samba enredo muito conhecido da Mangueira que trouxe em sua letra muitas referências afro-brasileiras informando seja diretamente ou indiretamente a sociedade. Nesta aula trocamos visões muito legais sobre escolas de samba e sua importância, de o que significa a escola e até a alegria que elas transmitem, que vai de barracões que ensinam e democratizam a vida e o acesso à cultura onde está presente a conexão com a ancestralidade e a forma como as escolas de samba também ensinam na avenida.” (Aluna: Andreza Souza, Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso: Pedagogia)

Sem dúvidas, essa fala da aluna me toca de forma subjetiva porque faz perceber o quanto conseguimos tocar as outras pessoas e dialogar com algo que é visto apenas como prática festiva. A seguir temos a fala de um aluno do curso de matemática comprovando que o samba pode atuar enquanto aliado para a sala de aula. Quando esse relato chegou até mim, fiquei muito emocionado e grato por entender que o samba consegue tocar as pessoas de muitas formas em suas respectivas áreas.

“O samba pode ser uma ferramenta poderosa para a aplicação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. O samba-enredo da Mangueira de 2019, “Histórias para Ninar Gente Grande”, resgata narrativas silenciadas, como a de Marielle Franco, e exalta a resistência do povo negro e indígena. Essa canção ilustra como o samba pode recontar a história do Brasil sob a perspectiva de quem foi apagado pelos discursos oficiais. A letra valoriza heróis invisíveis e denuncia injustiças sociais, reforçando o potencial educativo do gênero musical. Incorporar sambas como esse nas aulas é uma forma de abordar a contribuição afro-brasileira, conectar estudantes a suas raízes culturais e fomentar debates críticos sobre desigualdades históricas. Além disso, promove o protagonismo negro e amplia a compreensão sobre a pluralidade que forma o Brasil.” (Aluno: Alexandre Villa Oliveira, Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso: Matemática)

A oportunidade de ter tido esse retorno me faz crescer como pessoa e como educador, pois tenho compartilhado a fala de uma pessoa que não estava muito familiarizada com o samba, mas que conseguiu transgredir seu pensamento. O sentido de ir além fica em pauta sempre, pois significa contribuir para uma educação libertadora. Não somente na teoria, mas como podemos perceber na prática também.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda a sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. (hooks, p. 35, 2017)

Me sinto convidado a compartilhar o conhecimento e sabedoria que tenho com as pessoas em sala de aula, o que gera mais engajamento e oportunidade somativa no âmbito educacional. Falas enriquecedoras resultam em um professor ativamente progressista e engajado na luta por uma educação antirracista.

Fazendo um link com as falas sobre ancestralidade, entendo que é necessário se posicionar enquanto professor porque “o educar era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista” (hooks, p. 10, 2017).

Acredito que o samba possibilita reflexões e elucidações que nos levem a pensar que precisamos viver numa sociedade democrática e progressista e que não reproduza as discriminações. Tendo total ciência de que a educação precisa ser crítica e o samba enredo da Mangueira de 2019 é totalmente assim, crítico. Trago mais um relato que fortifica esse pensamento e acredito que seja de grande valor compartilhá-lo nesse desfile:

“O estudo sobre o conceito de Ritmo Negro na educação antirracista me levou a uma reflexão sobre como a musicalidade, o movimento e a corporeidade de matrizes africanas podem transformar o espaço educativo. Esse conceito não é apenas uma referência à expressão artística, mas um convite para incorporar a ancestralidade, o dinamismo e a resistência das culturas negras em uma prática pedagógica inovadora e inclusiva. O Ritmo Negro carrega consigo a história de resistência e sobrevivência dos povos africanos e afro-brasileiros. Ele representa não apenas uma manifestação artística, mas também uma forma de comunicação e luta. Incorporar esse elemento na educação é resgatar memórias coletivas, fortalecer identidades e romper com a hegemonia eurocêntrica que ainda predomina no sistema educacional. Ao explorar as possibilidades do ritmo, percebi que ele pode ser usado como uma ferramenta pedagógica para valorizar a diversidade e criar conexões emocionais e culturais entre os estudantes. Atividades que envolvem música, dança, percussão e outros elementos de expressão corporal têm o poder de engajar os alunos de maneira profunda, promovendo autoestima e um senso de pertencimento.” (Aluna: Daniele Belchior – Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Matemática)

Samba enredo, ritmo negro que dá *pano para a manga* e contribui para uma educação crítica e libertadora, além de ser “revolucionária e profundamente anticolonial” (hooks, p. 11, 2017).

Sei que grande parte das pessoas foi ensinada de uma forma engessada e conteudista em que não éramos vistos enquanto povo potente. No relato acima podemos perceber o quão essa estrutura tem possibilidade de ser quebrada. A pessoa tendo consciência de que pode levar para a sala de aula um estilo musical que pode ser visto enquanto manifestação crítica e artística.

Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para os professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. (hooks, p. 51, 2017)

Refletir o samba e as escolas de samba enquanto pensamento social para se debater questões pertinentes para a nossa sociedade; transmitir o samba enredo da mangueira de 2019 de forma que as pessoas possam perceber que nele há uma possibilidade de ver o mundo a partir de outra lógica, é um dos objetivos dessa dissertação. Nos seguintes relatos é possível perceber que esse intuito pôde ser alcançado.

“A aula começou com um debate sobre como cada um conheceu o samba e o que esse ritmo representa em suas vidas. Matheus trouxe uma nova perspectiva ao apresentar o contexto histórico do nome “escola de samba” e analisar uma música com um olhar crítico, buscando entender sua mensagem além do óbvio. Eu também levei alguns sambas que gosto muito, e, a partir disso, iniciamos uma roda de conversa em que cada um compartilhou suas vivências relacionadas ao samba. Essa foi uma das aulas mais marcantes para mim. O samba é um ritmo que eu amo, tanto pela sua história quanto pelo seu significado na vida das pessoas. Ouvir histórias sobre as escolas de samba, como elas inspiram jovens e educam sobre a cultura afrodescendente, foi emocionante. Cada escola carrega um trabalho árduo durante o ano todo, e, no carnaval, transforma isso em uma bela narrativa cultural e histórica. O samba é mais do que um ritmo: é uma manifestação cultural e política que carrega as raízes do povo negro. As escolas de samba são espaços de resistência, educação e inspiração para muitos jovens. Elas conectam passado, presente e futuro, mostrando a força de uma cultura que se reinventa a cada ano. Essa aula me fez valorizar ainda mais o papel do samba como um instrumento de educação antirracista e como um meio de resgatar e contar as histórias da comunidade negra.” (Aluna: Keith Evelyn - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Matemática)

“Ao estudar o samba, pude compreender como essa expressão cultural negra não é apenas um ritmo, mas um símbolo de resistência e luta contra a marginalização. A reflexão crítica que surgiu foi sobre como o samba pode ser usado como uma ferramenta pedagógica para promover a educação antirracista,

valorizando a cultura negra e criando um ambiente de empoderamento para os alunos.” (Aluno: Edson Lucas - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Matemática)

A relação entre passado e futuro se conecta diretamente com o pensamento da ancestralidade, esse conceito filosófico que pode ser acordado em nós faz com que nos conectamos com diferentes tipos de pensamentos e diálogos. Compreender que um ritmo marginalizado tempos atrás pode atuar em sala de aula é valorizar a história de pessoas que fazem parte do nosso cotidiano, mas que por consequência do racismo não puderam ter a riqueza do seu pensamento, de suas produções reconhecidas. Saber a história do samba, conhecer o que é o samba é conhecer a própria história do Brasil.

Nesses relatos seguintes podemos perceber o quanto a cultura das escolas de samba está ligada com as pessoas, muitas vezes sem perceber. É importante mencionar mais uma vez que dentro das escolas de samba há produção de conhecimento que deve ser valorizado. Esse conhecimento que muitas das vezes é oriundo do enredo que a escola vive no ano atual transita por toda comunidade torcedora. Ou seja, as pessoas acabam sendo tocadas por ele. Fazer o corpo docente e discente perceber isso é diminuir essa distância entre as escolas de samba e as escolas formais. É aproximar a cultura popular para os muros da escola.

Durante as aulas sempre pergunto para qual escola de samba as pessoas torcem, pois dessa forma podemos conhecer um pouco mais sobre cada ser. É importante frisar que pode existir uma rivalidade, mas que seja saudável, pois as escolas de samba enquanto movimentos sociais vivos e existentes fazem o papel delas. Papel que está inteiramente ligado à contribuição de uma formação crítica e consciente.

“Antes de começar a relatar sobre a aula de hoje, preciso deixar claro que sou Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-flor de Nilópolis. E após este registro complemento, que a aula ministrada pelo Mestrando Mateus Fortunato foi incrível. A aula está repleta de símbolos que fazem parte da minha História pessoal. Durante a ministração da aula, Mateus em determinado momento pergunta “vocês sabem porque chamam de escola de samba?”, na mesma hora lembrei da minha família, e relatei que a partir da minha experiência pessoal, pude perceber que é escola pois forma em inúmeros âmbitos, que fornece conhecimentos que muitas vezes nos são negados, pelo simples fato do acesso ser politicamente projetado para não ser/ poder tocar ou experienciar.” (Aluna: Stefany Belo - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de História)

O relato acima corrobora para o pensamento de que as escolas de samba atuam enquanto escolas não formais dentro da nossa sociedade. São instituições que ultrapassam os muros do âmbito escolar. É importante entender que esses pensamentos vão além, ou seja, tem ação totalmente transgressora. A

educação pode ser tanto desenvolvida dentro e fora de sala de aula. Dentro dos muros da escola. Fora; nas escolas de samba. A escola de samba é um lugar que causa encantamento e “transforma os sujeitos/as com novas ideias, valores e crenças” (hooks, p. 11, 2017).

“Também tivemos um encontro com o samba, como o samba faz parte da nossa vida e as personalidades envolvidas, essa aula me remeteu ao passado quando via os desfiles de escolas de samba, inclusive até hoje, atualmente vemos bastante preconceito com o samba e as escolas de samba, dizem que o samba só tem “macumba” e outras falácias a mais, essa aula serviu para percebermos o que de fato representa o samba, se cada um tivesse um pouco dessa reflexão da história do samba e suas origens, a sociedade brasileira não estaria tão esquematizada às ruínas do preconceito e da discriminação. Nesse encontro foi perguntado qual a diferença do que é carnaval, escola de samba e samba-enredo, não soube responder com muita clareza, mas acredito que consegui passar qual era a ideia de cada um.” (Aluno: Marcelo Cristiano - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Matemática)

O acesso a diversas falas durante a aula pôde elucidar muitas questões para a compreensão mais aprofundada dessa dissertação. Enquanto professor, pude notar que a cultura do samba e das escolas de samba cresce dentro dos núcleos familiares, educando de formas diversas em âmbitos diversos como uma das alunas apontou. Entretanto, essas escolas não “entram” nessas vivências em sala de aula por muitas pessoas acharem que não vale a pena. Ou por não se atentarem. Trago mais uma vez a lei 10.639 para o debate, e entrelaço-a com a escola de samba e, especialmente, o samba enredo da mangueira. Uma forma de colocá-la em prática. Fazer com que os sujeitos percebam essa possibilidade é romper com as barreiras tradicionais. Pois, a criticidade faz perceber que há uma lógica predominante na sala de aula.

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. (hooks, p. 63, 2017)

Pelos relatos é perceptível notar o entusiasmo das alunas e alunos se tratando dessa possível novidade em sala de aula. A turma se rendeu aos encantamentos das escolas de samba e do samba. É nítido.

Trago para esse desfile um relato em forma de poesia/música feito por uma pessoa que estava presente em uma das aulas que ministrei.

Samba, Alma que Canta
Nasceu do tambor, do coração que pulsa
Nos becos e ruas, onde a vida é luta

O samba é história que a dor expulsa
 E faz da tristeza uma voz absoluta
 Pelas mãos negras da resistência
 Batuque, cadência, a roda se forma,
 É festa, é prece, é sobrevivência,
 Um grito de vida que nunca se conforma.
 Dos morros, ecoa a ginga ancestral,
 Do surdo profundo ao cavaquinho gentil,
 É força que rompe o muro social,
 É a ponte que liga o Brasil ao Brasil.
 Canta o amor, a saudade, a malandragem,
 Canta a alegria e a dor da memória,
 No compasso do tempo, faz sua viagem,
 E transforma a derrota na própria vitória.
 Samba é roda, é corpo, é união,
 É suor que brilha sob a lua cheia,
 É resistência, é celebração,
 É raiz que cresce, é vida que semeia.
 E assim ele segue, eterno, imortal,
 Guardando no peito a essência da gente,
 O samba é o Brasil em seu tom mais real,
 Um poema que dança, vibrante e potente.

(Aluno: Ismael Sudré do Nascimento Santos - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Matemática)

Dando continuidade com a ala de experiências na sala de aula, escolhi o relato acima porque ele pode ilustrar de forma afetiva como as diferentes estratégias podem tocar as pessoas. Esse encantamento fica mais forte se for compartilhado dessa maneira. Ensinar de um jeito que possa gerar curiosidades e ao mesmo tempo aprender com as possibilidades. Uma pedagogia que alavanque novas chances para uma comunidade escolar mais acolhedora e crítica.

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (hooks, p. 63, 2017)

A seguir compartilho mais uma rica e transgressora experiência em forma de relato:

“Essa aula foi voltada para o samba da Mangueira de 2019 foi muito mais do que uma apresentação carnavalesca. Foi um verdadeiro grito político, um manifesto cultural e uma aula viva de história e resistência. O enredo “História para ninar gente grande” teve coragem de revisitar a memória do Brasil a partir da perspectiva dos povos marginalizados, principalmente dos negros e indígenas, que por tanto tempo foram silenciados pelos livros oficiais. Assim e refletir sobre essa aula de samba é confrontar verdades escondidas, é entender que a história contada nas escolas muitas vezes exclui os protagonistas reais. A Mangueira ousou mostrar Jesus negro, de favelado, que anda entre os pobres e oprimidos. Trouxe à tona vozes esquecidas, como a de Dandara, Zumbi e Marielle Franco, revelando a importância de reconhecer heróis que representam o povo. Esse samba nos convida a pensar sobre o papel da arte como ferramenta de educação e transformação social. A emoção das alegorias, o impacto das letras e a força da bateria formaram uma narrativa crítica que ecoa até hoje. Não foi só um desfile, foi um movimento de denúncia e valorização da verdadeira identidade brasileira. Ao escrever nesse diário, percebo que a Mangueira nos deu uma aula que deveria estar em todas as salas do país. Ela mostrou que aprender também é sentir, refletir e resistir. E que a cultura popular, quando se une à consciência social, é uma arma poderosa contra a opressão e o apagamento histórico” (Aluna: Gabriela Marques - Turma de Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2024.2, curso de Pedagogia)

Para bell hooks, nós, enquanto professores/as, precisamos estar presentes em sala de aula a fim de causar esse tipo de pensamento que foi relatado acima, trazer debates que façam do conhecimento “uma experiência de inclusão” (hooks, p. 51, 2017). Isso corrobora para a criação de uma sala de aula que priorize a valorização da cultura e história do nosso povo. Segundo hooks (p. 51, 2017), “a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal”. Nessa linha de pensamento, de fato, há um padrão que impera e acaba por ser reproduzido na sala de aula, mas entendo e percebo que ao aplicar essa experiência em sala, é possível quebrar com esse paradigma.

Entendo que a educação enquanto prática de liberdade, de transgressão, de contracolônização e antirracista valoriza o conhecimento e a história das verdadeiras personalidades que construíram a nossa sociedade. Essa pluralidade de compartilhamentos, de afetos, de aprendizados possibilita a construção de uma educação que subverta a lógica colonial e tensione as normatizações presentes na sala de aula.

DISPERSÃO

Chegamos na dispersão do desfile, a parte em que entendemos enquanto “conclusão” ou parte “final”. As palavras conclusão e final estão entre aspas, pois esse desfile não possui um fim propriamente dito. Como Nêgo Bispo (2023) diz que a vida tem começo, meio e começo de novo, esse desfile também segue dessa mesma forma, pois

Nós, caminhando pelos penhascos, atingimos o equilíbrio das planícies. Nós nadando contra a marés, atingimos a força das marés. Nós, habitando nos rincões, atingimos a proximidade da redondeza. Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia. (Santos, 2023)

Isto é, se você ler essa escrita pelo começo ou pelo fim ou vice-versa, ela se ligará de forma entendível. Me alicerço na estruturação dos desfiles oficiais das escolas de samba porque neles também temos essa mesma intenção. Portanto, é chegado o momento de dizermos um até breve para esse desfile. Aliás, gostaria de expressar que foi um prazer poder dividir algo que me encanta e que acredito que encantará mais pessoas.

“Meu coração é verde e rosa, descendo o morro, eu vou. A música, alegria do povo chegou, a mangueira chegou” (Bandolim, 2010), como diz o próprio verso, a mangueira chegou e com essa chegada podemos ver o impacto das escolas de samba dentro da educação. O impacto da Estação Primeira de Mangueira dentro do âmbito educacional. É notória a enxergar essa repercussão. Além de ser uma forma de entusiasmo para todas as pessoas na sala de aula, ela pode atuar de modo que construa o conhecimento por meio da cultura e história da sociedade. Não esquecendo de colocar em prática a lei 10.639/03. Agora, que estamos nesse ponto da caminhada, convido todas as pessoas que estão aqui a fecharem seus olhos e imaginarem uma cor para o desfile das suas vidas ou as travessias que trazem encanto para o coração. A cor que guia o desfile é única e pessoal, pois cada ser humano tem o dom de imaginar na sua própria subjetividade.

A cor que guia meus passos é verde-rosa, acredito que seja algo que venha antes de mim, bem antes. Pois, sei que meus antepassados rabiscaram o chão para que eu chegasse nesse momento sambando. Muitas mulheres, muitos homens, muitos corpos desfilantes. Corpos que sambam e desfilam, que escutam e escrevem. Corpos existentes! Resistentes!

Amanheceu e chegamos à dispersão do nosso encontro, durante nossa caminhada pela apoteose da educação, conversamos sobre momentos importantes que influenciam o objetivo principal da temática, isto é, o samba enredo da mangueira de 2019 enquanto aliado pedagógico a fim de se obter uma prática antirracista dentro de sala de aula e contribuir com formas diferenciadas de aplicarmos a lei 10.639 de 2003.

Hoje, se consigo abordar tantos assuntos que versam sobre esse universo é porque muitas pessoas iluminaram esse caminho para chegar até aqui. Durante o decorrer deste desfile, tentei explicar de que formas o samba enredo pode contribuir para a educação antirracista, transgressora e contracolonial, frisei em todo momento que, para além desse argumento, ele pode ser visto como prática cultural e forma de habitar nesse mundo. Reforcei que as escolas de samba nasceram das manifestações religiosas afro-brasileiras por

meio do canto entoando e forjando discursos poderosos para que a população reivindicava seus direitos. Dialogamos sobre as matriarcas do samba, as Tias Baianas, e como as vicissitudes da época não as impediram de tornar seu legado real.

Ressalto, mais uma vez, a importância da figura feminina para que esse legado se mantivesse vivo em nossos corações, mulheres donas de uma expertise ímpar. O que me leva a pensar em uma futura pesquisa que investigue mais sobre as questões de gênero atreladas ao universo do samba. Pois, sem as Tias Baianas não existiria o samba em todas as suas possíveis vertentes.

Samba, samba enredo e educação sempre tiveram tudo a ver, eles podem andar de mãos dadas e gabaritar no quesito educação antirracista. As escolas de samba possuem enorme potencial pedagógico e há produção de conhecimento dentro desses espaços, isso é um fato. Assim, acredito que com esse diálogo, possamos diminuir essa distância entre ambos os lados. Nesse percurso quis colocá-lo em um lugar que trouxesse um teor que pudesse manifestar culturalmente a presença de pessoas negras, pobres e faveladas que tinham e têm o samba em seu cotidiano.

Nesse desfile, me atentei em observar de que forma esta prática cultural pode sambar em conjunto com a sala de aula, rompendo a lógica embranquecida e colonial que se enraizou no chão da nossa sociedade. E, para além disso, colocar em prática a lei que foi fruto de muitas lutas e enfrentamentos que a população negra encarou.

Pisando forte na Sapucaí da vida e conduzindo esse diálogo, abro o meu desfile com a comissão de frente e sigo para o abre alas em que mostro o enredo e a cor que guiou os meus passos. E, ao final, concluo esse pensamento dizendo que o samba enredo e a educação são os enredos que guiaram e guiam os meus passos, sempre!

Ao chegar à dispersão dessa conversa, gostaria de apresentar a vocês a pessoa que forjou esse desfile e o idealizou: Matheus Fortunato da Silva.

Me chamo Matheus Fortunato da Silva, um homem negro nascido na Baixada Fluminense, passei minha infância estudando numa escola no bairro de Nilópolis. Enfrentei muitas adversidades por ser um menino-homem que não reproduzia os costumes que todo menino-homem deveria reproduzir. Sempre fui doce, frágil e sensível. Um tanto curioso e sonhador. Aos quatorze anos de idade, me mudei para Irajá, bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro. Me descobri gay e de lá para cá as coisas mudaram bastante. Fiz amizades, perdi algumas e conquistei pessoas valorosas em meu caminho. Passei por muitos ritmos musicais, que eram de diferentes estilos. Tenho certeza de que foram linhas tecidas que futuramente iriam costurar esse gosto pelo samba.

Ingressei no ensino superior aos vinte anos, o primeiro da família a entrar numa faculdade pública e de qualidade. Não foi uma graduação fácil. Me descobri e me tornei um homem negro. Me entendi enquanto homem negro. Enfrentei professores racistas, homofóbicos, um campus que não pensava muito nas minhas particularidades. Entrei para o PET Conexões Baixada, um grupo de pesquisa que tenho muito apreço. Fiz parte do LEGESEX, outro grupo de pesquisa que carregou um carinho grande. Fui abraçado pelos afetos das professoras Fernanda Felisberto e Joyce Alves. Me deparei com problemas financeiros, mas tive a iniciativa de vender doces e salgados no decorrer da graduação. Foi uma aventura necessária. Ouso dizer que tive um caráter pedagógico para mim, pois ao entrar no campus tive muita vergonha, entretanto com a venda dos quitutes, perdi o medo e criei laços com grande parte das pessoas do campus. Fiquei conhecido como “docinho” — um homem negro, forte e com 1.82 de altura sendo chamado carinhosamente por docinho — tive a ajuda de muitas pessoas que foram indispensáveis nesse caminho.

A pandemia chegou e me afastei dos estudos sobre masculinidade, pois, como disse na comissão de frente, pensava que por ser um homem negro e gay, precisasse pesquisar sobre assuntos que dialogassem com a minha subjetividade. Mas, no final da minha travessia no PET Baixada, fui entendendo que não precisava seguir esse pensamento. Senti medo de mudar e não compartilhei essa vontade de alterar meu rumo com ninguém. No último passeio cultural que fiz com o PET, nós fomos ao Museu de Arte do Rio assistir uma exposição sobre os grandes sambistas da época. Me encantei demais com cada personalidade e com cada passo que dava naquele céu estrelado por pessoas negras potentes. Esse céu estrelado desabou sobre o meu colo e me abraçou de forma ancestral porque foi nesse momento que tive acordada a minha paixão pelo samba e pude ter força para colocá-lo na minha pesquisa.

Nesse mesmo instante, fui me aproximando de pessoas que tinham essa paixão pelo samba, tive a sorte de começar a desfilar em algumas escolas de samba. A emoção de entrar na Sapucaí é enorme demais, sugiro que possam tentar ter essa mesma experiência. Você se sente especial. Esse é o poder que as escolas de samba e o samba podem proporcionar.

Nesse ponto tornou-se impossível não trazer o samba para minha pesquisa e introduzi-lo mais ainda nos meus percursos. A pandemia passou e com isso as rodas de samba, desfiles e ensaios técnicos voltam intensamente. Mergulhei totalmente nesse âmbito, conheci mais pessoas. Eu, um homem negro, morador da zona norte do Rio de Janeiro frequentador de muitas rodas de samba aprendendo cada vez mais sobre esse ritmo e percebendo que essa é a natureza que me habita.

Por pensar que a educação precisa de novos estímulos que nos causem emoção ao dar uma aula, pensei em levá-lo para a sala de aula e trazer ritmo para a minha pesquisa de monografia. Mesmo com

receios, coloquei em prática pesquisas sobre samba e educação e assim nasceu o meu trabalho de monografia intitulado “Arte Popular do Nosso Chão: Samba, Educação e Lei 10.639.03”.

Somente para contextualizar sobre a intenção de minha monografia, abordei na escrita sobre samba, educação e leis educacionais. De uma forma bastante aberta, conversei sobre o movimento negro, o samba e a referida legislação supracitada. Dei exemplos de sambas de partido alto e sambas enredo que podem ser usados em âmbito escolar a fim de contar a história que a história não conta. Esse era somente o começo que daria rumo à escrita da minha dissertação.

Até aqui, acredito que tenha falado bastante sobre mim. A pessoa que idealizou esse desfile. Me abri para que pudessem conhecer um pouco mais de um jovem negro, gay e morador da zona norte do Rio de Janeiro. Porém, antes de chegar aqui, sei que tiveram sujeitos fundamentais que forjaram a minha trajetória e precisam ser apresentados nessa conversa. Pessoas que contribuíram para o meu crescimento: Minha vó, minha mãe e meu pai.

FIGURA 9:

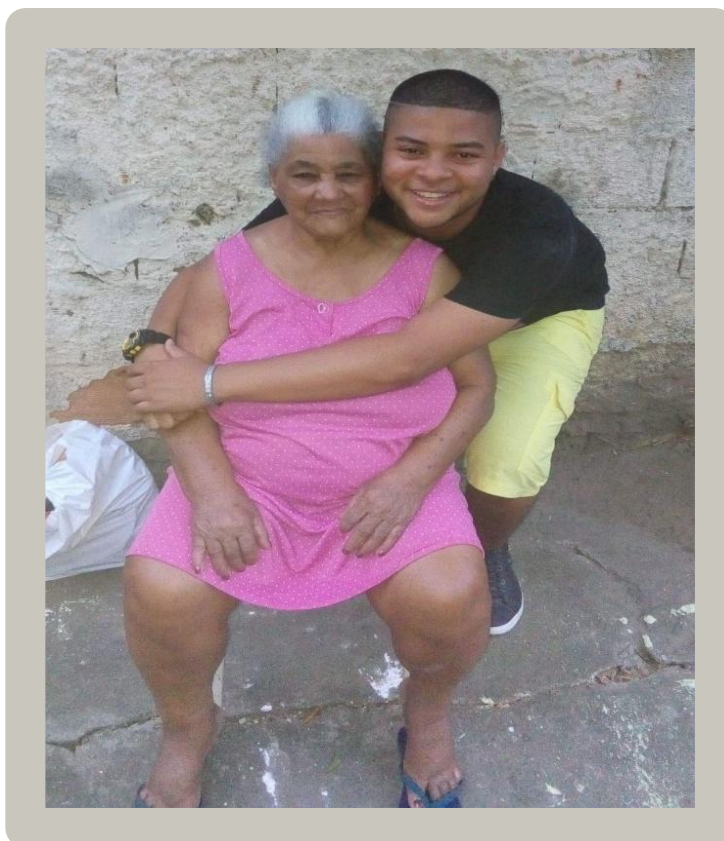


Foto retirada na casa de minha avó. Fonte: o autor

Apresento a vocês: Regina Fortunato dos Reis, uma mulher negra mineirense. Veio para o Rio de Janeiro ainda nova. Mãe de nove filhos. Foi lavadeira, passou e cozinhou para muitas pessoas para que pudesse criar seus filhos. Deixou de comer muitas vezes para dar de comer aos seus filhos. Passava o dia inteiro com uma caneca de café e lavando roupa dos outros. Viveu uma vida difícil por conta das vicissitudes que o racismo e o machismo impuseram para ela. Não deu o braço a torcer. Continuou e criou seus nove todos os filhos que teve. Viveu por noventa e dois anos nesse plano. Minha avó não era alfabetizada, mas conhecia dinheiro como ninguém. Dona Regina, como era chamada assim por muitas pessoas. Não tinha muito conhecimento, mas era rica de uma sabedoria que acredito que muitas pessoas formadas jamais conseguiriam ter. Dona de casa, morando na Baixada Fluminense em Nilópolis não teve muito luxo, acho que quase nenhum. Teve o básico na vida. Me encontro com minha avó em vários momentos da vida, sei que essa trajetória não é somente minha. Sigo o rastro ancestral deixado por ela. Nunca fui o neto “preferido”, nunca fui de ouvir ela dizer que me amava e isso não era uma questão para mim. As noites em que passava na casa dela por medo de dormir sozinho em casa eram muito boas. Nós ficávamos até tarde da noite conversando e comendo também. E com um pouco de vergonha, perguntava para ela se podia dormir na casa dela. Ela sempre dizia que sim. Era bom, eu gostava muito! Acho que esse foi o colo que ela conseguiu me dar na vida.

Os anos se passaram e com a chegada da pandemia tudo ficou muito difícil, e ela já com noventa e dois anos estava bastante cansada. Lúcida, porém cansada. Ficou doente e, infelizmente, não consegui visitá-la no hospital. Mas, falei com ela por chamada de vídeo da sala da minha casa. Disse que a amava, essa foi a primeira vez que falei essa frase para minha avó. Ela se emocionou e disse que também me amava. Isso foi simbólico demais para mim, porque nesse momento da vida já entendia as situações que o racismo nos faz passar. E, infelizmente, ele nos tira essa liberdade de expressar o amor por meio das palavras.

Minha avó dizia “é muito janeiro num lombo só, meu Deus”. Ela faleceu no dia 21 de abril de 2020. Porém, segue viva no meu pensamento e fazendo parte de todos os meus desfiles. Ela sempre estará presente na minha memória e entendo que a energia dela vive em mim e me impulsiona rumo ao futuro transgressor.

À Dona Regina, avó do idealizador desse desfile, dedico todas as homenagens e flores do mundo. Sei que me acompanha onde quer que esteja. Uma mulher forte, potente, feminina. A matriarca dos Fortunatos. Teve nove filhos, quatro homens e cinco mulheres. Entre essas cinco mulheres, nós temos uma que é muito especial; a mulher chamada Tônia Caetano Fortunato dos Reis, minha linda mãe.

FIGURA 10:



Foto retirada no ensaio de rua da Mocidade. Atrás temos a comunidade da Vila Vintém. Fonte: o autor

Sempre que possível, gosto de trazer ela para as minhas escritas e para meus desfiles acadêmicos ou nas escolas de samba. Pois bem, essa mulher chamada Tônia significa tudo para mim. Uma mulher negra

que criou seus dois filhos sozinha, porque meu pai fez sua passagem quando tínhamos apenas seis e quatorze anos. Meu irmão mais velho tem trinta e quatro anos, e eu estou com vinte e oito anos de idade.

Nascida em Nilópolis, região dominada pela escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, não se deixou levar pela maioria do gosto da cidade e optou por torcer por outra escola de samba. Porém, sobre isso, iremos abordar um pouco mais a frente para entendermos de que forma ela se apaixonou pelo samba e pela escola de samba.

Quando era jovem minha mãe trabalhou em todas as chances possíveis que se pudesse imaginar. Catava fezes de animais para vender como adubo, entregava roupas passadas e engomadas pela minha avó pelo bairro a fora. Encerava o chão de algumas casas e todo dinheiro que ganhava dividia com Dona Regina. Ao ganhar um pouco mais de idade começou a vender condimentos pelos lugares. Ela me diz que já “rodou” por muitas favelas do Rio de Janeiro vendendo suas mercadorias. Mas, foi na Vila Vintém que ela sentiu uma energia diferente das outras comunidades. Tinha o sonho de ser professora de educação física, mas era quase impossível realizar. Completou parte do segundo segmento do ensino fundamental, mas isso foi somente depois dos trinta anos.

Situada na zona oeste do Rio de Janeiro, a escola de samba da Mocidade Independente de Padre Miguel foi a agremiação que fez minha mãe se encantar pelo universo das escolas de samba. O pavilhão que tem as cores verde e branco predominantes já foi campeão do carnaval carioca mais de cinco vezes. Aliás, carrega em sua bandeira a imagem de uma estrela em que todo torcedor se orgulha e faz questão de mencionar que é a estrela mais brilhante da zona oeste. A estrela independente de Padre Miguel conquistou o coração de uma mulher que nasceu e viveu boa parte de sua vida na baixada fluminense. Pontuo essa questão de diferença geográfica porque o encantamento pelas escolas de samba vai além da localização que habitamos. O que me faz pensar que, sem dúvidas, não se nasce torcedor de nada, mas torna-se.

Reitero que as vivências de minha mãe dentro da Vila Vintém foram importantes para que houvesse essa identificação. Mesmo que tenham sido vivências sentidas por meio do trabalho. Entretanto, ela nunca tinha entrado na quadra, mas com o meu encantamento pelo samba, nós nos aproximamos desse lugar e pude levar ela para conhecer a quadra. Foi muito gratificante para mim e um tanto significativo ter levado ela para a quadra que sempre sentiu vontade de entrar, mas nunca pôde porque o trabalho precisava estar em primeiro lugar. Aos cinquenta e quatro anos, ela fez sua estreia dentro dos muros da verde e branco e se emocionou. Ela sempre passava somente na porta quando era mais nova.

Gostaria de destacar que foi na Mocidade Independente de Padre Miguel que nasceu a famosa “paradinha”. A paradinha seriam as paradas que existem na bateria comandada por um mestre de bateria e

juntamente formada pelos ritmistas. A informação mais recorrente que temos sobre é de que em um dia de chuva o mestre André (antigo mestre de bateria de escola) estava ensaiando como de costume com a ala, mas como o chão estava escorregadio, e ele tinha a estranha mania de andar para um lado e outro, acaba escorregando e caindo no chão. Os ritmistas presentes se assustaram ao ver e pararam na hora, pois ficaram preocupados. Nesse momento, mestre André percebe que poderia colocar esse intervalo dentro da ala e, posteriormente, apresentar esse “erro” durante o dia do desfile. O feito foi tão importante que a bateria passou a ser quesito dentro dos desfiles e colocou a estrela de Padre Miguel no holofote das grandes escolas de samba.

Sou mangueirense dos pés à cabeça, mas a mocidade sempre me emociona. Acredito que seja por essa mistura de sentimentos que a escola traz com ela e por ser a agremiação que tem minha mãe como torcedora.

Tonia Caetano Fortunato dos Reis, se faz presente nesse desfile como em todos os outros da minha vida. Tenho certeza de que a ancestralidade acordada em nós fez com que nos aproximássemos do universo do samba. Espero que possamos apreciar muitas mais travessias nessa vida e que o samba continue dando ritmo para o nosso amor.

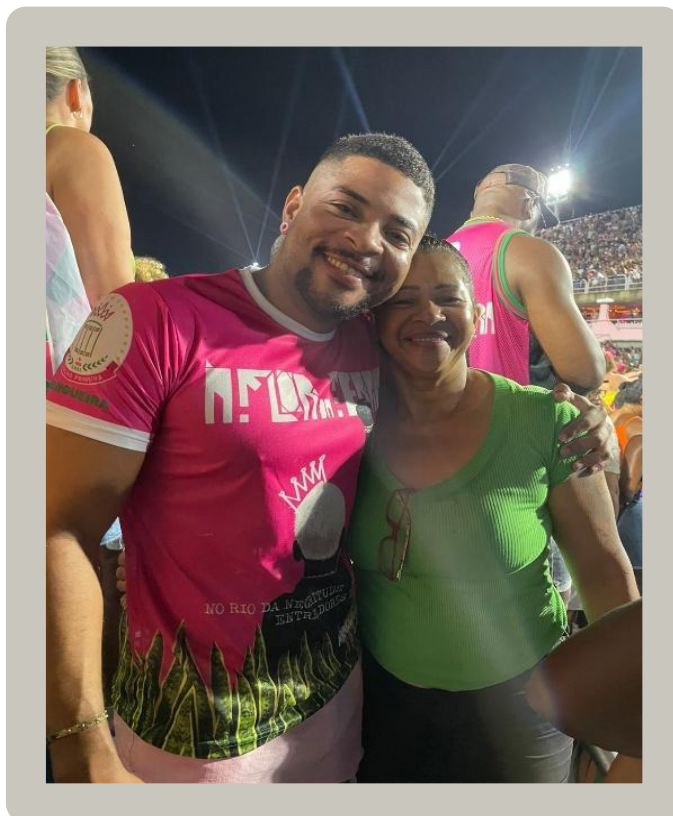
FIGURA 11:

Foto retirada no ensaio técnico da Mangureira em 2025. Fonte: o autor.

FIGURA 12:

Foto retirada pela minha mãe. O meu pai gostava de me pegar desse jeito quando criança. Me segurava em pé na palma de sua mão. Fonte: o autor.

Agora, é hora de convidar para esse diálogo o pai do idealizador do desfile: Floriano Montenegro da Silva. Meu pai foi um homem negro paraense que veio morar no Rio de Janeiro quando tinha por volta dos quarenta/cinquenta anos de idade. Ele fez sua passagem quando tinha sessenta e cinco anos. Me lembro um pouco dele, mas ainda tenho recordações de alguns momentos. Mesmo algumas memórias não sendo as mais lindas desse mundo. Hoje, posso compreender o quanto o racismo e o machismo foram mazelas infelizes presentes na vida dele. Me recordo quando ele chegava em casa de manhã com um saco de balas e assobiava para mim, corria em sua direção e se sentava no seu colo e comia aquelas balas. Me lembro das agressões físicas e verbais que minha mãe sofria por ciúmes que ele tinha. Recordo quando viajei com ele para Belém do Pará para conhecer sua terra natal e seus parentes.

Teve dez filhos com mulheres diferentes. Eu fui o último. Ele não queria que minha mãe tivesse engravidado mais uma vez por achar que estava velho demais para ser pai novamente. Não aceitou a gravidez por um tempo. Houve ameaças da parte dele. Ele era mangueirense também, era ótimo em matemática. Tinha o sonho de estudar e ser advogado. Quando completou a maioridade teve que sair do orfanato e foi trabalhar no que podia. Minha mãe diz que meu pai escutava muitos sambas antigos. Ele ensinou muitas coisas para ela.

Trabalhou como vigia em um condomínio e, assim como minha mãe, não completou os estudos. Era chamado de Bangu no prédio em que trabalhava. Não teve uma vida fácil. Logo depois de se aposentar, descobriu que estava doente e que teria que mudar drasticamente sua rotina. Isso fez com que ele tivesse depressão e culminou em um infarto.

Ele infartou de madrugada. Minha mãe cuidou dele até seu último momento. Me lembro de tudo como se tivesse acontecido horas atrás. Eu tinha seis anos apenas. Não entendia muito, mas senti uma grande tristeza. Me lembro que já em seus últimos dias, brincava jogando a toalha em cima dele, e ele ficava parado, estático, como se não estivesse mais ali naquele plano. As lembranças que tenho do meu pai às vezes aparecem e às vezes desaparecem feito os tempos nublados da vida.

Entretanto, sei que ele e minha avó teriam muito orgulho de mim se estivessem presentes nesse plano. Minha mãe se enche de orgulho do ser humano que me tornei. Tive uma avó que não teve a oportunidade de ser alfabetizada, um pai que tinha o sonho de ser advogado e uma mãe com o sonho de ser professora de educação física. Hoje, me vejo formado em pedagogia e prestes a concluir o mestrado. Acredito ser a materialização dos sonhos vindouros dos meus antepassados. As histórias que foram contadas aqui foram ouvidas pela minha mãe nas várias conversas que já tivemos. Nos meus passos há a minha avó, há a minha mãe, há o meu pai.

A ancestralidade se mantém viva e presente na minha vida. O que me faz pensar que essa será a estrela suleante que guiará futuras travessias do meu ser. Pensar os passos, os corpos desfilantes, a comunidade, o comunitarismo presente na escola de samba. As mais velhas e os mais velhos, a juventude e o respeito são eixos que possivelmente caminharão em um futuro enredo. Mergulhar nesse universo filosófico e submergir por caminhos novos a fim de que haja uma imersão pensando a escola de samba enquanto lugar ancestral. A experiência de nadar por águas nunca sentidas por mim será a mola propulsora que guiará os passos futuros. Novos caminhos. Novos Enredos. Novas alas. Um novo desfile.

FIGURA 13:



Foto retirada durante o ensaio técnico da Estação Primeira de Mangueira de 2025. Fonte: o autor.

De volta a parte final da apresentação do idealizador desse desfile, gostaria de destacar mais algumas informações sobre mim para que todas as pessoas que se sentissem tocadas por ele tivessem a curiosidade em ler esse enredo e saber mais sobre o sujeito que forjou esse diálogo.

Nasci na Baixada Fluminense e atualmente moro na zona norte do Rio de Janeiro. Sou um homem negro, gay, sentimental, sonhador, sambista, pesquisador e apaixonado pela Estação Primeira de Mangueira e pela educação. Não sei dizer se sou mais sambista ou se sou mais pesquisador. Acredito que não tenha ordem certa.

Sou neto de Regina Fortunato dos Reis, uma mulher negra que foi lavadeira, passadeira e dona de casa. Essa mesma mulher gerou e criou a minha mãe, Tonia Caetano Fortunato dos Reis, uma mulher negra que em sua juventude se apaixonou pelo meu pai, Floriano Montenegro da Silva, um homem negro que trabalhou como vigia durante grande parte de sua vida.

Sou neto da lavadeira. Sou filho da mulher que caminhava pelas ruas vendendo seus produtos. Sou filho do homem que exerceu a profissão de vigia. Sou aluno de uma universidade federal; o primeiro de toda a família a romper o ciclo e ingressar no ensino superior público. Sou pedagogo formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Sou o primeiro a fazer parte de um curso de pós-graduação em uma universidade pública.

Concentro em meus passos a força e sabedoria de toda ancestralidade negra que me guiou para chegar até aqui. Vou continuar desabrochando nos asfaltos das impossibilidades e transgredindo em meu caminhar porque muitas pessoas corroboram para que meus sonhos floresçam e frutifiquem em solos jamais pisados por meus antepassados.

Por fim, enquanto intelectual negro, desejo que esse trabalho, que essa conversa e que esse desfile possa servir como mola propulsora para que outras/os educadoras/es consigam se inspirar e se comprometer com uma educação antirracista, transgressora e contracolonial.

Estimo que possam perceber o paraíso que é poder abordar sobre diferentes assuntos em sala de aula e sentir o entusiasmo que a educação transgressora pode nos dar. Intento que, assim como aconteceu comigo, o samba, as escolas de samba e a Estação Primeira de Mangueira possam tocá-los de forma única e ancestral. Afinal, essas são as artes populares criadas no nosso chão!

FIGURA 14:



Foto retirada em um dos ensaios de rua da Estação Primeira de Mangueira, minha família vivendo esse momento comigo. Minha mãe e meu irmão. Fonte: o autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução. 1ª Ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, PRODUÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS**, Londrina, v. 2, p 1-16, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pd_p_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf. Acesso em: 10 de julho de 2025.

ALVINHO et.al, **100 anos de liberdade, realidade ou ilusão**. Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: 1988

BANDOLIM et.al, **Mangueira é música do Brasil**. Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica. Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Lei 9.988/2023, de 05 de abril de 2023, que torna a música “100 Anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão”, o hino oficial das comemorações do dia 20 de novembro, data de aniversário da morte de Zumbi dos Palmares e Dia Nacional da Consciência Negra. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 05 abr. 2023.

BRASIL. Lei 10.639, 09 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL, Lei 12.139/2005, de 24 de outubro de 2005, institui o “Dia do Samba”. **Diário Oficial Estado de São Paulo**, Palácio dos Bandeirantes, SP, 24 out. 2005.

BRASIL. Lei 14.567/2023, de 04 de maio de 2023, que reconhece as escolas de samba como manifestação da cultural nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 04 mai. 2023.

BRASIL. Lei 15.148/2013, de 02 de outubro de 2013, que institui o “Dia Estadual das Tias Baianas das Escolas de Samba de São Paulo”. **Diário Oficial de São Paulo**, Palácio dos Bandeirantes, SP, 04 out. 2013.

BRASIL. Lei 15.690/2015, de 4 de fevereiro de 2015, que declara o samba patrimônio imaterial do Estado. **Diário Oficial Estado de São Paulo**, Palácio dos Bandeirantes, SP, 15 fev. 2015.

BRASIL. 16.913/2018, de 28 de dezembro de 2018, que declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado os Desfiles das Escolas de Samba realizados no Carnaval. **Diário Oficial de São Paulo**, Palácio dos Bandeirantes, SP, 28 dez. 2018.

BRASIL. Lei 17.363/2021, de 13 de abril de 2021, que institui o “Dia Estadual do Samba”. **Diário Oficial Estado de São Paulo**, Palácio dos Bandeirantes, SP, 13 abr 2021.

DOMENICO et.al, **Histórias para ninar gente grande**. Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. Vol. 12, n. 23, 2007, p.103. Educação: contribuições para a implementação da lei 10.639/03. Uberlândia, EDUFU, 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n. 39, p. 517-534, Dec. 2008. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pib=S1413-24782008000300008&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pib=S1413-24782008000300008&Ing=en&nrm=iso). Acesso em: 25 jul. 2024

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. In: Scripta, Belo Horizonte, Editora PUC Minas, v. 13, n.25, 2º semestre 2009.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas: Com atividades Reflexivas**. Ponta Grossa: Editora Estúdio Texto, 2015.

FREITAS, Luciana Maria Almeida de & VARGENS, Dayala Paiva de Medeiros. “Pluralidade Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Uma Diversidade de Vozes”. **Linguagem & Ensino**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v.12, n. 02: 373-391, jul.-dez. 2009.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, 2012.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Tias Baianas Que Lavam, Cozinham, Dançam, Cantam, Tocam e Compõem: Um exame das relações de gênero no samba da pequena África do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em música da UNIRIO, **SIMPOM: Subárea de Etnomusicologia**, p 971-979, 2010.

G. R. E. S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. **Estatuto do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira**. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, p.71, 22 de fev. de 2006. Disponível em: http://mangueiraapi.g2w.com.br/storage/mangueira/multimidia/2017_12/15139651011513965101440.pdf. Acesso em 4 de out. de 2024.

GUERRA, A. de L. e R., Stroparo, T. R., Costa, M. da, Castro Júnior, F. P. de, Lacerda Júnior, O. da S., Brasil, M. M., & Camba, M. (2024). Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. Revista De Gestão E Secretariado, 15(7), e4019. <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i7.4019>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO. Mangueira do Futuro. c2015. O Instituto. **Programa Social da Mangueira – Modelo de sucesso**. Disponível em: < <http://www.mangueiradofuturo.com.br/o-instituto/>> Acesso em 04 de out. de 2024.

KUSCHICK, Mateus Berger. **O Semba Angolano Pré-Independência (1961-1975): Relações Entre Música e Política. Redes, trânsitos e resistência**, Florianópolis, v.1, n.1, p. 893-902, 25 jan. 2015.

LOPES, Nei. “**A Presença Africana na Música Popular Brasileira.**” Revista: *ArtCultural*: Uberlândia, n. 9, jul-dez de 2005, p. 46-55.

LOPES, Nei. **O Negro no Rio de Janeiro e sua Tradição Musical**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Práxis Ancestrais Femininas: a sabedoria que “renasce” com vestes de diamante. **Problemata**: R. Intern. Fil. V. 11. N. 2 (2020), p. 21-40.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana**: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afroreferenciados. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Vanda. **Exu: O senhor dos caminhos e das alegrias**. In: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, VI Enecult.p. 1-17, 2010.

MONTEIRO, Marianna F. M. **Dança Afro: Uma dança moderna brasileira**. In: NORA, Sigrid e SPANGHERO, Maíra. (Org). *Húmus 4*. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011, v., p. 51-59.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 2º Ed. Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

NASCIMENTO, Alexandre. “Os cursos pré-vestibulares populares como prática de ação afirmativa e valorização da diversidade”. In: BRAGA, M.L.S & SILVEIRA, M.H.V. (orgs.). **O Programa Diversidade na Universidade e a construção de uma política educacional anti-racista**. Brasília, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2007, p. 65-88.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Epistemologia da Ancestralidade. **Revista Entrelugares - Revista de Sociopoética e abordagens afins**, ISSN 1984-1787, 2009 – Disponível: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf>, acesso em 06 de out de 2024.

PAULILO, M. A S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez. 1999. <<http://www.ssrevista.uel.br/n1v2.pdf>>. Acesso em 20 de julho de 2025.

PEIXE, Fernando Antônio Guerra; SANT’ANNA, Rubens de; ALVES, Heloisa. Mangueira. c2017. A mangueira. **História da mangueira**. Disponível em: < <http://www.mangueira.com.br/historiamangueira>>. Acesso em 04 de out. de 2024.

RIOS, Terezinha Azerêdo. “**O gesto do professor ensina**” Acervo Digital da UNESP, Universidade Estadual Paulista, São Paulo (HTTP://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/25/3/D04_O_Gesto_do_professor_Ensina.pdf). Acesso em: 1 set. 2024

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p 44-51, ago 2018

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Jorge Luiz Rodrigues dos; SOUZA, Maria Elena Viana. De A(bdias) à Z(umbi): lembrando que nossa luta não começou agora, e nem termina aqui. In: GOUVÊA, Fernando Cesar Ferreira; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; SALES, Sandra Regina (Orgs). **Educação e Relações Étnico-Raciais: Entre diálogos contemporâneos e políticas públicas**. Petrópolis, RJ: De Petrus ET Alii; 2014. p.165 – 188.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**/Muniz Sodré. - Petrópolis, Rj : Vozes, 2023z

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**/Muniz Sodré. —2. ed – Rio de Janeiro: Maud, 1998.

THEODORO, Helena. **Guerreiras do samba**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 223-236, 2009.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade**: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996.

WIEWIORKA, Michel. “Do racismo científico ao novo racismo”. In: WIEWIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo, Perspectiva, 2007, p. 17-40.